



**Fundação Universidade Federal de Rondônia**  
**Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras**  
**Mestrado Acadêmico em Letras**

---



**SABRINA EVELYN CRUZ OLIVEIRA**

**O APAGAMENTO DO -R EM FINAL DE INFINITIVOS VERBAIS NA ESCRITA DE  
ALUNOS DE 6º ANO DE PORTO VELHO - RO**

**PORTO VELHO - RO**  
**2023**

**SABRINA EVELYN CRUZ OLIVEIRA**

**O APAGAMENTO DO -R EM FINAL DE INFINITIVOS VERBAIS NA ESCRITA DE  
ALUNOS DE 6º ANO DE PORTO VELHO - RO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras da Fundação Universidade Federal de Rondônia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

**Área de concentração:** Línguas, linguagens e culturas amazônicas

**Linha de pesquisa:** Estudos descritivos e aplicados de línguas e linguagens

**Orientadora:** Profa. Dra. Natália Cristine Prado

**PORTO VELHO - RO  
2023**

Catalogação da Publicação na Fonte  
Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

---

O48a Oliveira, Sabrina Evelyn Cruz.  
O apagamento do -R em final de infinitivos verbais na escrita de alunos de 6º ano de Porto Velho - RO / Sabrina Evelyn Cruz Oliveira. - Porto Velho, 2023.

107 f.: il.

Orientadora: Prof.a Dr.a Natália Cristine Prado.

Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Letras - PPGML. Núcleo de Ciências Humanas. Fundação Universidade Federal de Rondônia.

1. Fonologia. 2. Consoante rótica. 3. Oralidade. 4. Escrita. 5. Infinitivos verbais. I. Prado, Natália Cristine. II. Título.

Biblioteca Central CDU 81-116(043.3)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
MESTRADO EM LETRAS

LISTA DE VERIFICAÇÃO

**SABRINA EVELYN CRUZ OLIVEIRA**

**O APAGAMENTO DO -R EM FINAL DE INFINITIVOS VERBAIS NA ESCRITA DE ALUNOS DE 6º ANO DE PORTO VELHO - RO**

Dissertação apresentada em 23 de novembro de 2023 ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras (PPGML) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) como um dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pela banca examinadora constituída pelos docentes:

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dra. Natália Cristine Prado, Presidente da Banca e Orientadora (UNIR);

Professor Dr. Fábio Pereira Couto, Membro Interno (UNIR);

Professor Dr. Lucas Martins Gama Khalil, Membro Interno (UNIR);

Professora Dra. Vera Pacheco, Membro Externa (UESB)



Documento assinado eletronicamente por **NATALIA CRISTINE PRADO, Docente**, em 12/12/2023, às 09:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Pacheco, Usuário Externo**, em 12/12/2023, às 15:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **FABIO PEREIRA COUTO, Docente**, em 12/12/2023, às 19:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unir.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1553784** e o código CRC **604EA15A**.

*À memória de minha amiga*  
***Beatriz de Castro Mendonça.***

## AGRADECIMENTOS

Algumas vezes podemos dizer que o processo de escrita é um ato solitário. Solitário, mas não sozinho. Escrever uma dissertação requer contato e diálogo com as vozes de outros pesquisadores, direção e atenção de quem orienta e paciência e compreensão daqueles que estão próximos de quem está nesse processo. Por isso, em primeiro lugar, dedico neste espaço os meus agradecimentos àqueles que contribuíram para que este trabalho se tornasse possível.

À Doutora Natália Prado, minha orientadora, quem apelido carinhosamente de “mãe acadêmica”, agradeço o incentivo, o apoio e a orientação nesta jornada acadêmica que vem se estendendo desde 2018. Sou grata pela sorte dessa conexão.

Aos professores que compuseram a banca de qualificação e defesa, Doutora Vera Pacheco e Doutor Fábio Couto, pela valiosa leitura e pelas importantes contribuições para este trabalho.

À Fundação Universidade Federal de Rondônia, à qual tenho muito orgulho de pertencer desde o ano de 2017, agradeço o ensino gratuito, público e de qualidade.

Ao meu companheiro, Caíque, pelo amor e apoio incessantes em todos os momentos, nos mais difíceis e angustiantes. Pela presença (e pela ausência, por vezes necessária), pelo carinho e pelo incentivo. Por acreditar que sou capaz mais do que eu mesma consigo. Sua mão foi essencial para que eu me mantivesse em pé durante esta caminhada.

Aos meus pais, Cláudia e Marcos, pela educação que me deram, pelos princípios que me foram ensinados e pelos estudos a mim proporcionados. Por todo o amor. À minha irmã, Maria Clara, por quem tenho muita admiração.

Ao meu avô materno, Raimundo, *in memoriam*, de quem sinto saudades todos os dias. Se não fosse a sua coragem de seguir as águas dos rios que o trouxeram até Porto Velho, nada disso seria possível.

Aos demais familiares, em especial, às minhas avós, Edina e Madalena, pela intensa dedicação à família; à minha tia Cristiane, que ensinou minhas primeiras letras; aos meus padrinhos, Simone e Roberto; e aos meus tios Hélio, Edson e Alessandra, pelos constantes incentivos aos estudos.

À Jolie e à Jessie, meus amores caninos.

Ao meu afilhado Dimitri, pela mais pura forma de amor.

À minha amiga Laís, pela inspiração e pelo encorajamento para seguir as Letras. Aos meus amigos Aline, Wender e Luana, pela companhia desde a graduação. À minha amiga Tábita, pela permanência. À minha amiga Beatriz Primão, pela resiliência. À minha amiga

Larissa, pela confiança.

Aos meus colegas de trabalho – em especial, Carina e Nutiella –, com quem divido meus dias e dos quais por muitas vezes precisei de apoio e paciência.

Ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Fonologia - NEFONO.

Aos alunos informantes desta pesquisa, estudantes do ensino básico de escolas de Porto Velho, agradeço a disposição de fornecerem suas escritas para este estudo. À comunidade escolar, de onde esta pesquisa saiu e para onde, espero, que de alguma forma contributiva volte algum dia.

Aos professores e colegas do Mestrado Acadêmico em Letras, em especial à Letícia, com quem, desde o início, divido meus anseios acadêmicos.

A todos os meus amigos queridos, que ajudaram a tornar tudo mais leve e a me levantar quando desacreditei que conseguiria seguir. À Beatriz de Castro, *in memoriam*, a quem, com muita emoção, dedico este trabalho.

A todos os que se fizeram presentes nesta caminhada.

A todos que me incentivam.

A todos que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização desta pesquisa.

A todos que ainda acreditam na ciência e na educação. Resistiremos e persistiremos.

A Deus, que se representa nos atos de amor de todos os que aqui mencionei. Sou grata, principalmente, pela vida.

Meus sinceros agradecimentos por fazerem da escrita deste trabalho menos solitária. Eu estou em vocês e vocês estão em mim. *Mesmo que estejamos a sós.*

*Há três mil anos desvairi-me, e o que  
restaram foram fragmentos fonéticos de mim.*

**Clarice Lispector**



## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar os fatores linguísticos condicionantes do fenômeno de apagamento do -R em final de infinitivos verbais na escrita de estudantes de Porto Velho - RO e sua relação com a oralidade. Pesquisas linguísticas como a de Callou, Moraes e Leite (1998, p. 72) constataam que o apagamento do /R/ final na fala é hoje uma variação estável, passando, praticamente, a ser uma norma introduzida na comunidade. Buscamos, assim, entender como esse fenômeno, que ocorre na oralidade, pode estar relacionado à escrita de infinitivos verbais sem o -R final, a partir da investigação dos seus possíveis fatores condicionantes e visando refletir a relação da fonética e da fonologia da língua portuguesa com a escrita. Esta análise ampara-se nos modelos teóricos de base gerativa, como estudos sobre Fonologia Prosódica, Teoria da Sílabas e Teoria dos Traços, entre outros, e organiza-se metodologicamente em quatro etapas principais: i) coleta e organização de textos de alunos do 6º ano; ii) coleta e organização de casos de apagamento do -R no final de infinitivos verbais; iii) quantificação, organização do corpus; iv) descrição e análise dos dados coletados. Ao analisar as 104 redações coletadas, constatamos que, dos 618 infinitivos verbais escritos, houve 127 ocorrências de apagamento do rótico em posição de coda final, o que corresponde a 20,55% do total, que varia entre verbos de 1ª, 2ª e 3ª conjugações, como “busca”, “come” e “dormi”. Assim, buscamos investigar se essa tendência pode ser observada também na escrita de alunos de 6º ano de Porto Velho e quais são seus possíveis fatores linguísticos condicionantes, tais como: simplificação da estrutura da sílaba para o padrão CV; contexto fonológico seguinte; contexto fonológico precedente quanto ao traço de altura; extensão do vocábulo; entre outros. Como resultados a partir dessas análises, podemos considerar: i) os alunos informantes estão em fase de aprendizagem das convenções da escrita; ii) a posição de coda final influencia o apagamento de /R/ na fala e, por conseguinte, pode influenciar a forma não-convencional de apagamento do -R na escrita de infinitivos verbais; iii) o contexto fonológico – tanto precedente como seguinte – pode influenciar o (não) apagamento do rótico, que, a partir dos dados analisados, se mostra mais frequente em verbos de 1ª conjugação e seguidos de consoante. Os dados evidenciam que, ao fazerem o uso da escrita, as hipóteses construídas pelos alunos não são feitas de maneira aleatória, mas podem ser motivadas pela oralidade, considerando que estão em fase de amadurecimento linguístico. Este estudo busca, portanto, auxiliar na percepção da relação entre oralidade e escrita e no exercício de reflexão e análise linguística.

**Palavras-chave:** fonologia; consoante rótica; oralidade; escrita; infinitivos verbais.

## ABSTRACT

This research aims to investigate the linguistic factors conditioning the phenomenon of -R deletion at the end of verbal infinitives in the writing of students from Porto Velho - RO, and its relation to orality. Linguistic studies such as that by Callou, Moraes, and Leite (1998, p. 72) confirm that the deletion of final /R/ in speech has become a stable variation, practically turning into a norm within the community. Thus, we seek to understand how this phenomenon, which occurs in orality, may be related to the writing of verbal infinitives without the final -R, by examining its possible conditioning factors and aiming to reflect on the relation between the phonetics and phonology of the Portuguese language with its writing. This analysis is grounded in generative-based theoretical models, such as studies on Prosodic Phonology, Syllable Theory, and Feature Theory, among others, and is methodologically organized into four main stages: i) collection and organization of texts from 6th-grade students; ii) collection and organization of cases of -R deletion at the end of verbal infinitives; iii) quantification, corpus organization; iv) description and analysis of the collected data. Upon analyzing the 104 collected compositions, we found that out of the 618 written verbal infinitives, there were 127 occurrences of rhotic deletion in final coda position, corresponding to 20.55% of the total, varying among 1st, 2nd, and 3rd conjugation verbs, such as "busca" (to search), "come" (to eat), and "dormi" (to sleep). Therefore, we aim to investigate whether this tendency can also be observed in the writing of 6th-grade students from Porto Velho and what its possible linguistic conditioning factors are, such as: syllable structure simplification to the CV pattern; following phonological context; preceding phonological context in terms of height feature; word length; among others. As results from these analyses, we can consider: i) the participant students are in the process of learning the conventions of writing; ii) the final coda position influences the deletion of /R/ in speech and consequently may influence the unconventional form of -R deletion in the writing of verbal infinitives; iii) the phonological context – both preceding and following – may influence the (non) deletion of the rhotic, which, based on the analyzed data, appears more frequent in 1st conjugation verbs followed by a consonant. The data show that when using writing, the hypotheses constructed by the students are not random but may be motivated by orality, considering their linguistic maturation phase. Thus, this study seeks to aid in understanding the relation between orality and writing and in the exercise of linguistic reflection and analysis.

**Keywords:** phonology; rhotic consonante; orality; writing; infinitive verbs.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Representação do aprendizado da escrita intermediado pela oralidade.....	25
<b>Figura 2</b> - Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica conforme Cagliari .....	35
<b>Figura 3</b> - Constituição da sílaba segundo as diretrizes da fonologia não linear .....	37
<b>Figura 4</b> - Escala de Sonoridade.....	38
<b>Figura 5</b> - Segmentos que podem ocupar C.....	39
<b>Figura 6</b> - Padrões silábicos do português.....	41
<b>Figura 7</b> - Molde silábico do português brasileiro.....	42
<b>Figura 8</b> - Tipos silábicos mais frequentes nas línguas do mundo.....	43
<b>Figura 9</b> - Constituintes prosódicos.....	45
<b>Figura 10</b> - Hierarquia dos constituintes prosódicos .....	45
<b>Figura 11</b> - Exemplo de vozeamento da fricativa e <i>tapping</i> .....	46
<b>Figura 12</b> - Estrutura inicial e final do processo de <i>tapping</i> em “açúcar amarelo”.....	47
<b>Figura 13</b> - Realizações fonéticas das consoantes do PB.....	48
<b>Figura 14</b> - Distribuição do apagamento dos róticos em posição final na pesquisa de Santos, Tavares e Prado .....	52
<b>Figura 15</b> - Trecho da redação (Informante nº 13, Escola A).....	65
<b>Figura 16</b> - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “tomar”.....	65
<b>Figura 17</b> - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “levar” .....	66
<b>Figura 18</b> - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “preparar”.....	66
<b>Figura 19</b> - Trecho da redação (Informante nº 09, Escola A).....	68
<b>Figura 20</b> - Trecho da redação (Informante nº 29, Escola A).....	68
<b>Figura 21</b> - Trecho da redação (Informante nº 29, Escola A).....	73
<b>Figura 22</b> - Trecho da redação com apagamento (Informante nº 38, Escola A) .....	73
<b>Figura 23</b> - Trecho da redação com apagamento (Informante nº 43, Escola A) .....	73
<b>Figura 24</b> - Trecho da redação sem apagamento (Informante nº 38, Escola A).....	74
<b>Figura 25</b> - Trecho da redação sem apagamento (Informante nº 43, Escola A).....	74
<b>Figura 26</b> - Ilustração do processo de <i>tapping</i> em “matar ela” .....	75
<b>Figura 27</b> - Trecho da redação (Informante nº 01, Escola B).....	76
<b>Figura 28</b> - Ilustração do processo de <i>tapping</i> em “beber e namora”.....	77
<b>Figura 29</b> - Diagrama das vogais do PB.....	78
<b>Figura 30</b> - Traços de abertura das vogais do PB.....	78
<b>Figura 31</b> - Trecho da redação (Informante nº 17, Escola A).....	79

<b>Figura 32</b> - Trecho da redação (Informante nº 26, Escola A).....	79
<b>Figura 33</b> - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola B).....	79
<b>Figura 34</b> - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola C).....	80
<b>Figura 35</b> - Trecho da redação (Informante nº 01, Escola B).....	83
<b>Figura 36</b> - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola B).....	83
<b>Figura 37</b> - Trecho da redação (Informante nº 21, Escola A).....	83
<b>Figura 38</b> - Trecho da redação (Informante nº 29, Escola A).....	83
<b>Figura 39</b> - Trecho da redação (Informante nº 02, Escola B).....	84
<b>Figura 40</b> - Trecho da redação (Informante nº 09, Escola C).....	84
<b>Figura 41</b> - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola A).....	84
<b>Figura 42</b> - Trecho da redação (Informante nº 23, Escola A).....	84
<b>Figura 43</b> - Trecho da redação (Informante nº 26, Escola A).....	84
<b>Figura 44</b> - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “dar” .....	85
<b>Figura 45</b> - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “ser” .....	85
<b>Figura 46</b> - Trecho da redação (Informante nº 04, Escola C).....	86
<b>Figura 47</b> - Forma de onda e espectrograma da sequência “varrer sempre” .....	88
<b>Figura 48</b> - Redação Informante nº 42, Escola A .....	88
<b>Figura 49</b> - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola A).....	89
<b>Figura 50</b> - Trecho da redação (Informante nº 22, Escola A).....	90
<b>Figura 51</b> - Trecho da redação (Informante nº 25, Escola A).....	90

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> - Quadro geral de casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais (Escola A).....	58
<b>Quadro 2</b> - Quadro geral de casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais (Escola B).....	60
<b>Quadro 3</b> - Quadro geral de casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais (Escola C).....	61

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola A) .....	61
<b>Tabela 2</b> - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola B) .....	61
<b>Tabela 3</b> - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola C) .....	61
<b>Tabela 4</b> - Percentual de infinitivos verbais com e sem apagamento do -R classificados por suas conjugações .....	62
<b>Tabela 5</b> - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escolas A, B e C) .....	63
<b>Tabela 6</b> - Percentual de infinitivos verbais sem e com apagamento do -R (Escolas A, B e C) .....	63
<b>Tabela 7</b> - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte .....	71
<b>Tabela 8</b> - Quantidade de infinitivos verbais sem apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte .....	71
<b>Tabela 9</b> - Quantidade de infinitivos verbais com e sem apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte .....	71
<b>Tabela 10</b> - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas e suas conjugações .....	81
<b>Tabela 11</b> - Quantidade de infinitivos verbais sem apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas e suas conjugações .....	81
<b>Tabela 12</b> - Quantidade de infinitivos verbais com e sem apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas.....	81

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Percentual de infinitivos verbais com e sem apagamento do -R.....	62
<b>Gráfico 2</b> - Comparativo de infinitivos verbais de 1 <sup>a</sup> , 2 <sup>a</sup> e 3 <sup>a</sup> conjugações sem e com apagamento do -R .....	63
<b>Gráfico 3</b> - Comparativo de infinitivos verbais sem e com apagamento do -R classificados quanto ao contexto seguinte .....	72
<b>Gráfico 4</b> - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte .....	72
<b>Gráfico 5</b> - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto a sua conjugação .....	80
<b>Gráfico 6</b> - Comparativo entre infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas.....	82
<b>Gráfico 7</b> - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas .....	82

## LISTA DE SIGLAS

<b>CNS</b>	Conselho Nacional de Saúde
<b>FGP</b>	Fonologia Gerativa Padrão
<b>IPA</b>	Alfabeto Fonético Internacional
<b>PB</b>	Português Brasileiro
<b>PIBIC</b>	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
<b>PPGML</b>	Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras
<b>RO</b>	Rondônia
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>UNIR</b>	Fundação Universidade Federal de Rondônia
<b>VOLP</b>	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa



## LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

<b>C</b>	consoante
<b>Co</b>	coda
<b>CV</b>	consoante+vogal
<b>CVC</b>	consoante+vogal+consoante
<b>R</b>	rima
<b>σ</b>	sílaba
<b>//</b>	transcrição fonológica
<b>[ ]</b>	transcrição fonética
<b>'</b>	sílaba tônica
<b>∅</b>	fonema zero

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	20
<b>1 A RELAÇÃO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA</b> .....	25
<b>2 EMBASAMENTOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA</b> .....	31
2.1 A FONÉTICA E A FONOLOGIA .....	31
2.2 A FONOLOGIA GERATIVA .....	32
2.3 OS MODELOS NÃO LINEARES DA FONOLOGIA GERATIVA.....	33
2.4 OS TRAÇOS PARA A FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL E A GEOMETRIA DE TRAÇOS .....	33
2.4 A SÍLABA E SUA ESTRUTURA .....	35
2.4.1 <i>Escala de Sonoridade</i> .....	38
2.4.2 <i>Molde silábico</i> .....	40
2.5 A FONOLOGIA PROSÓDICA.....	43
2.5.1 <i>Constituintes prosódicos e hierarquia prosódica</i> .....	44
2.5.2 <i>O processo de tapping</i> .....	46
2.6 OS RÓTICOS NO PB.....	47
2.7 O FENÔMENO FONÉTICO-FONOLÓGICO DE APAGAMENTO DO /R/ EM FINAL DE INFINITIVOS VERBAIS .....	49
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	54
<b>4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	58
4.1 A POSIÇÃO DO /R/ EM CODA FINAL DE PALAVRA .....	64
4.2 TENDÊNCIA DE SIMPLIFICAR A ESTRUTURA DA SÍLABA CVC PARA CV.....	67
4.3 INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FONOLÓGICO SEGUINTE.....	69
4.4 INFLUÊNCIA DO CONTEXTO FONOLÓGICO PRECEDENTE QUANTO AO TRAÇO DE ALTURA ..	78
4.5 CORRELAÇÃO ENTRE A EXTENSÃO DO VOCÁBULO E A OCORRÊNCIA OU NÃO DE APAGAMENTO DO -R FINAL .....	80
4.6 INFLUÊNCIA DA VARIANTE FREQUENTE NA REGIÃO DE PORTO VELHO.....	87
4.7 OUTROS CASOS RELEVANTES .....	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	93
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	95
<b>ANEXO A – EXEMPLO DE REDAÇÃO COLETADA (TEXTO NARRATIVO)</b> .....	102

<b>ANEXO B</b> – EXEMPLO DE REDAÇÃO COLETADA (TEXTO DESCRITIVO) .....	103
<b>ANEXO C</b> – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – ESTUDANTES .....	104
<b>ANEXO D</b> - TCLE - RESPONSÁVEIS .....	106

## INTRODUÇÃO

Os estudos acerca dos fenômenos fonético-fonológicos da língua portuguesa vêm se intensificando nas últimas décadas e apresentam contribuições teóricas importantes para o ensino da língua. Esses fenômenos, tão marcados na oralidade, podem também estar representados na escrita, principalmente de alunos do ensino básico escolar. Assim, torna-se fundamental relacionar as variações fonético-fonológicas inerentes à fala com os aspectos evidenciados nos elementos gráficos da escrita, a fim de caminhar para uma melhor compreensão dessas variações.

Sabemos que a escrita da língua portuguesa é materializada por meio de símbolos alfabéticos e é regida pela ortografia da língua portuguesa, que é conduzida por um conjunto de normas. Para Cagliari (1992, p. 57), a ortografia é uma convenção sobre as possibilidades de uso do sistema de escrita, de tal maneira que as palavras tenham um único modo de representação gráfica, cuja função é a de neutralizar a variação linguística no momento da escrita. Dessa maneira, é importante levarmos em conta que a ortografia disponível para a composição dos textos escritos em língua portuguesa não tem por objetivo representar fielmente a fala e nem acompanha as mudanças constantes e naturais da oralidade.

Surgem, assim, as formas não-convencionais de escrita, presentes em textos escolares, por exemplo, e que representam, em muitos casos, marcas de oralidade. Um exemplo de forma não-convencional é a omissão do -R final na escrita de infinitivos verbais. Segundo Costa (2015, p. 90), o apagamento do -R é um processo fonológico na visão da fonologia, mas na língua escrita é considerada uma forma não-convencional, já que não corresponde às convenções da ortografia prescrita na norma-padrão.

O fenômeno de apagamento de /R/<sup>1</sup> é uma das muitas variações que ocorrem na língua portuguesa. Callou, Moraes e Leite (1998, p. 72) afirmam que o apagamento de /R/ final na fala tem sido um fenômeno que, ao que tudo indica, é hoje uma variação estável, sem marca de classe social, assim, deixou de ser tratado como uma pronúncia estigmatizada e passou a corresponder a uma nova norma<sup>2</sup> introduzida na comunidade.

É importante sublinhar que a análise desses dados envolve o apagamento de uma letra -

---

<sup>1</sup> Representado entre barras por referir-se a um arquifonema que tem como correspondentes fonéticos um conjunto de sons de róticos. Cristóvão Silva (p. 62, 2017) conceitualiza arquifonema como o termo utilizado pela Escola de Praga para representar a neutralização de dois ou mais fonemas em um contexto específico. Em princípio, o arquifonema expressa todas as propriedades dos fonemas envolvidos na neutralização.

<sup>2</sup> Nesse caso, não no sentido normativo de quando nos referimos a norma-padrão, mas na perspectiva de algo que acontece na língua com normalidade, regularidade e previsibilidade (cf. Bagno, 2007, p. 42).

R, a qual, nesse caso, tem valor grafêmico que recupera um arquifonema /R/, o qual tem como correspondentes fonéticos um conjunto de sons de róticos que, em Porto Velho, parece tender para uma fricativa, como indicado nos estudos de Capilé (2004) e Teles (2006).

Destacamos ainda que a escolha desse fenômeno apenas em contexto de infinitivos verbais se deu já que, em outras pesquisas linguísticas sobre diferentes variedades do Brasil, como as de Monaretto (1997, 2000, 2002), Oliveira (1997), Callou, Morais e Leite (1998), Oliveira (2001), Callou e Serra (2012), Serra e Callou (2013), Mendes e Oushiro (2014), Callou, Serra e Cunha (2015), Carmo e Taborda (2019), Rockenback e Battisti (2021), entre outras, atestou-se que o apagamento do /R/ é mais recorrente, em ambiente de fala, nos verbos do que em não verbos. Outras pesquisas (Callou, 1979; Votre, 1978 apud Mollica, 2016, p. 29) demonstram ainda que o apagamento do rótico incide mais em formas verbais infinitivas e em posição de final de palavra (como em “agradecer”). Assim também concordam Silva e Dias (2020, p. 10), partindo do pressuposto de que é indubitável o fenômeno do apagamento do rótico na linguagem oral, como verificado no Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (cf. Cardoso *et al.*, p. 100-110): “No ALiB, é perceptível que o apagamento do /R/, na oralidade, ocorre mais expressivamente em posição de coda final”.

Em pesquisa sobre o apagamento do /R/ na fala de capitais do sul do Brasil, Monaretto (2000) atestou que, em verbos, há maior ocorrência desse fenômeno em infinitivos do que em não infinitivos, e o apagamento ocorre quase que categoricamente em final de palavra. Monaretto (2000, p. 279) explica que esses resultados já eram esperados, já que, na língua portuguesa, há uma marcação redundante de infinitivos verbais tanto pela presença do -R final como pela tonicidade da sílaba que contém o segmento. Em não verbos, por outro lado, o -R final não é morfema e nem sempre vem acentuado, razão pela qual o seu apagamento é mais restrito.

Já em ambiente de escrita, outras pesquisas realizadas, como as de Costa (2009), Freire e Hora (2019), Silva e Dias (2020), Santos, Tavares e Prado (2021), Balduino e Gouveia (2023), também atestaram maior ocorrência desse fenômeno em verbos do que em não verbos, o que vai ao encontro das pesquisas linguísticas que analisam o comportamento do rótico na modalidade oral.

A partir disso, buscamos investigar se essa tendência pode ser observada também na escrita de alunos de 6º ano de Porto Velho e quais são seus possíveis fatores linguísticos condicionantes, a fim de refletir sobre a relação da escrita com a fonética e a fonologia da língua portuguesa. Dessa maneira, direcionamo-nos à seguinte questão: as formas não-convencionais de escrita dos infinitivos verbais sem o -R final podem estar relacionadas com os fatores

linguísticos condicionantes de apagamento do /R/ na fala? A hipótese para essa pergunta é a de que aspectos linguísticos referentes às ocorrências desse fenômeno na oralidade podem estar relacionados às formas não-convencionais de escrita de infinitivos verbais presentes nos textos desses alunos.

O objetivo desta pesquisa é investigar como esse fenômeno, que acontece na oralidade, pode estar relacionado à escrita de infinitivos verbais sem o -R final, a partir de textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II de Porto Velho - RO. Buscamos, assim, tecer reflexões a partir dos dados gerados, observando os possíveis fatores linguísticos condicionantes do fenômeno, tais como os contextos fonológicos precedentes e seguintes e a extensão do vocábulo, a fim de refletir a relação da fonética e a fonologia da língua portuguesa com a escrita.

Por meio do estudo da literatura sobre esse fenômeno tão marcado na oralidade, elencamos os principais fatores linguísticos que podem ter condicionado essas ocorrências: i) a posição do /R/ em coda final de palavra, por tratar-se de infinitivos verbais, terminados em -R; ii) a tendência de simplificar a estrutura da sílaba consoante+vogal+consoante (CVC) para consoante+vogal (CV), como em “le-var” - “le-va”, em que a segunda sílaba deixaria de ser constituída por um ataque (/v/), um núcleo (/a/) e uma coda (/R/) e passaria a conter apenas um ataque e um núcleo; iii) a influência do contexto fonológico seguinte, já que pesquisas (Oliveira, 1983; Mendes e Oushiro, 2014) indicam maior ocorrência do fenômeno em verbos cujo contexto seguinte é iniciado por consoante – como em “casaø com ela”; iv) a influência do contexto fonológico precedente quanto ao traço de altura, em que tendência pode ser de maior ocorrência de apagamento em verbos de primeira conjugação (terminados em -ar); v) a correlação entre a extensão do vocábulo e a ocorrência ou não de apagamento do -R final, já que o apagamento pode se mostrar menos frequente em infinitivos verbais monossilábicos.

Na primeira seção desta dissertação, apresentamos as discussões referentes à relação entre a oralidade e a escrita e suas implicações no processo de aquisição, desenvolvimento e amadurecimento da escrita pelo aluno. Além disso, discutimos como se dá esse vínculo e qual sua participação nos processos fonológicos que podem aparecer nas escritas dos alunos, evidenciando, assim, a relação mais especificamente da fonética e da fonologia com a escrita. Para isso, apresentamos os estudos de Oliveira (2005), Cagliari (1992; 1999), Bortoni-Ricardo (2005), entre outros.

Na segunda seção, adentramos nas fundamentações teóricas mais específicas, de maneira a introduzir, primeiramente, do que se tratam os estudos da fonética e da fonologia. Como esta pesquisa ampara-se em abordagens teóricas não lineares de base gerativa,

apresentamos de maneira introdutória a Fonologia Gerativa (cf. Lee, 2017) e os modelos teóricos considerados para este estudo: noções da Teoria dos Traços (cf. Miranda e Matzenauer, 2010; Matzenauer e Miranda, 2017), Fonologia Autossegmental e Geometria dos Traços (cf. Clements, 1985, 1991; Clements e Hume, 1995), ao tratarmos do conceito de traços e considerarmos unidades distintas que podem fornecer respostas para fenômenos fonológicos como o proposto a ser analisado nesta pesquisa; Teoria da Sílabas (cf. Selkirk, 1982; Bisol, 1996; Collischonn, 2001; Alves, 2017), ao concentrarmos-nos na sílaba como estrutura principal para análise do fenômeno ora investigado e princípios como Sequência de Sonoridade (cf. Selkirk, 1984; Collischonn, 2001) e Molde Silábico (cf. Collischonn, 2001) mostrarem-se relevantes para essas análises; Fonologia Prosódica (cf. Nespor e Vogel, 1986; Tenani, 2002; 2017), ao discutir os constituintes prosódicos e sua hierarquia, além do processo de *tapping* (Tenani, 2002).

Além da situação sobre as abordagens teóricas utilizadas, nessa seção discutimos os róticos no Português Brasileiro (PB) e, finalmente e de maneira mais específica, o fenômeno fonético-fonológico de apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais, trazendo pesquisas e discussões que o debatem tanto em ambiente de fala quanto de escrita.

Na terceira seção, são tratados os procedimentos metodológicos realizados neste estudo que, resumidamente, organizou-se em quatro etapas principais: i) coleta e organização de textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II; ii) coleta e organização de casos de apagamento do -R no final de infinitivos verbais; iii) quantificação, organização do corpus; iv) descrição e análise dos dados coletados. Pretendemos descrever, a partir dessas quatro etapas, como se deu a coleta, a quantificação, a organização e a análise das redações – e, mais precisamente, a análise dos casos de apagamento do -R no final de infinitivos verbais – coletadas para este estudo.

Na quarta seção, partimos para a análise e discussão dos dados, de maneira mais detalhada e descritiva. A partir de quadros, tabelas e gráficos, são demonstrados de forma quantitativa os resultados obtidos por meio das redações coletadas para esta pesquisa. São apresentados também diversos exemplos retirados de trechos dessas redações. Com base nesses resultados, caminhamos para uma interpretação desses dados, apoiada nos fundamentos teóricos que adotamos e em pesquisas já feitas sobre esse assunto, tanto em ambiente de fala como de escrita. Ao conferirmos nossos resultados com os já obtidos na literatura acerca desse fenômeno nos falares de diferentes regiões do Brasil, podemos verificar – e comparar – se esse apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais, que é tão marcado na oralidade, acontece, também, na escrita, mais precisamente em redações de estudantes de 6º ano de Porto Velho.

Desse ponto acreditamos partir o destaque desta pesquisa, por seu caráter investigativo acerca do contexto linguístico porto-velhense, localidade que carece de estudos sobre o tema.

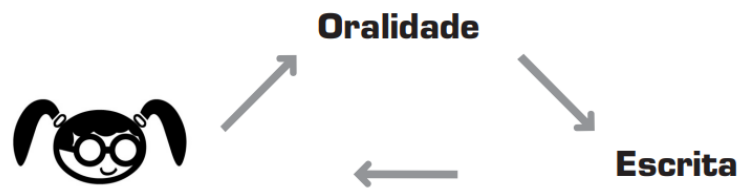
Para as últimas considerações, finalizamos com as principais conclusões alcançadas a partir desta investigação, que se mostra bastante produtiva e caminha ao encontro das considerações feitas a partir dos resultados que encontramos na literatura sobre o tema. Além disso, buscamos evidenciar e fomentar maiores reflexões acerca da relação entre a fonética, a fonologia e a escrita, destacando a importância da compreensão dos fenômenos fonético-fonológicos, mais precisamente do fenômeno de apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais – que pode acarretar o apagamento da letra -R na escrita – e sua contribuição para essa relação entre a oralidade e a escrita, representando um importante exercício de reflexão e análise linguística.



## 1 A RELAÇÃO ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA

Para discutir o apagamento do -R em textos escolares, é importante refletir a relação estabelecida entre a oralidade e a escrita. Oliveira (2005, p. 15) afirma que uma das concepções da aprendizagem da escrita é o processo de construção e conhecimento intermediado pela oralidade. O aluno, em fase de amadurecimento linguístico, formula e reformula hipóteses na interação com a escrita tendo como base, principalmente, a variação da fala.

Figura 1 - Representação do aprendizado da escrita intermediado pela oralidade



Fonte: Oliveira (2005, p. 15).

Em caderno dedicado aos professores de educação básica, Oliveira (2005) aborda a apropriação do sistema de escrita a partir de cinco tópicos: i) como é que as crianças aprendem a escrever?; ii) sistemas de escrita; iii) os sons do português; iv) as relações entre a pauta sonora e a ortografia; v) uma classificação dos problemas de escrita.

Para o autor, há diferentes concepções de aprendizagem da escrita, e uma delas é esse processo intermediado pela oralidade. Essa concepção prevê que a interação com a escrita é intermediada pela oralidade, ou seja, por aquilo que o aprendiz já conhece sobre sua língua quando inicia seu processo de construção da escrita: “o conhecimento sobre a língua falada controla o processo de aprendizado da língua escrita” (Oliveira, 2005, p. 16). É importante frisar que o que Oliveira sugere não é a exclusividade da influência do conhecimento da língua falada sobre o processo de aprendizado da escrita, mas o envolvimento desse conhecimento nesse processo.

Na perspectiva de Marcuschi (2010 [2000], p. 41), a fala e a escrita estão fundadas em um *continuum*, pois podem possuir o mesmo objetivo quando se pretende transmitir algo. No entanto, cada uma possui suas especificidades, que se apresentam na organização a que são submetidas e nas características que as regem, dependendo do contexto no qual se materializam. Nessa visão, alguns gêneros são considerados mais prototípicos da fala, como conversas espontâneas, conversas telefônicas e conversas públicas, e outros prototípicos da escrita, como textos acadêmicos, artigos científicos, leis, entre outros.

A posição adotada por Marcuschi (2010 [2000], p. 32) é de que a fala e a escrita não são

propriamente dois dialetos, mas sim duas modalidades de uso da língua, de maneira que o aluno, ao dominar a escrita, se torna fluente em dois modos de uso. Portanto, para Marcuschi, tanto a oralidade quanto a escrita têm suas práticas e características próprias, mas não são suficientemente opostas a tal ponto de serem consideradas como dois sistemas linguísticos. O autor traz a perspectiva de que a variação se dá tanto na fala como na escrita, assim, a língua escrita não está limitada ao padrão.

Assim, Marcuschi (2010 [2000], p. 31) evidencia que todas as variedades se submetem a algum tipo de norma, mas uma ou outra delas, geralmente associada a um conjunto de falantes com características consideradas cultas (como alto nível de escolaridade, por exemplo), será tida como norma-padrão.

Acerca desse tema, Bagno (2007) tece algumas reflexões ao listar análises que considera equivocadas sobre a língua. Dentre elas, está a ideia de que existe uma variedade, língua ou dialeto padrão, quando na verdade o que existe é uma norma-padrão – uma norma em seu sentido mais jurídico, como regra ou regulamentação –, que não pode ser língua, nem dialeto, nem variedade, já que não é falada, nem escrita por ninguém; e esses três não existem sem falantes reais. Bagno (2007, p. 35) referencia-se a norma-padrão como um produto cultural, modelo artificial de língua criado para tentar “neutralizar” os efeitos da variação e servir de norma para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes.

A norma-padrão representa, portanto, um instrumento político e de poder, um produto sociocultural, marcado por uma ideologia de dominação. Bagno (2007, p. 98) define-a como “uma espécie de ‘lei linguística’ que prevê a condenação e a punição dos infratores” e, por isso, o autor não considera correto usar os termos “língua padrão”, “variedade padrão”, “dialeto padrão”, já que não existe língua, variedade nem dialeto sem falantes reais, e ninguém fala a norma-padrão. Assim, neste trabalho, utilizaremos o termo “norma-padrão” quando nos referirmos às regras convencionadas pela gramática normativa e “formas não-convencionais” quando nos referirmos às formas de escrita que não correspondem à ortografia que é prescrita normativamente.

Bagno (p. 19) aponta ainda outra questão importante, ao criticar a equiparação de *língua falada* a *informalidade*, e de *língua escrita* a *formalidade*, atentando-nos aos usos falados formais e usos escritos informais e a um amplo espectro de variação estilística pontuado pelos múltiplos gêneros textuais que circulam na sociedade (ideia semelhante à de Marcuschi). Para o autor (p. 19), essa equiparação fala-informalidade e escrita-formalidade ignora que a heterogeneidade intrínseca da língua se manifesta também na escrita. A oralidade e a escrita estão intrinsicamente relacionadas e são parte, também, de um sujeito e de uma sociedade, que,

por sua vez, é heterogênea. Toda língua humana é, portanto, heterogênea por sua própria natureza e essa heterogeneidade linguística está vinculada à heterogeneidade social (BAGNO, 2007, p. 57).

Nesse entendimento, Bagno (2007; 2009) nos alerta que *nada na língua é por acaso*. Ao tratar sobre a fala, o autor nos mostra que, no processo de mudança linguística, as formas não-convencionais, por vezes estigmatizadas como “erros”, podem ser pistas para algum fenômeno pelo qual a língua está passando.

De outro modo, trazemos em discussão o estudo de Corrêa (2004), que conceitua a constituição da escrita como “o encontro entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido” (Corrêa, 2004, p. 10). Baseando-se na constituição da escrita como elemento que contém a fala já em sua gênese – em sua materialidade gráfica, a escrita alfabética representa as letras com as características fonético-fonológicas de uma língua específica –, Corrêa (2004, p. 12) afirma que a escrita possui visibilidade invariante, uma vez que sua matéria gráfica lhe acrescenta a propriedade de permanecer no tempo. Os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas, e isso questiona a delimitação do campo da escrita apenas pela constatação do material gráfico.

A escrita, pois, não se trata de uma falsificação do real, mas pelo contrário, por meio dela, as realizações reais entre os agentes sociais e a escrita se materializam, linguisticamente, considerando as práticas sociais de que, direta ou indiretamente, a escrita faz parte.

Assim, o autor traz a reflexão referente ao caráter dialógico como modo de constituição da escrita com o já falado/escrito na circulação imaginária que constitui os textos, fazendo ecoar o fato de que os textos em geral podem ser considerados como produto do já-dito (2004, p. 230). Parece, pois, que o uso que se pode fazer da escrita é também função de uma posição relativa quanto ao já falado/ouvido e já escrito/lido. O escrevente tem, também, em sua circulação imaginária, a fala, com a qual dialoga para que se constitua a escrita. Assim, a escrita é, em si mesma, uma hipótese de constituição dialógica.

Outro ponto que Corrêa (2004, p. 115-6) aborda é a relação entre a prosódia e a escrita. Para o autor, a prosódia não é exclusiva dos enunciados falados, já que, em geral, é uma exigência da leitura e pode ser assinalada pela pontuação. Assim, a prosódia é recuperável por meio de “diferentes pistas linguísticas que os escreventes deixam em seus enunciados escritos” (p. 116).

A escrita do português se materializa por meio de símbolos alfabéticos e é regida pela ortografia da língua portuguesa que, por sua vez, é direcionada por um conjunto de normas e

pelo Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP). Para Cagliari (1999, p. 19), a ortografia serve para “permitir a leitura” e neutralizar a variação linguística no nível do léxico no momento da leitura. Cagliari (1992, p. 112) também afirma que a escrita sempre foi uma maneira de representar a memória coletiva – daí seu caráter outrora mencionado sobre permanecer no tempo.

Conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 53) aponta, é preciso levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas da variedade do aluno na aprendizagem do português-padrão, uma vez que, quando conhecidas as suas características, os equívocos que cometem passam a ser previsíveis e passíveis de sistematização. É necessário que essas formas não-convencionais sejam utilizadas como ferramentas pedagógicas de conscientização do aluno quanto às diferenças sociolinguísticas, a fim de fornecer-lhes a variante adequada aos estilos monitorados orais e à língua escrita. Muitas vezes, deixar de pronunciar determinados sons não chega a causar danos na comunicação, no entanto, na escrita, é indispensável saber que tal som deve ser representado por determinado grafema, em consonância com o que rege as normas ortográficas.

A autora traz reflexões sobre a sociolinguística e a educação a partir da análise e diagnose de erros<sup>3</sup> no ensino da língua materna. O capítulo apresenta uma taxionomia que pode ser útil na identificação do perfil sociolinguístico dos alunos, o que facilita o trabalho pedagógico em sala de aula. Assim, ao elencar e sistematizar diferentes categorias dessas formas não-convencionais, entre elas se apresenta o apagamento do /R/, por ela nomeado “queda do /r/ final nas formas verbais” (2005, p. 56).

Para Bortoni-Ricardo, esse tipo de análise requer uma descrição acurada das variedades populares do português no Brasil. Assim se mostra a importância de trabalhos descritivos sobre a língua, seja em sua modalidade oral ou escrita, para que sejam traçados estudos a fim de investigar, analisar e elaborar estratégias que possam auxiliar o professor em sala de aula.

Mais estreitamente sobre a relação da fonética com essas formas não-convencionais escritas pelas crianças, Cagliari (1992, p. 31) traz uma indagação acerca da postura da escola frente a isso: “Se a escola distinguisse claramente os problemas de fala dos problemas de escrita, veria essas escritas como escritas de fala, e feitas com uma propriedade fonética tão grande que chega a ser comovente a consciência que as crianças têm do modo como falam”. Assim, para o autor, o papel da escola deve possibilitar uma visão dos alunos acerca de sua fala, ao fazê-los observar que não falam de uma única forma, mas de várias, segundo as variedades de cada um,

---

<sup>3</sup> Nomenclatura conforme utilizado pela autora (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 54).

além de que “se todos escrevessem as palavras como as falam e usando das possibilidades do sistema de escrita como quisessem, haveria uma confusão muito grande quanto à forma de grafar as palavras e isso dificultaria muito a leitura, entre os falantes de tantos dialetos” (1992, p. 32). Assim, chegamos à função das convenções ortográficas para a sociedade: a de facilitar a leitura.

Cagliari (1992, p. 61) reflete ainda que as crianças usam a sua fala como referência para a escrita: “[...] o aluno erra a forma ortográfica porque se baseia na forma fonética; os erros que comete revelam claramente os contextos possíveis, [...] e não ocorrências aleatórias”. Dessa forma, como não pronuncia o /R/ em fim de palavras, o aluno, algumas vezes, transfere essa característica da oralidade para a escrita, e confunde-se ao escrever formas verbais no infinitivo, como “comer”, sem o -R final, colocando-a como “come”. Para o autor (p. 138), dentro dos dados analisados em seu estudo a partir de redações de alunos em processo de alfabetização, o erro<sup>4</sup> mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala.

Miranda e Matzenauer (2010) dissertam sobre a aquisição da fala e da escrita e sua relação com a fonologia em artigo que se centra no comportamento de segmentos e sílabas no sistema do PB, a fim de estabelecer relações com modelos teóricos do campo da fonologia. Para as autoras, fonemas e sílabas são unidades basilares para a explicitação de particularidades da manifestação escrita de uma língua.

Nessa perspectiva, Miranda e Matzenauer (p. 365-6) nos mostram que a criança, ao chegar na escola, além de ter o domínio da língua nas suas dimensões estruturais e pragmático-discursivas, traz consigo as condições necessárias para interagir com a escrita, um objeto de conhecimento sobre o qual ela já tem algumas hipóteses construídas.

As autoras destacam que a análise das formas não-convencionais ortográficas encontradas nas produções de escritas iniciais mostra que é possível extrair dessas ocorrências “dados potentes, capazes de oferecer pistas tanto em relação às hipóteses formuladas pelos aprendizes, como ao conhecimento construído acerca da fonologia da língua” (p. 366). Em nota de rodapé, Miranda e Matzenauer discorrem ainda que

Na teoria psicogenética, o erro ocupa importante lugar; é considerado construtivo à medida que pode revelar a lógica nas hipóteses formuladas pelos aprendizes para a resolução de problemas novos. Essa lógica, na maioria das vezes diferente daquela utilizada pelo adulto, é capaz de expor o tipo de pensamento utilizado pela criança quando ela produz suas primeiras formas escritas (Miranda e Matzenauer, 2010, p. 366).

---

<sup>4</sup> Ressaltamos que, na visão de Cagliari (1992, p. 35), a língua portuguesa tem o certo e o errado somente em relação à sua estrutura, já com relação ao seu uso pelas comunidades falantes, não existe o certo e errado linguisticamente, mas o diferente, portanto, sua noção de “erro” é diferente da tradicional.

Dessa maneira, na construção de conhecimento sobre o sistema de escrita, a criança extrai informações não apenas de suas experiências de letramento, mas também de outros conhecimentos já obtidos, principalmente daqueles assimilados ao longo de sua experiência linguística. Nesse entendimento,

[...] podemos pensar que o processo de aquisição da escrita proporciona ao aprendiz momentos de retomada de conhecimentos já construídos de modo inconsciente, particularmente daqueles relacionados à fonologia de sua língua, os quais vão se tornando disponíveis ao aceso consciente, à medida que ela avança no processo de aquisição da escrita (Miranda e Matzenauer, 2010, p. 366).

Assim, essa construção de conhecimento da língua a partir de dois sistemas – o fonológico e o escrito – incide nas hipóteses e interpretações construídas pela criança durante seu processo de aquisição e amadurecimento linguísticos.

Seara (2019, p. 33) aponta ser fundamental saber lidar com a variação fonético-fonológica – que sempre vai existir – e levar o aluno a compreender essas variações, para relacioná-las aos elementos gráficos da escrita, especialmente no que diz respeito às variações fonéticas que sofrem influências de natureza social. Para Pedrosa (2014, p. 57), o estudo do apagamento da coda – posição da sílaba que o /R/ ocupa quando em infinitivos verbais – e sua relação com o processo de aquisição da escrita é muito relevante, já que, de início, os alunos ainda estão se familiarizando com as convenções ortográficas e ainda acreditam que a escrita é uma simples transcrição da fala.

A partir disso, além de considerar as interferências da fala na escrita como previsíveis – e passíveis de sistematização –, entendemos que são resultados das relações entre as variações da oralidade e da escrita, constituídas por meio de práticas sociais e letradas. A escrita, muitas vezes, pode estar evidenciando processos que já estão acontecendo na fala e as formas não-convencionais podem representar a consolidação do conhecimento fonológico do escrevente. Essas formas podem, pois, constituírem conhecimentos implícitos do escrevente. Assim, podemos observar que algumas dessas escritas que não obedecem às convenções ortográficas são influenciadas, também, pela oralidade, de modo que, ao investigar suas características, possam ser propostas hipóteses sobre a ocorrência dessas formas, além de tornar possível a elaboração de estratégias para que os alunos possam superá-las.

Nessa perspectiva, ao pensar a relação da oralidade com a escrita, na próxima seção, abordaremos de maneira mais específica os pressupostos teóricos da fonética e da fonologia aos quais nos amparamos para examinar os dados coletados nesta pesquisa.

## 2 EMBASAMENTOS DE ANÁLISE FONOLÓGICA

Em primeiro lugar, sabemos que a Linguística se dedica ao estudo científico da língua, tanto em sua modalidade escrita, quanto em sua modalidade oral. Assim, para compreender melhor a relação entre a escrita e a oralidade, precisamos discutir, mais precisamente, a relação entre a fonética, a fonologia e a escrita. Nesta seção, portanto, pretendemos apresentar os embasamentos teóricos nos quais nos amparamos para a análise dos dados desta pesquisa.

### 2.1 A Fonética e a Fonologia

Dois ramos da Linguística que se interessam por estudar as relações entre a oralidade e a escrita são a Fonética – área que busca descrever e identificar os sons da fala a partir de suas características fisiológicas, acústicas e perceptuais – e a Fonologia – área que tem por objetivo descrever aquilo que é distintivo e que tem função na língua, interpretando os sons da fala “para explicar como ocorre o processo de comunicação e os fenômenos sistemáticos das línguas naturais” (Seara, 2019, p. 21). À Fonética – cujo objeto é o fone –, cabe a descrição e à Fonologia – cujo objeto é o fonema –, a interpretação dos sons de uma língua.

Cagliari (2002, p. 17) afirma que a Fonética se preocupa principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Assim, a Fonética descreve “quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala” (2002, p. 17). A Fonética é dividida em três domínios distintos, sendo eles: a) Fonética Articulatória – preocupa-se em classificar e descrever os sons em suas características articulatórias; b) Fonética Acústica – dedica-se a descrever as propriedades físicas dos sons; e c) Fonética Auditiva – dedica-se à percepção dos sons.

A Fonologia, por sua vez, preocupa-se em tratar de sons que distinguem o significado das palavras, além de organizar, postular regras e entender como se dá a variação na realização efetiva dos sons de línguas específicas de acordo com o que se afirma em determinada teoria. Cagliari (2002, p. 18) aponta que a Fonologia faz uma interpretação dos resultados apresentados pela fonética, em função dos sons das línguas e dos modelos teóricos que existem para descrevê-los: “A Fonética é basicamente descritiva e a Fonologia, interpretativa” (p. 18).

Cagliari (2002, p. 18) destaca também que a análise fonológica se baseia na função linguística que os sons desempenham nos sistemas de uma língua, ou seja, o valor dos sons dentro de uma língua. A Fonologia almeja a descrição da organização sistemática global dos sons da língua desse falante. O autor aborda também que a Fonética e a Fonologia têm o mesmo objeto, porém métodos e técnicas diferentes, cujos objetivos também são diferentes. Para o autor, a Fonética, embora sempre necessária para uma análise fonológica, não prescinde

totalmente a Fonologia.

Acerca da Fonologia, que teve início no século XX, com os estudos de Trubetzkoy, Jakobson e outros (cf. Hora, 2017, p. 10), muitos estudos foram produzidos sob diversas perspectivas e formaram vertentes com olhares e reflexões teóricas diferenciadas. São algumas delas as abordagens propostas pelos modelos fonológicos não lineares de base gerativa, como estudos sobre a Fonologia Autossegmental, Teoria da Sílabas e a Fonologia Prosódica, nos quais iremos nos amparar para este estudo.

## 2.2 A Fonologia Gerativa

A proposta da Fonologia Gerativa, conforme Lee (2017, p. 31), é a construção de uma gramática da fonologia de uma língua que descreva o conhecimento fonológico que o falante/ouvinte da língua tem em termos de sistema de regras.

O autor afirma que a Fonologia Gerativa descreve alternâncias sonoras em cada língua, formalizando-as em regras e identificando processos fonológicos (Lee, 2017, p. 33). O objetivo principal dessa teoria é, então, descrever, caracterizar e formalizar as alternâncias sonoras que ocorrem da representação subjacente para a representação superficial.

Conforme Barreto (2023, p. 137), na Fonologia Gerativa Padrão (FGP)<sup>5</sup>, os fonemas das línguas passam a ser interpretados “como conjunto de traços que se relacionam com seus alofones. Cada matriz de traços descreve apenas um segmento, que reúne um grupo de propriedades que fazem desse elemento único”.

Hernandorena (1996, p. 14) evidencia a ideia que Chomsky (1965) traz ao sugerir a noção de regra linguística como indispensável para a caracterização de qualquer língua. Chomsky (1965) constata que qualquer pessoa é capaz de fazer julgamentos imediatos, intuitivos e naturais das relações sintáticas e semânticas de sua língua, com a capacidade de interpretar sequências ambíguas e detectar sentenças malformadas, sem que haja um ensino prévio para isso. Ele também observa que uma criança, em fase de aquisição da língua, é capaz de criar expressões e sentenças que nunca ouviu, mesmo com toda a complexidade da língua. A partir disso, Chomsky defende que todo falante/ouvinte tem uma “competência linguística”, um conhecimento inconsciente da sua língua, da gramática que determina a conexão intrínseca entre som e significado em cada sentença e do sistema de regras que a caracteriza. Essa “competência” – o conhecimento inconsciente sobre a língua – não se confunde com

---

<sup>5</sup> Conforme Lee (2017, p. 31), a Fonologia Gerativa se embasa no trabalho de Chomsky (1965) e tem como marco inaugural o livro *The Sound Pattern Of English*, de Chomsky e Halle (1968). Assim, quando nos referirmos à teoria gerativa clássica proposta por esses pressupostos, utilizaremos o termo FGP.



“desempenho”, que é o uso real da língua em situações concretas – o que o falante/ouvinte realmente faz.

A FGP vai introduzir, também, a noção de traços distintivos como “propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatorio, como ‘nasalidade’, ‘sonoridade’, ‘labialidade’, ‘coronalidade’, que, de forma concorrente, constituem os sons das línguas” (Hernandorena, 2001, p. 17), que, posteriormente, abre caminho para as fonologias não lineares.

### **2.3 Os modelos não lineares da Fonologia Gerativa**

Segundo Cagliari (2002, p. 118), a Fonologia tradicional era linear porque seguia a linha do tempo, definindo fonemas ou matrizes de propriedades distintivas. Essa concepção de traços da Fonologia foi fundamental, mas apresentava muitas limitações, como a falta de hierarquia entre os traços, a matriz indissociável, entre outras, assim surgiram as fonologias não lineares.

A Fonologia tem, pois, posteriormente, uma visão não linear, porque suas unidades de trabalho vão além dos limites do fonema e das matrizes de propriedades. Cagliari (2002, p. 18) destaca a organização própria, com uma hierarquia bem estabelecida, que os elementos paradigmáticos dessas unidades acabaram tendo.

Entre as áreas internas produzidas a partir dessa linha, foram geradas abordagens específicas que acrescentaram novas compreensões à Fonologia Gerativa, como a Fonologia Autossegmental – na qual está incluído o modelo de Geometria de Traços –, a Teoria da Sílabas e a Fonologia Prosódica, sobre os quais trataremos a seguir.

### **2.4 Os traços para a Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços**

A premissa de que os sons da fala não são monoblocos, mas feixes de traços<sup>6</sup>, está na base da constituição de uma teoria de traços que foi sendo aperfeiçoada ao longo do século XX. Posteriormente, o Modelo Autossegmental da Geometria de Traços (Clements, 1985, 1991; Clements e Hume, 1995), ao questionar a linearidade das representações fonológicas, introduz a perspectiva de hierarquia para o ordenamento dos traços.

Hernandorena (2001, p. 45) explica que a Fonologia Autossegmental (Goldsmith, 1976) trabalha com a ideia de autossegmentos, ou seja, permite a segmentação independente de partes dos sons da língua. Para a autora, essa teoria apresentou dois aspectos básicos: i) o entendimento de que não há uma relação bijetiva entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza; e ii) a concepção de que o segmento apresenta uma estrutura interna de hierarquização dos traços

---

<sup>6</sup> Conforme Matzenauer e Miranda (2017, p. 47), essa ideia foi expressa no âmbito dos estudos fonológicos pelos principais expoentes do Círculo Linguístico de Praga: Roman Jakobson (1939) e Nicolai Trubetzkoy (1939).

que o compõem. Para Hora e Voegeley (2017, p. 69), é uma teoria sobre como os vários componentes do aparelho articulatório estão coordenados na emissão de sons da fala.

A Geometria de Traços, por sua vez, tem a finalidade de representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos e o fato de que os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos solidários.

Nessa geometria – cuja última versão aparece em Clements e Hume (1995) –, os segmentos são representados com uma organização interna a qual se mostra através de configurações de *nós hierarquicamente ordenados*, em que os *nós terminais* são traços fonológicos e os *nós intermediários*, classes de traços (Hernandorena, 2001, p. 47).

Sobre os traços, Miranda e Matzenauer (2010, p. 381) explicam que os segmentos – consoantes e vogais – não são unidades mínimas no sistema, pois podem ser decompostos em unidades menores, identificadas como traços distintivos. Traços são propriedades mínimas, de caráter articulatório ou acústico – como sonoridade, continuidade e nasalidade, por exemplo –, que entram na composição dos sons das línguas: são distintivos quando são capazes de promover contraste de significado em um sistema. Como exemplos, em português: /f/ e /v/ - fala x vala (contraste: traço [ $\pm$ sonoro]); /p/ e /f/ - pala x fala (contraste: traço [ $\pm$ contínuo]); /l/ e /r/ - caro x calo (contraste: traço [ $\pm$ lateral]).

Assim, segundo as autoras (2010, p. 382-3), a Teoria da Fonologia Autossegmental traz o pressuposto de que os traços são unidades autônomas, no sentido de que podem funcionar, em processos fonológicos, de forma independente ou em conjuntos solidários, sendo que estão organizados hierarquicamente na constituição da estrutura interna dos segmentos.

Conforme Matzenauer e Miranda (2017, p. 48) explicam, os traços têm como função oferecer mecanismos capazes de explicitar a distinção entre as grandes classes de segmentos das línguas do mundo. A noção de traços é importante, também, para a Escala de Sonoridade, já que obstruintes e vogais ocupam os extremos, as primeiras como elementos menos soantes e as últimas como os mais soantes – características dos traços desses elementos.

Para as autoras (2017, p. 50),

[...] traços constituem, para a teoria fonológica, um primitivo conceitual; são unidades mínimas que compõem a estrutura interna dos segmentos que integram os inventários fonológicos das línguas. Vogais e consoantes, portanto, não são as menores unidades de um sistema linguístico: os segmentos são divisíveis em propriedades mínimas, de caráter articulatório ou acústico, como coronalidade, labialidade, nasalidade, lateralidade, sonoridade/vozeamento e estridência, por exemplo. **Tais propriedades físicas são categorizadas como traços fonológicos, distintivos no plano abstrato das línguas.** Os traços estão, pois no centro da necessária intermediação entre os movimentos articulatórios e suas consequências acústicas e a representação abstrata de unidades maiores, como fonemas e sílabas, por exemplo, que fazem parte da gramática fonológica de uma língua (Grifo nosso).

Para a análise de fenômenos que ocorrem nos sistemas linguísticos, os estudos sobre traços distintivos auxiliam na predição de que determinados conjuntos de segmentos atuam juntos dentro de e entre sistemas linguísticos. Já que os processos fonológicos “se aplicam a classes naturais de segmentos, são os traços as unidades que respondem pelos fenômenos que fazem parte da gramática fonológica” (Matzenauer; Miranda, 2017, p. 51). Dessa maneira, os fenômenos das gramáticas são descritos, explicados e formalizados com a explicitação dos traços alterados ou preenchidos nos processos fonológicos (2017, p. 55).

A ideia de traços será importante para os estudos abordados nesta pesquisa, já que, a partir da observação dos traços dos segmentos, podemos caminhar para explicações dentro da própria língua para determinados processos fonológicos e seus condicionantes.

#### 2.4 A sílaba e sua estrutura

A sílaba é uma unidade basilar na teoria fonológica para que sejam discutidos os processos fonológicos da língua. Mendonça (2003, p. 38) evidencia que a análise da sílaba pode ajudar não só a compreender muitos fenômenos e processos de uma língua, mas também permite uma compreensão mais detalhada de mecanismos gerais que regem os sistemas sonoros das línguas naturais.

Assim, para que seja possível compreender o processo fonológico de apagamento do /R/, será fundamental discutir primeiramente o que é a sílaba e a sua estrutura. Massini-Cagliari (2015, p. 75) explica que a sílaba corresponde ao primeiro domínio prosódico a partir do qual todos os idiomas organizam sua fonologia.

Na perspectiva fonética, conforme inspiração de corrente estruturalista em Câmara Jr. (1969), Cagliari (1981, p. 100) explica que se podem ser reconhecidas três partes no movimento da sílaba: “um de intensificação da força, outro de limite máximo de força atingido e finalmente uma redução progressiva da força. Isso nos possibilita interpretar a sílaba como tendo três partes, duas periféricas e uma parte central nuclear”.

Figura 2 - Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica conforme Cagliari

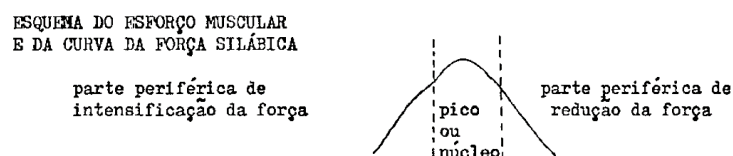


Fig. 20 Esquema do esforço muscular e da curva da da força silábica.

Fonte: Cagliari (1981, p. 101).

Na perspectiva fonológica, na qual nos sustentamos para as análises aqui propostas, a sílaba não se caracteriza somente por uma segmentação fonética dos segmentos, mas possui propriedades específicas e representa o primeiro constituinte da hierarquia prosódica.

Mori (2001, apud Barreto, 2023, p. 145) nos atenta sobre a sílaba tratar-se de uma unidade estritamente fonológica e menciona também que é a unidade básica responsável por trazer informações sobre a estrutura de um determinado falar.

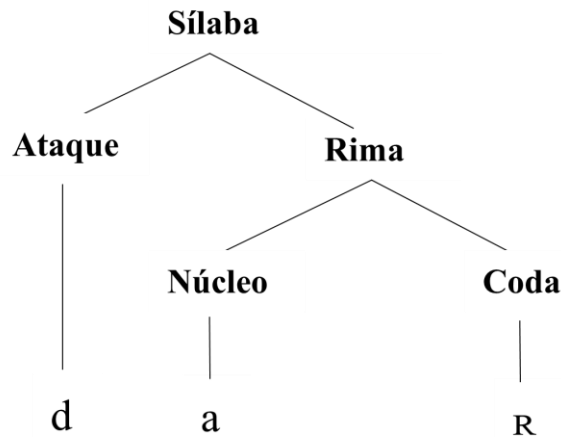
Conforme Mendonça (2003, p. 22), o aprofundamento dos estudos conduziu a uma nova representação para a sílaba. Com a utilização de diagramas em forma de árvores, cada sequência é organizada a partir de certa hierarquia semelhante, em termos de arranjo, às árvores utilizadas pela sintaxe. A autora explica que, organizadas e estudadas dessa maneira, é possível ancorar traços suprasegmentais às sílabas, ou a segmentos delas, além de situá-las dentro de uma estrutura prosódica.

Para as abordagens trazidas nesta pesquisa, amparar-nos-emos no modelo fonológico silábico proposto por Selkirk (1982). Segundo Alves (2017, p. 129),

[...] o mapeamento dos segmentos se dá a partir de um molde silábico predefinido pelo pesquisador para a língua em questão; um molde silábico (*template*) tem a função de formalizar quais estruturas silábicas são passíveis de ocorrer, e quais não são possíveis, em um determinado sistema.

Nessa perspectiva, a constituição da sílaba é formada por ramificações, uma unidade que agrega segmentos consonantais e vocálicos e possui sua estrutura básica composta por: *onset*, também chamado “ataque”, elemento que precede o núcleo de uma sílaba e geralmente é formado por uma ou duas consoantes; e rima, constituinte silábico formado por uma posição nuclear e uma posição pós-vocálica chamada de coda, esta última podendo ou não existir. Para que se constitua uma sílaba, somente o núcleo é obrigatório. Uma estrutura do tipo CVC, como a que constitui a palavra “dar”, teria a seguinte representação:

Figura 3 - Constituição da sílaba segundo as diretrizes da fonologia não linear



Fonte: elaboração própria com base em Selkirk (1982).

Acerca desse modelo, Barreto (2023, p. 150) explica que

Selkirk (1982) define a sílaba como uma unidade hierarquizada cuja estrutura é atribuída por princípios gerais dentro do nível prosódico. A estrutura postulada pela pesquisadora permite a aplicação de regras fonológicas em constituintes específicos da sílaba, sem que seja necessário abranger a sílaba inteira. A junção do núcleo e da coda, constituindo a rima, é considerada como um aspecto universal por Selkirk (1982), englobando a composição silábica de todos os idiomas do mundo, independentemente do molde silábico de cada língua. Logo, as regras de composição da sílaba são tidas como princípios expressáveis por meio de uma árvore de ramificação binária, em que apenas a rima é considerada obrigatória.

É importante ressaltar ainda que a sílaba tem papel central na hierarquia fonológica. Bisol (2001 [1996], p. 231) nos evidencia que “sem dúvida alguma, a sílaba é uma unidade fonológica, ou seja, uma unidade prosódica”. A autora explica ainda que, como todo constituinte, a sílaba tem: uma cabeça – no português, sempre uma vogal – que é o elemento de maior sonoridade; e seus dominados – as consoantes ou glides que as cercam.

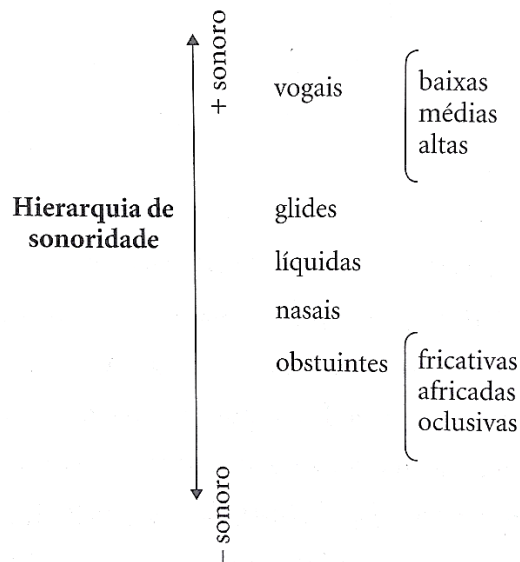
A sílaba representa o constituinte mais básico da hierarquia prosódica (cf. Nespor e Vogel, 1986). Miranda e Matzenauer (2010, p. 367) explicam que é por estabelecer-se como domínio no qual se aplicam regras e processos fonológicos que a sílaba pode ser considerada essencial a modelos teóricos voltados à fonologia das línguas.

A ocupação das posições do esqueleto silábico, de acordo com essa proposta de estrutura, sofre restrições ditadas pela Escala de Sonoridade. Consoantes e vogais de uma determinada língua não podem ocupar qualquer posição dentre as representadas na figura 3. Veremos mais detalhadamente sobre ela a seguir.

### 2.4.1 Escala de Sonoridade<sup>7</sup>

Collischonn (2001, p. 101) explica que a escala de sonoridade tem um papel importante na estrutura silábica, porque se pode correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba. Em primeiro lugar, o elemento mais sonoro sempre ocupará o núcleo da sílaba, ao passo que os elementos menos sonoros ocuparão as margens (ataque e coda). Em segundo lugar, quando há sequências de elementos dentro do ataque ou da coda, estas apresentam sonoridade crescente em direção ao núcleo. Os segmentos vocálicos são os de maior sonoridade, enquanto as obstruintes são os de menor sonoridade. Os sons líquidos e nasais portam uma sonoridade que fica entre esses segmentos. Na figura 4, essas informações são esquematizadas:

Figura 4 - Escala de Sonoridade



Fonte: Cristófarro Silva (2017, p. 132).

Esse esquema demonstra o que é definido pelo Princípio de Sequência de Sonoridade (Selkirk, 1984; Clements, 1990), o qual prevê que os segmentos mais sonoros se encontram mais próximos do núcleo silábico (cf. Alves, 2017, p. 130). Assim, a sonoridade cresce em direção ao núcleo da sílaba e a partir dele decresce, figurando o elemento mais sonoro sempre na parte central: “em outras palavras, as vogais são candidatas a serem núcleo da sílaba e os segmentos com a sonoridade mais baixa funcionam como ataque e coda dentro da estrutura silábica” (Barreto, 2023, p. 153).

<sup>7</sup> *Sonority Scale* (Clements, 1990, p. 292), por vezes traduzido também como Escala de Soância (Miranda e Matzenauer, 2010); Sequência de Sonoridade (Collischonn, 2001); Hierarquia de Sonoridade (Cristófarro Silva, 2017), etc.

De acordo com Clements (1990, p. 294), obstruintes estão em um grau mais baixo de sonoridade que as consoantes nasais, estas que, por sua vez, são menos soantes que as líquidas, os glides e as vogais, estas últimas ocupando uma posição mais alta na escala. Dentre todas, as vogais são, portanto, as mais soantes.

A partir disso, pode-se formular a seguinte condição para a boa formação da sílaba, fundamentada em Selkirk (1984):

Condição de sequência de sonoridade

Em qualquer sílaba, o elemento mais sonoro constitui o núcleo e é precedido/ seguido por elementos de grau de sonoridade crescente/ decrescente (COLLISCHONN, 2001, p. 102).

Conforme Alves (2017, p. 130), a partir desse princípio, o elemento mais sonoro deverá ocupar o núcleo, de modo que os segmentos mais altos, em termos de sonoridade, estejam mais perto do centro, enquanto os segmentos mais inferiores na hierarquia estejam mais próximos às margens.

De acordo com Miranda e Matzenauer (2010, p. 369-70), as classes de segmentos que podem preencher as posições de C (consoante) na estrutura silábica do português, seguindo a Escala de Soância, estão representadas e exemplificadas no quadro da figura 5:

Figura 5 - Segmentos que podem ocupar C

Posição de C	classes de segmentos	exemplos
CV	plosivas (/p, b, t, d, k, g/), fricativas (/f, v, s, z, ʃ, ʒ/), nasais (/m, n, ñ/), líquidas (/R <sup>8</sup> , r, l, ʎ/)	'pé', 'bo.ta', 'do.ca', 'ga.to' 'fa.vo', 'só', 'zé', 'chá', 'já' 'ma.na', 'u.nha' 'rã', 'le.ro', 'o.lha'
VC <sup>9</sup>	fricativas coronais (/S/), nasais (/N/) <sup>10</sup> , líquidas (/r, l/) glides <sup>11</sup> .	'pas.ta' 'pen.sa' 'per.to', 'pal.co' 'rei', 'pau'
C <sub>1</sub> C <sub>2</sub> V	C <sub>2</sub> somente líquidas (/r, l/)	'pra.to', 'pla.ca'
V C <sub>1</sub> C <sub>2</sub> <sup>12</sup>	C <sub>2</sub> somente fricativa coronal (/S/)	'mons.tro', 'ins.tru.ção'

Fonte: Miranda e Matzenauer (2010, p. 370).

Tratando mais especificamente sobre a relação desse princípio com o fenômeno fonológico proposto nesta pesquisa como objeto, Barreto (2023, p. 113) apresenta:

Callou (2015) menciona que uma resposta ao cancelamento de -r pode estar no Princípio de Sequenciamento da Sonoridade, que requisita o aumento da sonoridade dos ataques silábicos na direção do núcleo e sua redução do núcleo para a coda. Esse princípio se aplica à constituição dos grupos consonantais e vê o enfraquecimento de

-r em contexto final como uma tendência a tornar maior a distância entre a sonoridade do núcleo para a coda.

Dessa forma, percebemos que o contexto linguístico é determinante para o tipo de realização do segmento rótico que será empregado. Esse fato pode ser evidenciado ao tratarmos do contexto seguinte ao infinitivo verbal. Em um verbo como “chamar”, o segmento rótico que ocupa a coda final da palavra, quando não é apagado, pode ter diversas pronúncias, a depender da variedade do falante. No entanto, quando observado um contexto seguinte cuja palavra inicia-se por vogal, como em “fechar a porta”, a pronúncia do /R/ tende a ser um tepe, já que o /R/ passa a ocupar um contexto intervocálico. Silva (1999 apud Barreto, 2023, p. 113) evidencia esse fato por meio de uma comparação entre palavras singulares terminadas em -R e sua configuração no plural: em ator, o segmento rótico que ocupa a coda da palavra é R-forte<sup>8</sup>, podendo ser pronunciado de diversas maneiras dependendo do dialeto, mas quando se flexiona esse vocábulo para sua forma plural (atores), o R-forte é substituído pelo r-fraco<sup>9</sup>. Esses exemplos representam algo muito recorrente na língua portuguesa contemporânea.

#### 2.4.2 Molde silábico

Miranda e Matzenauer (2010, p. 368-9) explicam que, com base na Escala de Sonoridade, é possível dar conta da formação das diferentes estruturas silábicas observadas nas línguas do mundo, uma vez que o grau de soância dos segmentos é o que vai definir o preenchimento das posições de uma estrutura silábica. Assim, é possível, por exemplo, entender por que há preferência aos segmentos detentores de maior índice na escala – as vogais – para a composição do núcleo da sílaba, além de por que, nas posições marginais ou mais próximo das vogais, são encontrados apenas segmentos consonantais cujos índices de sonoridade diminuem gradativamente das líquidas às obstruintes.

O molde silábico determina o número máximo e mínimo de elementos permitidos numa sílaba em determinada língua. Cada língua difere quanto ao número de segmentos permitido em cada constituinte silábico. Assim, o molde é uma afirmação geral a respeito da estrutura possível de sílabas numa determinada língua, com a finalidade de evidenciar certas particularidades que a caracterizam (Collischonn, 2001, p. 97-98).

---

<sup>8</sup> É denominado R-forte o som de R que ocorre em posição de início de sílaba em todos os dialetos do português, como em “rua”, “carro” ou “guelra” (Cristóvão Silva, 2017, p. 186).

<sup>9</sup> É denominado r-fraco o som de R que ocorre em posição intervocálica e em encontros consonantais tautossilábicos em todos os dialetos do português, como em “caro” ou “prato” (Cristóvão Silva, 2017, p. 186).



Mendonça (2003, p. 22) mostra que, quando se olha para o conjunto de palavras das línguas, é possível perceber que elas seguem determinados princípios organizacionais, e que esses princípios não são os mesmos para todas as línguas. De maneira geral, as línguas são regidas por regras fonotáticas que permitem ou não determinados arranjos ou sequências sonoras em uma sílaba. Dessa forma, a compreensão das restrições que operam em dada língua permite descrever a organização não só da sílaba, mas também das palavras.

Collischonn (2001, p. 107) afirma ainda que, para o português, não há acordo entre os autores quanto ao número máximo de elementos que uma sílaba possa conter. No entanto, há padrões silábicos, que podem ser definidos a partir de diferentes propostas teóricas, reunidas pela autora, como disposto na figura 6:

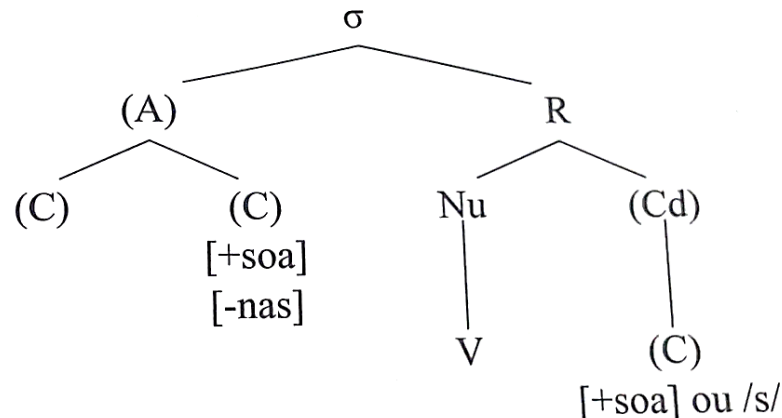
Figura 6 - Padrões silábicos do português

V	<u>é</u>
VC	<u>ar</u>
VCC	<u>instante</u>
CV	<u>cá</u>
CVC	<u>lar</u>
CVCC	<u>monstro</u>
CCV	<u>tri</u>
CCVC	<u>tres</u>
CCVCC	<u>transporte</u>
VV	<u>aula</u>
CVV	<u>lei</u>
CCVV	<u>grau</u>
CCVVC	<u>claustro</u>

Fonte: Collischonn (2001, p. 107).

Bisol (1999) também propõe um molde silábico para o português brasileiro, como apresentado na figura 7:

Figura 7 - Molde silábico do português brasileiro



Fonte: Bisol, 1999 (apud Alves, 2017, p. 133).

A autora (1999, apud Alves, 2017, p. 133) apresenta ainda as seguintes informações acerca do molde silábico no português brasileiro:

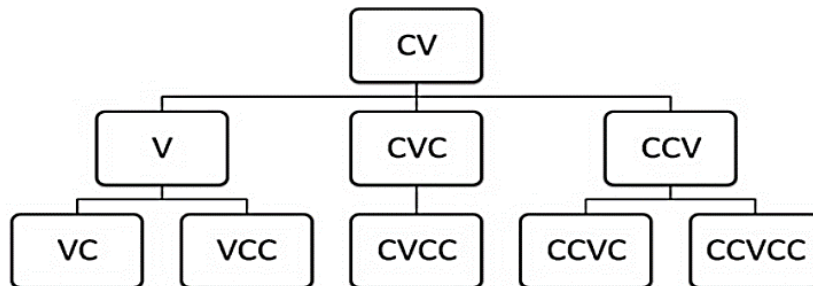
- (i) A sílaba do português tem estrutura binária, representada pelos constituintes ataque e rima, dos quais apenas a rima é obrigatória.
- (ii) A rima também tem estrutura binária, núcleo e coda. O núcleo é sempre uma vogal, e a coda é uma soante ou /S/.
- (iii) O ataque compreende ao máximo dois segmentos, o segundo dos quais é uma soante não nasal.

Massini-Cagliari (2015, p. 75) afirma que as formas das sílabas variam de uma língua para outra e que a silabação é, dentro de cada língua, previsível. Barreto (2023, p. 151) evidencia que a disposição silábica mais comum nos idiomas consiste em uma consoante seguida por uma vogal (CV). Para a autora, essa estrutura canônica expõe a grande divisão interna da sílaba em ataque e rima, conforme demonstramos por meio do modelo apresentado. Além disso, Barreto (2023, p. 152) retoma à pesquisa de Bisol para relacionar as concepções de estrutura silábica e de silabificação:

Bisol (1999) argumenta que as concepções de estrutura silábica e de silabificação andam juntas, mas podem ser entendidas como instruções distintas. A estrutura silábica é uma teoria a respeito da unidade silábica, em forma de árvore, que se refere aos princípios gerais de formação da sílaba básica. Tal teoria figura dentro do léxico profundo, representando o conhecimento que o falante guarda sobre a estruturação silábica de seu idioma. Esse saber emerge à medida que a capacidade da linguagem se desenvolve. A silabificação, por seu turno, é o mapeamento de uma cadeia de sons ao molde canônico da língua, deduzido da sílaba básica, para fins de análise. Em PB, os princípios de composição da sílaba básica (PCSB) geram o molde silábico CCVC(C).

Acerca desse tema, Miranda e Matzenauer (2010, p. 369) trazem um esquema dos tipos silábicos mais frequentes nas línguas do mundo:

Figura 8 - Tipos silábicos mais frequentes nas línguas do mundo



Fonte: Miranda e Matzenauer (2010, p. 369).

Como disposto na figura 8, a partir da sílaba canônica CV, podem ser derivadas as estruturas V, CVC e CCV, e delas, outras mais: VC, VCC, CVCC, CCVC e CCVCC. No português, a sílaba mínima só pode ser composta por uma vogal (V) e a sílaba máxima, aquela com maior número de elementos, por cinco segmentos (CCVCC).

Para o caso em que analisaremos nesta dissertação, referente ao apagamento de /R/, a sílaba é (C)VC, já que trataremos de infinitivos verbais terminados em -ar, -er, ir. As novas formações a partir desse fenômeno resultam em simplificação da sílaba para a formação mais canônica, (C)V, que abordaremos de maneira mais detalhada posteriormente.

## 2.5 A Fonologia Prosódica

Uma das teorias de base gerativa que integram o grupo das fonologias não lineares é a Fonologia Prosódica. As vertentes não lineares partilham a visão de que a estrutura dos constituintes prosódicos se dá de forma hierarquizada (Barreto, 2023, p. 137). Para Tenani (2002, p. 2), o trabalho de Selkirk (1978) pode ser considerado a semente da Fonologia Prosódica. Tenani (2017, p. 109) menciona posteriormente que a Fonologia Prosódica faz parte de um conjunto de modelos teóricos que têm como objetivo o estudo de fenômenos fonético-fonológicos que evidenciam a interface da Fonologia com os demais componentes da gramática. Essa fonologia “caracteriza-se como uma teoria formal sobre estruturas prosódicas, as quais são definidas a partir da identificação de informações de natureza sintática ou morfológica relevantes para caracterizar domínios de aplicação de regras fonológicas” (p. 109).

Assim como outras fonologias não lineares, a Fonologia Prosódica considera a fonologia como um componente gramatical, organizado em constituintes hierárquicos, que

estão sujeitos a relações de dependência regidas por princípios universais comuns às gramáticas do mundo. De modo genérico, a Fonologia Prosódica estuda a “sintaxe dos sons” (cf. Tenani, 2017, p. 111), a fim de explicar e descrever como se configuram porções do enunciado de uma forma e nunca de outra, o que pode ser definido como a gramática de uma língua.

Tenani (2017, p. 114) resume que o arcabouço teórico da Fonologia Prosódica pressupõe estes dois pontos: i) há uma organização prosódica dos enunciados que rege processos segmentais, rítmicos e entoacionais da língua e ii) essa organização prosódica é constituída a partir de informações dos demais componentes da gramática, sendo mobilizadas informações morfossintáticas e semânticas, atendidas condições pragmáticas de enunciação.

Em referência aos estudos da prosódia, Barbosa (2019, p. 20) nos mostra que cabe a esse ramo a análise fonética e fonológica das relações entre unidades silábicas, que são base de constituição de relações entre unidades superiores, no intuito de moldar o falar para um determinado fim. De acordo com o autor (2019, p. 37), “a prosódia é o componente de nossa fala que organiza nossos enunciados, moldando nossa maneira de falar através do concurso de modificações articulatórias que se manifestam acusticamente em unidades prosódicas”. A seguir, trataremos das unidades prosódicas, a saber, a sílaba como um de seus componentes.

### 2.5.1 Constituintes prosódicos e hierarquia prosódica

Tenani (2002, p. 2) afirma que “a fala é organizada hierarquicamente em constituintes prosódicos os quais são construídos a partir de informações de outros componentes da gramática”. Conforme Bisol (2001 [1996], p. 206), constituinte é uma unidade linguística complexa, formada de dois ou mais membros, que estabelecem entre si uma relação do tipo dominante/dominado.

A Hierarquia Prosódica é constituída de unidades linguísticas que se organizam de modo hierárquico. Os constituintes prosódicos que compõem a escala prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986) são:

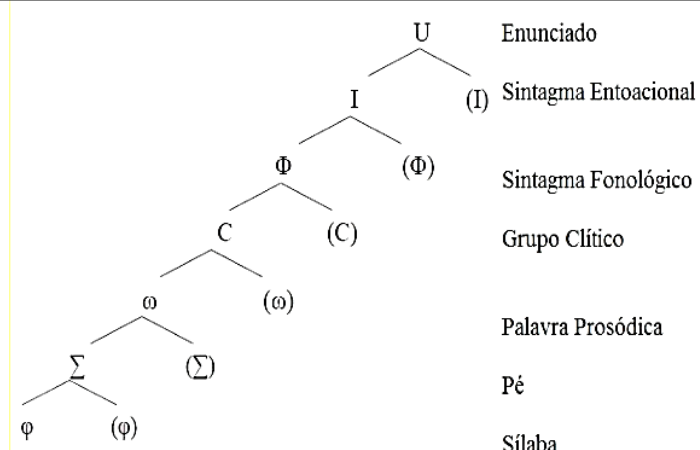
Figura 9 - Constituintes prosódicos

Hierarquia Prosódica	
enunciado	U (do inglês <i>utterance</i> )
frase entonacional	I (do inglês <i>intonational phrase</i> )
frase fonológica	$\Phi$
grupo clítico	C
palavra fonológica	$\omega$
pé	$\Sigma$
sílaba	$\sigma$

Fonte: Bisol (2001 [1996], p. 230).

Essa hierarquia oferece instrumentos para a análise da interface fonologia-sintaxe (Cristóforo Silva, 2017, p. 133) e pode ser representada por um diagrama arbóreo, conforme evidenciado na figura 10:

Figura 10 - Hierarquia dos constituintes prosódicos

Constituintes prosódicos	Exemplos
	<p>U - [[/uguaRda/ /juva/ /kebra/ /nuveNtu/]I [/nuveNtu foRti/I]]U</p> <p>I - [[/uguaRda/ /juva/]Phi [/kebra/]Phi [/nuveNtu/]Phi]I</p> <p>Phi - [[/guaRda/]c [/juva/]c]Phi</p> <p>C - [[/di/] omega [/juva/] omega]C</p> <p>omega - [/guaRda/]omega [/juva/]omega</p> <p>Sigma - /pata/; /kalada/ ( * . ) ( * . ) ( * . ) ( . * . )<sup>4</sup></p> <p>Sigma - /pa.ta/; /paS.ta/; paR.ta/<sup>5</sup></p>

Fonte: Bisol (2001, p. 230 apud Baldow; Santos; Pacheco, 2020, p. 245).

Dessa forma, Bisol (2001 [1996], 230-1) elenca os princípios que regulam essa hierarquia prosódica:

- i) cada unidade da hierarquia prosódica é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa;
- ii) cada unidade está exhaustivamente contida na unidade imediatamente superior de que faz parte;
- iii) os constituintes são estruturas n-árias;
- iv) a relação de proeminência relativa, que se estabelece entre nós irmãos, é tal que a um só se atribui o valor forte (s) e a todos os demais o valor fraco (w).

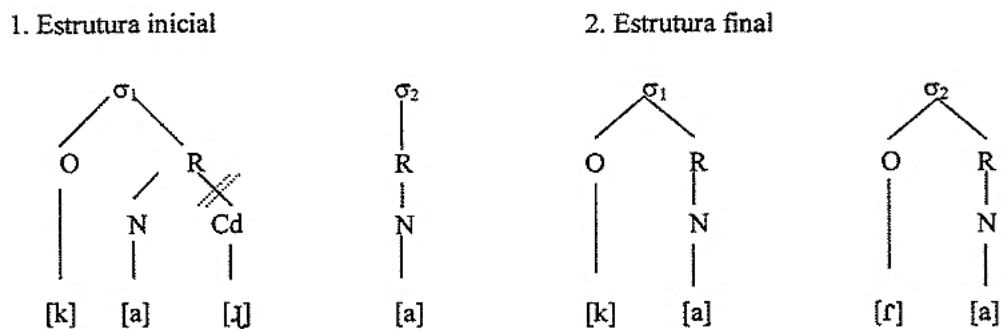
Assim, cada nível superior contém, exhaustivamente e apenas, os níveis imediatamente



uma palavra iniciada por vogal.

Tenani (p. 118) explica ainda que o *tapping* se configura, no dialeto em questão, quando a vibrante que ocupa a posição de coda da sílaba do primeiro vocábulo perde suas características de retroflexão (variante recorrente nesse contexto no dialeto pesquisado pela autora) e passa a ser um tepe em posição de *onset*, formando com a vogal da sílaba inicial do segundo vocábulo uma nova sílaba, como ilustra a figura 12.

Figura 12 - Estrutura inicial e final do processo de *tapping* em “açúcar amarelo”



Fonte: Tenani (2002, p. 117).

Tenani (2002, p. 119) aponta ainda que o processo de *tapping* se caracteriza por envolver fronteiras de palavras, as quais, a depender do contexto, podem ser também uma fronteira de domínios mais altos da hierarquia prosódica.

O processo de *tapping*, como visto anteriormente, se caracteriza pela reestruturação dos elementos da sílaba quando adjacentes dois vocábulos: o elemento da coda da sílaba final do primeiro vocábulo passa a *onset* da primeira sílaba do segundo vocábulo. Tenani (2002, p. 282) explica que:

O resultado relevante é a configuração de duas sílabas CV no lugar de uma sílaba travada (CVC) e de outra preenchida apenas pelo núcleo (V). Foi constatado também que em PB sempre se configuram sílabas CV, quando há adjacência prosódica entre os vocábulos candidatos a esses processos (isto é, quando não há ocorrência de pausa entre as fronteiras). Afirmamos que esses processos têm como característica a otimização da seqüência (sic) de sílabas CV, a qual não é bloqueada por qualquer tipo de fronteira prosódica que possa estar em jogo.

Assim, vemos mais uma vez a tendência à simplificação da sílaba para a canônica estrutura silábica CV guiando os processos fonológicos do PB.

## 2.6 Os róticos no PB

Para discutir esta questão, Barreto (2023) reúne, em sua tese, alguns estudos sobre as consoantes róticas no PB, dos quais apresentaremos alguns a seguir. Para Monaretto (1997), o

rótico se caracteriza como sendo o fonema que revela o maior número de produções fonéticas nas línguas em geral, podendo apresentar diferentes variantes.

Assim, Barreto (2023, p. 108) elucide que o ambiente ocupado pelo rótico dentro da sílaba e do vocábulo desempenha um papel significativo em sua pronúncia, tendo em vista que as variantes se produzem de acordo com posições linguísticas específicas. A partir de Silva (1999), a autora elabora um quadro que mostra as realizações fonéticas das consoantes do PB, no qual ela destaca, em vermelho, os símbolos referentes aos róticos.

Figura 13 - Realizações fonéticas das consoantes do PB

Articulação		Bilabial	Labio-dental	Dental ou Alveolar	Alveo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Maneira	Lugar							
Oclusiva	desv.	p		t			k	
	voz.	b		d			g	
Africada	desv.				tʃ			
	voz.				dʒ			
Fricativa	desv.		f	s	ʃ		x	h
	voz.		v	z	ʒ		ɣ	ɦ
Nasal	voz.	m		n		ɲ (ɥ)		
Tepe	voz.			r				
Vibrante	voz.			ʀ				
Retroflexa <sup>49</sup>	voz.			ɻ				
Lateral	voz.			l (ɭ)		ʎ (ʎ')		

Fonte: Elaborada por Barreto (2023, p. 109) conforme Silva (1999, p. 37).

O quadro demonstra as diferentes realizações do rótico a depender de seu contexto. A partir disso, como portam distintas realizações fonéticas, utiliza-se, no nível fonológico, o arquifonema /R/ para representar que, em contexto posvocálico – contexto do fenômeno proposto para ser analisado nesta pesquisa –, há diferentes formas de se pronunciar essa consoante.

Monaretto, Quednau e Hora (2001, p. 205), ao discutirem as consoantes do português, afirmam que as modalidades articulatórias do /R/ são dependentes do dialeto e do contexto linguístico. Assim, na posição pré-vocálica (rato, honra), ocorre a vibrante forte; já em posição pós-vocálica (carne, mar), o contexto de maior variação, predomina a vibrante simples em dialeto do Sul; em grupo consonântico (prato), só aparece a vibrante simples; na posição intervocálica, a diferença é importante, pois distingue significados como em caro/carro,



era/erra, muro/murro. Entre vogais, pois, há oposição fonológica.

Importante novamente ressaltar, como já mencionado de maneira introdutória nesta dissertação, que a análise dos dados levantados por este estudo envolve o apagamento de uma letra -R, que, nesse caso, tem valor grafêmico que recupera um arquifonema /R/, o qual tem como correspondentes fonéticos um conjunto de sons de rótico.

Conforme Santos, Tavares e Prado (2021, p. 20) explicitam, seja em posição média ou final de coda, a pronúncia dos róticos pode sofrer variações na fala, desde a manutenção da sua articulação vinculada ao contexto fonológico até o seu total apagamento. Dessa maneira, essas variações também podem ser corroboradas em âmbito de escrita nas produções de alunos em processo de aquisição e amadurecimento da escrita.

## **2.7 O fenômeno fonético-fonológico de apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais**

Como vimos anteriormente, a estrutura básica da sílaba é composta por *onset* e rima, que, por sua vez, é composta por um núcleo e uma coda. É nessa posição de coda – posição pós-vocálica – final (também chamada de externa) – por estar presente em final de palavra – que o -R marcador de infinitivo verbal se apresenta.

Câmara Jr. (1994 [1970], p. 38) afirma que, na língua portuguesa, o núcleo da sílaba é sempre uma vogal, podendo ser pós-vocálicas somente algumas consoantes: “[...] as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas, etc.)” (Câmara Jr., 1994 [1970], p. 51). Portanto, uma das funções do /R/ é ser parte decrescente da margem da sílaba.

Alvarenga e Oliveira (1997, p. 131) evidenciam que as consoantes podem ocupar posições consonantais fortes e fracas na sílaba, em que o *onset* representa a posição forte, ou a posição consonantal estável; e a coda, a posição fraca, ou posição consonantal instável. Dessa maneira, segundo os autores, “a coda pode ser interpretada como um lugar de virtuais variações na língua, o ‘lugar fonológico’ em que poderá ocorrer, em princípio, um grande número de alofonias na fala e o ‘lugar’ de um grande número de variações de escrita”. Assim, a coda representa um ambiente mais propício a sofrer variações, principalmente em posição final de palavras.

Segundo Callou, Moraes e Leite (1998), o processo de apagamento do /R/ na língua portuguesa, em seu início, foi considerado uma característica dos falares incultos e, no século XVI, nas peças de Gil Vicente, era usado para singularizar o linguajar dos escravos. O apagamento do /R/ em final de sílaba chegava a ser associado anteriormente a pessoas de baixa escolaridade e condições socioeconômicas.

Cagliari (1992, p. 81) afirma ainda que os modos diferentes de falar acontecem porque as línguas se transformam ao longo do tempo, assumindo peculiaridades características de grupos sociais diferentes, e os indivíduos aprendem a língua ou variedade da comunidade em que vivem.

Para Câmara Jr. (1994 [1970], p. 48), podemos dizer que em posição não intervocálica há uma neutralização das oposições entre R-forte e r-fraco. A neutralização, termo adotado por Trubetzkoy (Câmara Jr., 1994 [1970], p. 43), acontece quando mais de uma oposição desaparece ou se suprime, ficando para cada uma um fonema em vez de dois. A neutralização é, pois, um fenômeno que expressa a perda de contraste fonêmico em ambiente específico (Cristófaró Silva, 2017, p. 159), como no caso dos róticos [h, ã, r, ɹ, ʁ, x] que, em posição inicial de sílaba e entre vogais, apresenta oposição: *carro* ['kãɹu] x *caro* ['kãɹu]; no entanto, no final de sílaba, o contraste fonêmico é perdido entre os róticos, de maneira que palavras como *lugar* ou *casar* podem ter a consoante pronunciada como qualquer um dos róticos, pois está numa posição neutralizada. Assim, para ilustrar a neutralização, geralmente é utilizado o arquifonema, cuja representação convencional em transcrição fonêmica é feita pela letra do fonema não marcado em forma maiúscula (Câmara Jr., 1994 [1970], p. 52), no caso dos róticos, o arquifonema /R/.

No português, em posição final de sílaba, conforme Cristófaró Silva (1999, p. 160), a perda de contraste fonêmico entre R-forte e r-fraco é neutralizada. Isso quer dizer que, nesse contexto, pode ocorrer foneticamente segmento correspondente ao R-forte ou ao r-fraco. Para indicar foneticamente o som de R em posição final de sílaba – e em posição pós-vocálica –, utiliza-se, então o arquifonema /R/.

No repertório dos alunos, e no do professor, o /R/ em fim de palavras, principalmente nos infinitivos verbais, desaparece (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 40). Como não pronuncia esse segmento, o aluno, algumas vezes, transfere essa característica da oralidade para a escrita, e confunde-se ao escrever formas verbais no infinitivo, como “correr”, sem o -R final, colocando-a como “corre” que se confunde, na escrita, com o verbo “correr” conjugado pelo presente do indicativo na 3ª pessoa do singular – “ele corre”. Pode acontecer ainda de o aluno acentuar graficamente a última sílaba – “corrê” –, o que evidencia o seu conhecimento da sílaba tônica da palavra em questão.

O estudo feito por Cagliari (1992, p. 138-139), com base em redações de alunos em processo de alfabetização, mostra que a escrita não-convencional mais comum dos educandos é caracterizada por uma transcrição fonética. O aluno não escreve o -R por não haver som

correspondente na sua fala, por exemplo, “lava” (de “lavar”).

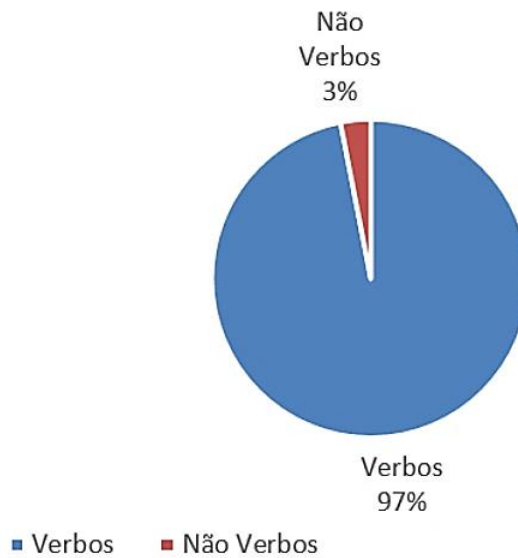
Nota-se que o apagamento do rótico no final de palavras é o mais recorrente. Sobre esse assunto, Barreto (2023, p. 113) também ressalta que o apagamento do rótico ocorre com maior frequência em coda externa, ou seja, no contexto final da palavra. Além disso, Callou, Serra e Cunha (2015, p. 200) defendem que “[...] a presença do R, em coda silábica final, constituiria, no caso, uma marca morfológica de caráter redundante, já que o infinitivo e o subjuntivo futuro são marcados também pelo acento lexical na última sílaba”. Os autores apontam ainda para a necessidade de se considerar separadamente o comportamento do /R/ em contextos de coda medial e coda final. Para esta pesquisa, serão considerados apenas os contextos de coda final, onde se encontra o -R como marca morfológica do infinitivo.

Freire e Hora (2019, p. 9) apontam que a natureza da classe de palavra favorece a manutenção do -R nos nomes, em comparação aos verbos, já que estes, em relação àqueles, são mais flexíveis e maleáveis, permitindo mais alterações: “parece que é muito mais provável realizar canta[Ø] de que em melho[Ø]”. Oliveira (2001, p. 54) demonstra essa questão em sua pesquisa, cujos resultados apontaram para um maior índice desse fenômeno nos verbos, alinhando-se ao que tradicionalmente se afirma sobre o verbo constituir-se uma das classes morfológicas na qual mais ocorre o apagamento.

Citamos aqui, também, o estudo semelhante realizado por Santos, Tavares e Prado (2021), a partir de 80 (oitenta) redações de duas instituições escolares de Porto Velho - RO. Trata-se de um estudo que parte da descrição dos róticos em contextos de textos dissertativos de alunos da Educação de Jovens e Adultos - EJA. A pesquisa tinha como objetivo verificar as marcas da oralidade nos textos escritos em função do apagamento do rótico – fenômeno presente, assim como em outras regiões do Brasil, em Porto Velho. Os autores analisaram o apagamento do rótico em verbos e não verbos, no entanto, atentar-nos-emos aqui apenas aos verbos, objetos desta pesquisa.

Como resultados, os autores constataram que houve 95 (noventa e cinco) ocorrências de apagamento no final de verbos dentre as redações analisadas, enquanto apenas 6 (seis) casos de apagamento do rótico em sílaba interna dos verbos. Em não verbos, a título de conhecimento, ocorreram apenas seis casos: metade em sílaba interna e os outros três no final dos verbos. Nota-se, portanto, que o apagamento do rótico no final de verbos é mais recorrente.

Figura 14 - Distribuição do apagamento dos róticos em posição final na pesquisa de Santos, Tavares e Prado



Fonte: Santos, Tavares e Prado (2021, p. 31).

Ainda conforme a pesquisa mencionada, foi observado que a ocorrência do fenômeno em análise incide, quase que exclusivamente, em verbos no infinitivo decorrentes de 1ª conjugação (terminados em -ar), conforme se constata nos resultados apresentados pelos autores: das 157 (cento e cinquenta e sete) ocorrências de apagamento do -R no final de infinitivos verbais, 132 (cento e trinta e dois) são da primeira conjugação, enquanto 18 (dezoito), da segunda (terminados em -er), e apenas 7 (sete) da terceira (terminados em -ir). Além disso, os autores verificaram que o apagamento apresentou maior tendência em posição final de verbos, o que coincide com o que é afirmado na literatura sobre esse tema e mostra que a separação de ordem morfológica entre verbos e não verbos é significativa (Santos; Tavares; Prado, 2021, p. 36).

Em seu estudo sobre o fenômeno de apagamento do /R/, Oliveira (1983, p. 93) afirma que:

- A) o apagamento é muito mais frequente e saliente em posição de final de palavra do que no interior da palavra;
- B) sua ausência em final de palavra é mais comum em verbos do que em não-verbos;
- C) de acordo com alguns relatos, o apagamento está relacionado a falantes de classe mais baixa e é considerado um vulgarismo;
- D) o apagamento é um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico.

Para esta pesquisa, portanto, dedicamo-nos a afunilar os processos de apagamento apenas em contexto de infinitivos verbais, já que, como apontam o item “b” de Oliveira (1983) e outras pesquisas linguísticas já mencionadas, a recorrência desse fenômeno é mais presente em verbos do que não verbos. Além disso, o contexto de infinitivo verbal se dá em final de

palavra, como aponta ser mais recorrente conforme o item “a” proposto por Oliveira (1983). Outro ponto relevante apresentado como resultado na pesquisa de Oliveira (1983) e que será importante abordar nesta dissertação é que o apagamento é um processo variável, sujeito a condicionamento fonológico, e esse condicionamento é o que pretendemos analisar a partir de diferentes contextos. Por fim, o item “c”, o qual revela ser esse fenômeno considerado, segundo alguns relatos, vulgarismo ou ligado a pessoas de baixa renda, possa estar ultrapassado, já que pesquisas posteriores à de Oliveira, como as de Callou, Moraes e Leite (1998) e Serra e Callou (2013), revelaram que o apagamento do /R/, em verbos principalmente, expandiu-se paulatinamente e aparenta representar uma nova norma introduzida na comunidade, sendo comum na fala dos vários estratos sociais em todo o território nacional.

Assim, a partir desses pressupostos, pretendemos investigar o apagamento do -R no final de infinitivos verbais na escrita. Para isso, apresentamos, na próxima seção, como se procederam os estágios pelos quais a metodologia desta pesquisa se desenvolveu.

### 3 METODOLOGIA

Esta investigação, de cunho quantitativo e qualitativo, organizou-se metodologicamente em quatro etapas principais: i) coleta e organização de textos de alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II; ii) coleta e organização de casos de apagamento do -R no final de infinitivos verbais; iii) quantificação e organização do corpus; iv) descrição e análise dos dados coletados. A seguir, explicaremos como se deu cada uma dessas etapas.

#### 3.1 Coleta e organização dos textos

As redações foram produzidas em três escolas de Porto Velho - RO que autorizaram a coleta de dados, a partir de temas pré-selecionados e discutidos em sala de aula, em folhas brancas pautadas<sup>11</sup> e sem identificação por nome do aluno-autor de cada texto. No total, para esta dissertação, foram reunidas 104 (cento e quatro) redações autorizadas<sup>12</sup> a integrarem o banco de dados. Todos os textos foram identificados de maneira que se mantivesse o anonimato dos informantes e das escolas, estas sendo identificadas por letras (A, B e C) e aqueles, por números.

As redações escolares foram coletadas entre os anos de 2018 e 2019, e fazem parte do banco de dados do Núcleo de Estudos em Fonologia (NEFONO). Para a aplicação da proposta de redação nas escolas A e B, foi escolhido, por sugestão da professora regente da turma de 6º ano da Escola A, o gênero narrativo, que poderia despertar maior interesse dos alunos e incentivar a sua criatividade, além de possibilitar liberdade no seu momento de criação e de ter uma maior relação com a língua falada em virtude da presença do discurso direto. Por se tratar de um gênero de texto muito presente no cotidiano dos alunos, acreditamos que ele pode favorecer nossa pesquisa, já que temos como objetivo analisar aspectos de oralidade presentes no texto escrito.

Primeiramente, foi debatido em sala de aula o conceito de gênero narrativo e seus elementos e, logo em seguida, apresentamos um exemplo de narrativa. Para esse trabalho, foram apresentadas a versão clássica da história dos Três Porquinhos e a versão que apresenta a história dos três porquinhos do ponto de vista do lobo mau (*A verdadeira história dos três porquinhos*, Scieska, 2005). Logo após a exposição, houve uma breve discussão sobre as histórias lidas e, em seguida, a proposta de redação foi aplicada. Os alunos redigiram um texto

---

<sup>11</sup> Conforme consta nos Anexos A e B desta dissertação.

<sup>12</sup> Esta pesquisa está registrada na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (parecer 2.689.238).

narrativo, a maioria se baseou em contos de fadas, apresentando outro ponto de vista de um conto conhecido, por meio do manuseio com os elementos da narrativa – criando novos personagens, espaços, enredos, etc.

Na escola C, por sua vez, foi escolhido para a proposta de redação o gênero descritivo, que tem como característica descrever algo ou alguém detalhadamente, tornando possível ao leitor a criação de um retrato verbal do objeto ou do ser descrito. Por tratar-se de turmas de 6º ano, foi pensado que os alunos poderiam escrever de maneira mais livre, clara e objetiva o que pretendiam descrever, desse modo, o gênero descritivo pode atender às expectativas desta pesquisa já que pode haver ocorrência de aspectos da oralidade nos textos escritos.

Para essa proposta, foi debatido em sala de aula, em primeiro momento, o conceito de gênero descritivo e seus elementos e, logo em seguida, foi apresentado o tema da redação. Os alunos deveriam descrever alguém ou a si mesmo, pontuando as particularidades, como aspectos físicos e psicológicos.

Antes da produção textual e da coleta dos textos, houve reunião com os diretores escolares, o docente responsável pela disciplina de Língua Portuguesa, os discentes e seus responsáveis para explicitar o motivo da pesquisa, seus riscos e benefícios. Todos os informantes e seus responsáveis legais preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>13</sup>, redigido de acordo com as recomendações da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS)<sup>14</sup>.

Foram muitos os desafios enfrentados no decorrer da realização desta etapa da pesquisa, um importante de mencionar deu-se a partir da dificuldade de conseguir autorização dos pais e responsáveis para a coleta de redações dos estudantes. Foram coletados, no total, muito mais textos, que precisaram ser descartados por não possuírem autorização escrita do aluno ou do responsável, e disso destaca-se uma das dificuldades de se trabalhar com informantes de educação básica que, em sua maioria, são menores de idade.

Os alunos, de forma geral, mostravam-se empolgados quando era mencionado que seus textos fariam parte de um banco de dados para uma pesquisa. Não era citado qual fenômeno seria investigado ou para o quê especificamente estavam escrevendo, mas nos apresentávamos como estudantes e pesquisadoras da língua. A intenção era mostrá-los a importância daquela atividade e deixá-los à vontade quanto ao que iriam escrever, assim, poderiam participar de

---

<sup>13</sup> Conforme consta nos Anexos C e D desta dissertação.

<sup>14</sup> Disponível em: [https://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2013/06\\_jun\\_14\\_publicada\\_resolucao.html](https://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2013/06_jun_14_publicada_resolucao.html).

forma mais produtiva. Apesar do ambiente escolar, da presença das estudantes pesquisadoras e da professora regente da turma, procurávamos incentivar a espontaneidade dos textos, para que assim os alunos escrevessem da maneira mais próxima à que estavam acostumados.

### **3.2 Coleta e organização dos casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais**

A partir dos textos coletados, iniciou-se a busca de fenômenos fonológicos de apagamento do -R em finais de infinitivos verbais, em que se sucede a queda do segmento consonantal /R/. Esse fenômeno mostra-se recorrente em infinitivos verbais, como “falar” que por vezes é escrito “fala”, ocorrendo com frequência na oralidade, inclusive na fala de falantes da modalidade padrão do português, e por vezes representado em textos de alunos de Ensino Fundamental. Todos os textos foram digitalizados, tiveram seus conteúdos digitados, respeitando-se as especificidades de escrita encontradas, e identificados apenas por um número (Informante 01, Informante 02 etc.). Cada informante recebeu uma numeração e cada escola, uma letra. As redações físicas foram organizadas em pastas catálogo para melhor manuseio em um momento de consulta. As digitalizações e digitações dos textos foram organizadas em pastas individuais de cada informante, juntas aos TCLEs – dos informantes e de seus responsáveis – digitalizados.

### **3.3 Quantificação e organização do corpus**

As ocorrências do fenômeno escolhido para análise foram quantificadas de forma geral, fazendo-se uma quantificação simples, e examinadas a partir de exemplos que se mostraram mais produtivos para a discussão acerca da hipótese considerada. A partir disso, foram relacionados e quantificados todos os infinitivos verbais escritos em todos os textos – no total, 618 verbos – e organizados em colunas por escola, informante, conjugação, quantidade de sílabas, se manteve ou não o -R final e sua relação com o contexto seguinte (se a palavra seguinte era iniciada por vogal, consoante ou pausa). Dessa maneira, otimizava-se a análise para que fossem construídas as tabelas no *excel* de maneira mais eficiente e se pudesse utilizar a ferramenta de filtro para a produção de tabelas específicas sobre cada contexto.

### **3.4 Descrição e análise dos dados coletados**

Este trabalho teve como proposta a continuidade de uma pesquisa que vem sendo desenvolvida desde a Iniciação Científica (PIBIC), com início no ano de 2018, aprimorada para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no ano de 2020, e encaminhada para o foco no estudo desta Dissertação de Mestrado.



Como proposta para o projeto deste estudo em nível de Mestrado, pretendeu-se dar continuidade à pesquisa, aprimorando significativamente as abordagens teóricas para as análises do corpus, a fim de buscar respostas contundentes que pudessem auxiliar na reflexão do diálogo entre a escrita e a fonética e a fonologia. Assim, além de ampliar o corpus, buscou-se aprofundar as análises sobre o fenômeno objeto desta pesquisa, por meio do estudo da literatura acerca desse fenômeno tão marcado na oralidade e dos preceitos teóricos aos quais nos afiliamos, sobretudo os modelos fonológicos não lineares de base gerativa, dentre eles a Fonologia Prosódica, a Teoria da Sílabas e a Teoria dos Traços.

A partir da organização dos dados em quadros, tabelas e gráficos, utilizamos os pressupostos teóricos e os estudos sobre esse fenômeno, tanto em ambiente de fala como de escrita, para amparar as análises que aqui nos propusemos a fazer. A questão principal era constatar se os fatores linguísticos condicionantes dos casos de apagamento do /R/ na fala estão relacionados aos casos de escrita não-convencional de infinitivos verbais sem o -R final.

Assim, conduzimo-nos para a próxima seção, a de discussão e a análise dos dados coletados para esta pesquisa. Nela, serão apresentadas essas quantificações mencionadas, organizadas e dispostas por meio de quadros, tabelas e gráficos, e citados exemplos retirados dos textos dos informantes. A partir da observação de dados da escrita, somados às abordagens teóricas já debatidas e à menção de outras pesquisas que tratam do mesmo fenômeno – tanto na modalidade oral como na escrita –, poderemos nos encaminhar para uma reflexão sobre essa relação entre a fonética, a fonologia e a escrita.

#### 4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Para as discussões apresentadas nesta dissertação, estão sendo considerados dados de 104 redações produzidas por 104 alunos de três instituições de ensino de Porto Velho - RO, sendo 55 redações na Escola A, 31 na Escola B e 18 na Escola C. Ao realizar a análise e organização dessas redações escritas por alunos do 6º ano, constatamos que, dos 618 verbos no infinitivo contidos nos textos, houve 127 ocorrências de apagamento do -R no final de infinitivos verbais, como detalhado nos quadros 1, 2 e 3:

Quadro 1 - Quadro geral de casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais (Escola A)

<b>Informante</b>	<b>Conjugação</b>	<b>Apagamentos em infinitivos verbais</b>	<b>Forma convencional</b>
3-A	1ª (-ar)	busca	buscar
5-A	1ª (-ar)	encherga	enxergar
5-A	1ª (-ar)	da	dar
5-A	2ª (-er)	come	comer
8-A	1ª (-ar)	assopra	assoprar
8-A	1ª (-ar)	acorda	acordar
9-A	1ª (-ar)	fica	ficar
10-A	1ª (-ar)	chega	chegar
10-A	1ª (-ar)	luta	lutar
13-A	1ª (-ar)	toma	tomar
13-A	1ª (-ar)	leva	levar
13-A	1ª (-ar)	prepara	preparar
13-A	1ª (-ar)	leva	levar
14-A	1ª (-ar)	captura	capturar
15-A	2ª (-er)	colhe	colher
15-A	2ª (-er)	fase	fazer
15-A	1ª (-ar)	fala	falar
17-A	1ª (-ar)	leva	levar
17-A	1ª (-ar)	conversa	conversar
17-A	1ª (-ar)	chora	chorar
19-A	1ª (-ar)	namora	namorar
19-A	2ª (-er)	sabe	saber
19-A	1ª (-ar)	cuida	cuidar
19-A	1ª (-ar)	cuida	cuidar
19-A	1ª (-ar)	levanta	levantar
19-A	3ª (-ir)	cai	cair
19-A	1ª (-ar)	ama	amar
19-A	1ª (-ar)	casa	casar
19-A	2ª (-er)	faze	fazer
19-A	2ª (-er)	sabe	saber
19-A	1ª (-ar)	quida	cuidar

<b>19-A</b>	1ª (-ar)	quida	cuidar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	ama	amar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	deixa	deixar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	ama	amar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	fica	focar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	levanta	levantar
<b>19-A</b>	2ª (-er)	sabe	saber
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	cuida	cuidar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	ama	amar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	deixa	deixar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	conta	contar
<b>19-A</b>	2ª (-er)	sabe	saber
<b>19-A</b>	2ª (-er)	sabe	saber
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	para	parar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	costa	gostar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	para	parar
<b>19-A</b>	1ª (-ar)	costa	gostar
<b>21-A</b>	1ª (-ar)	casa	casar
<b>21-A</b>	1ª (-ar)	senta	sentar
<b>21-A</b>	3ª (-ir)	sorri	sorrir
<b>21-A</b>	2ª (-er)	escolhe	escolher
<b>22-A</b>	1ª (-ar)	deixa	deixar
<b>22-A</b>	1ª (-ar)	entra	entrar
<b>22-A</b>	1ª (-ar)	entra	entrar
<b>22-A</b>	1ª (-ar)	encherga	enxergar
<b>23-A</b>	1ª (-ar)	da	dar
<b>23-A</b>	1ª (-ar)	chama	chamar
<b>23-A</b>	1ª (-ar)	chama	chamar
<b>23-A</b>	1ª (-ar)	chama	chamar
<b>26-A</b>	1ª (-ar)	visita	visitar
<b>26-A</b>	1ª (-ar)	para	parar
<b>26-A</b>	1ª (-ar)	solta	soltar
<b>26-A</b>	1ª (-ar)	chora	chorar
<b>26-A</b>	1ª (-ar)	realiza	realizar
<b>26-A</b>	2ª (-er)	se	ser
<b>26-A</b>	1ª (-ar)	dança	dançar
<b>27-A</b>	1ª (-ar)	esbarra	esbarrar
<b>27-A</b>	3ª (-ir)	destrui	destruir
<b>28-A</b>	2ª (-er)	corre	correr
<b>28-A</b>	2ª (-er)	corre	correr
<b>28-A</b>	2ª (-er)	corre	correr
<b>28-A</b>	2ª (-er)	corre	correr
<b>29-A</b>	1ª (-ar)	leva	levar
<b>31-A</b>	1ª (-ar)	volta	voltar
<b>37-A</b>	1ª (-ar)	entra	entrar

37-A	1ª (-ar)	entra	entrar
37-A	1ª (-ar)	paça	passar
37-A	1ª (-ar)	entra	entrar
38-A	1ª (-ar)	pasia	passear
38-A	1ª (-ar)	casa	casar
38-A	1ª (-ar)	casa	casar
38-A	1ª (-ar)	viaja	viajar
38-A	1ª (-ar)	arruma	arrumar
38-A	1ª (-ar)	casa	casar
39-A	1ª (-ar)	caminha	caminhar
39-A	2ª (-er)	corre	correr
39-A	1ª (-ar)	entra	entrar
40-A	3ª (-ir)	dormi	dormir
40-A	3ª (-ir)	dormi	dormir
42-A	1ª (-ar)	pasia	passear
42-A	1ª (-ar)	pasia	passear
42-A	1ª (-ar)	pegar	pegar
42-A	1ª (-ar)	cuida	cuidar
42-A	1ª (-ar)	deixa	deixar
42-A	3ª (-ir)	sai	sair
42-A	1ª (-ar)	pasia	passear
42-A	3ª (-ir)	sai	sair
44-A	1ª (-ar)	pergunta	perguntar
45-A	1ª (-ar)	avisa	avisar
45-A	1ª (-ar)	namora	namorar
50-A	1ª (-ar)	conta	contar
53-A	3ª (-ir)	construi	construir
54-A	1ª (-ar)	olha	olhar

Fonte: elaboração própria (2023).

Quadro 2 - Quadro geral de casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais (Escola B)

<b>Informante</b>	<b>Conjugação</b>	<b>Apagamentos em infinitivos verbais</b>	<b>Forma convencional</b>
01-B	1ª (-ar)	comemora	comemorar
01-B	1ª (-ar)	compra	comprar
01-B	1ª (-ar)	namora	namorar
02-B	2ª (-er)	esconde	esconder
05-B	1ª (-ar)	fica	ficar
05-B	1ª (-ar)	aproxima	aproximar
13-B	1ª (-ar)	entra	entrar
13-B	2ª (-er)	morre	morrer
29-B	1ª (-ar)	transforma	transformar
29-B	1ª (-ar)	mata	matar

Fonte: elaboração própria (2023).

Quadro 3 - Quadro geral de casos de apagamento de -R no final de infinitivos verbais (Escola C)

Informante	Conjugação	Apagamentos em infinitivos verbais	Forma convencional
1-C	1ª (-ar)	joga	jogar
1-C	1ª (-ar)	fica	ficar
1-C	1ª (-ar)	fica	ficar
1-C	2ª (-er)	morre	morrer
4-C	1ª (-ar)	passeia	passear
4-C	3ª (-ir)	traí	trair
5-C	1ª (-ar)	estuda	estudar
6-C	1ª (-ar)	fica	ficar
7-C	1ª (-ar)	educá	educar
8-C	1ª (-ar)	canta	cantar
9-C	1ª (-ar)	separa	separar
15-C	1ª (-ar)	dança	dançar
15-C	1ª (-ar)	dança	dançar

Fonte: elaboração própria (2023).

Nas tabelas 1, 2 e 3, estão dispostas as quantidades gerais de infinitivos verbais escritos nas redações coletadas, separadas por escolas A, B e C, respectivamente. A primeira coluna organiza os infinitivos verbais por conjugação. Na segunda coluna, está disposta a quantidade de infinitivos verbais que não sofreram apagamento do -R e, na terceira, dos que sofreram. Vejamos:

Tabela 1 - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola A)

Infinitivos verbais	Sem apagamento do -R	Com apagamento do -R	Total
1ª conjugação (-ar)	160	80	240
2ª conjugação (-er)	87	16	103
3ª conjugação (-ir)	35	8	43
Total	282	104	386

Fonte: elaboração própria (2023).

Tabela 2 - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola B)

Infinitivos verbais	Sem apagamento do -R	Com apagamento do -R	Total
1ª conjugação (-ar)	93	8	101
2ª conjugação (-er)	52	2	54
3ª conjugação (-ir)	29	0	29
Total	174	10	184

Fonte: elaboração própria (2023).

Tabela 3 - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escola C)

Infinitivos verbais	Sem apagamento do -R	Com apagamento do -R	Total
1ª conjugação (-ar)	20	11	31
2ª conjugação (-er)	10	1	11
3ª conjugação (-ir)	5	1	6
Total	35	13	48

Fonte: elaboração própria (2023).

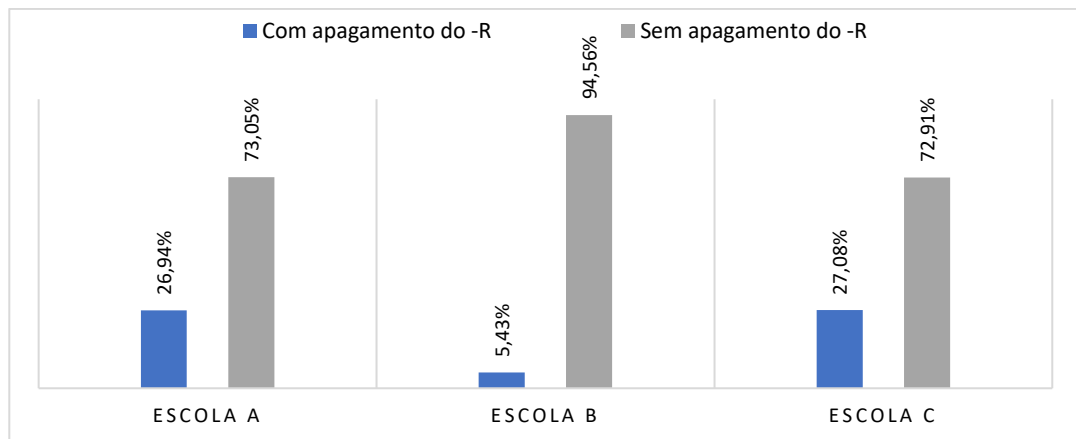
Houve, portanto, 104 casos de apagamento do -R na escola A, 10 na escola B e 13 na escola C. Embora fatores externos não sejam o foco desta pesquisa, reconhecemos que a disparidade de número de casos entre uma escola e outra pode nos chamar a atenção. O grande número de casos na escola A pode dever-se ao fato de que foi possível coletar uma quantidade maior de redações nessa escola do que nas outras: 55 textos na Escola A, enquanto 31 na Escola B e 18 na Escola C. Ao analisarmos esses números de maneira proporcional, chegamos às porcentagens da tabela 4:

Tabela 4 - Percentual de infinitivos verbais com e sem apagamento do -R classificados por suas conjugações

Infinitivos verbais	Porcentagem de apagamento do -R final					
	Escola A		Escola B		Escola C	
	Com apagamento	Sem apagamento	Com apagamento	Sem apagamento	Com apagamento	Sem apagamento
1ª conjugação (-ar)	33,33%	66,66%	7,92%	92,07%	35,48%	64,51%
2ª conjugação (-er)	15,53%	84,46%	3,7%	96,29%	9,09%	90,9%
3ª conjugação (-ir)	18,6%	81,39%	-	100%	16,66%	83,33%
Total	26,94%	73,05%	5,43%	94,56%	27,08%	72,91%

Fonte: elaboração própria (2023).

Gráfico 1 - Percentual de infinitivos verbais com e sem apagamento do -R



Fonte: elaboração própria (2023).

A partir do gráfico 1, percebemos que, na Escola A, 26,94% dos infinitivos verbais escritos nas redações sofreram apagamento do -R. Na Escola C, o percentual foi parecido, 27,08%. Na Escola B, no entanto, apenas 5,43% dos infinitivos verbais escritos tiveram seu -R apagado. Como não se tratava do foco desta pesquisa, não foi feita análise estatística que considerasse fatores sociolinguísticos como idade, sexo, frequência de leitura, localidade, etc. As Escolas A e C eram de rede pública e a Escola B, de rede privada.

Assim, optamos por trabalhar com a totalidade dos números por interessarmos-nos mais, neste momento, por quantificar e analisar teoricamente os dados para formulação de hipóteses com base em fatores internos à língua. A tabela 5 organiza a quantidade de infinitivos verbais,

classificados por suas conjugações, escritos nas redações das três escolas, divididos entre os que sofreram e não sofreram apagamento do -R. Vejamos a seguir:

Tabela 5 - Quantidade geral de verbos no infinitivo (Escolas A, B e C)

<b>Infinitivos verbais</b>	<b>Sem apagamento do -R</b>	<b>Com apagamento do -R</b>	<b>Total</b>
1ª conjugação (-ar)	273	99	372
2ª conjugação (-er)	149	19	168
3ª conjugação (-ir)	69	9	78
<b>Total</b>	<b>491</b>	<b>127</b>	<b>618</b>

Fonte: elaboração própria (2023).

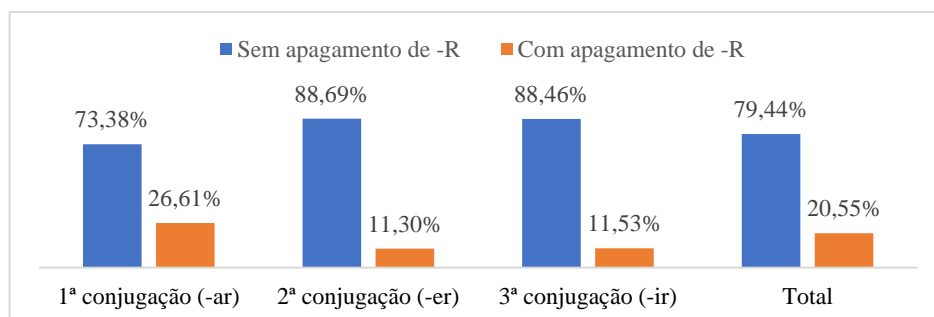
A tabela 6 exibe um panorama em percentuais dos dados encontrados no corpus desta pesquisa e, no gráfico 2, esses percentuais são organizados de maneira visual para que seja possibilitada uma melhor análise dos dados.

Tabela 6 - Percentual de infinitivos verbais sem e com apagamento do -R (Escolas A, B e C)

<b>Infinitivos verbais</b>	<b>Sem apagamento do -R</b>	<b>Com apagamento do -R</b>
1ª conjugação (-ar)	73,38%	26,61%
2ª conjugação (-er)	88,69%	11,30%
3ª conjugação (-ir)	88,46%	11,53%
<b>Total</b>	<b>79,44%</b>	<b>20,55%</b>

Fonte: elaboração própria (2023).

Gráfico 2 - Comparativo de infinitivos verbais de 1ª, 2ª e 3ª conjugações sem e com apagamento do -R



Fonte: elaboração própria (2023).

Como apresentado na tabela 6, dos 618 infinitivos verbais escritos nas 104 redações de alunos de 6º ano do ensino fundamental, 127 sofreram apagamento do -R final, o que representa, conforme assinalado no segundo gráfico, 20,55% dos infinitivos verbais escritos nos textos.

Os dados desta pesquisa apontam para uma maior incidência de apagamento nos verbos de 1ª conjugação: 26,61% dos infinitivos verbais terminados em -ar sofreram apagamento do -R; enquanto apenas 11,3% e 11,53% dos verbos de 2ª e 3ª conjugações, respectivamente, tiveram seu -R final apagado da escrita.

Conforme Monareto, Quednau e Hora (2001, p. 201), estudos atestam que a variação linguística pode ser controlada por diversos parâmetros, de forma sistemática e previsível,

contribuindo, através de dados observáveis, para confirmar ou não postulados teóricos. Ao longo desta dissertação, apresentaremos algumas hipóteses de questões internas à língua que podem ter influenciado essas ocorrências, a fim de interpretarmos esses dados e compará-los com resultados de outras pesquisas realizadas sobre esse tema.

É importante mencionar, sobretudo, que essas formas não-convencionais não se devem apenas a equívocos que decorrem do desconhecimento da norma, mas da interferência das regras fonológicas e morfossintáticas da variedade do aluno. Mollica (2016, p. 29) afirma, sobre o apagamento de /R/, que condicionamentos de natureza psicolinguística (extensão do vocábulo), de natureza morfossintática (forma gramatical) e natureza fonológica (posição da sílaba na palavra) interagem com forças pragmáticas: o rótico é mais realizado em contextos formais. Assim, questões que são inerentes ao sistema linguístico coatuam com forças de fora do seu universo. A seguir, discutiremos algumas hipóteses de fatores internos à língua que podem ter condicionado ou não essas ocorrências.

#### **4.1 A posição do /R/ em coda final de palavra**

Como já abordado anteriormente, a coda indica a parte pós-vocálica da sílaba que é ocupada por um som consonantal, conforme Cristófaró Silva (2017, p. 75). Câmara Jr. (1994 [1970], p. 51) nos mostra que as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas, etc.)”. Assim, o /R/ tem como função, dentre outras, ser parte decrescente da margem da sílaba.

Consoantes pós-vocálicas

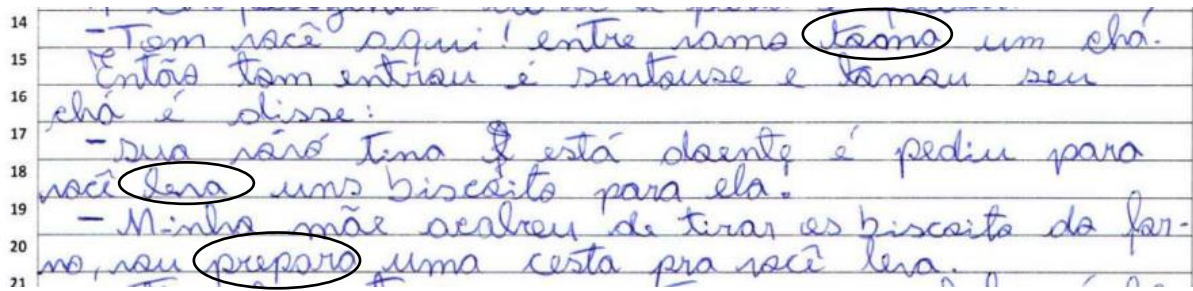
/S/ /N/ (/l) /R/

Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1994 [1970], p. 52).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004, p. 79), as principais regras fonológicas de variação no português brasileiro ocorrem na posição pós-vocálica da sílaba. Segundo a autora, foneticamente, a sílaba é uma emissão de voz marcada por um ápice de abrimento articulatorio e tensão muscular que, na língua portuguesa, é sempre representado por uma vogal. A vogal que compõe o núcleo silábico pode ser precedida e seguida de consoante, e justamente a consoante que ocupa a posição pós-vocálica que está mais sujeita a incidência de variação. Cristófaró Silva (2017, p. 76) afirma ainda que, na maioria das variedades brasileiras, quando a coda é ocupada por um rótico, este pode ser apagado. Vejamos os exemplos a seguir, em que há apagamento do -R dos verbos “tomar”, “levar”, e “preparar” em uma mesma redação:



Figura 15 - Trecho da redação (Informante nº 13, Escola A)



Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

### Exemplo 1:

“- Tom você aqui! entre vamo *toma* um chá.

Então tom entrou é sentouse e tomou seu chá e disse:

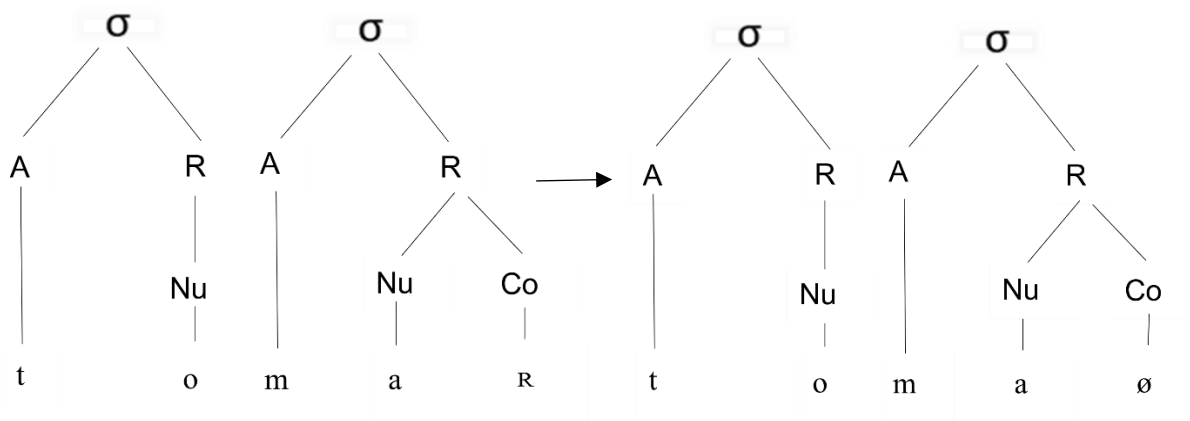
- Sua vovó tina está doente é pediu para você *leva* uns biscoito para ela.

- Minha mãe acabou de tirar os biscoito do for-

no, vou *prepara* uma cesta pra você *leva*.” (Informante nº 13, Escola A)

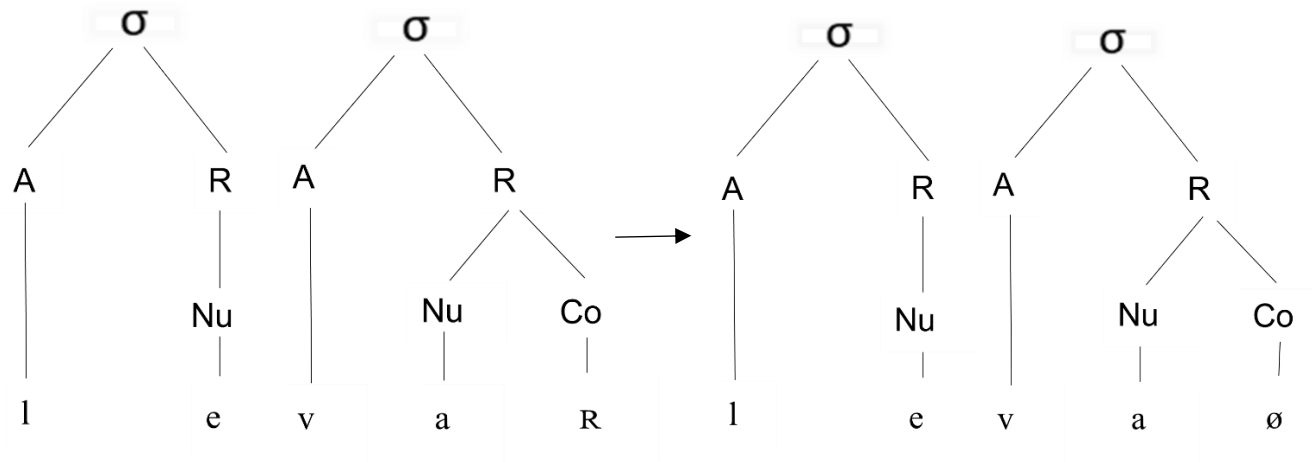
No exemplo 1, temos a ocorrência de apagamento do -R final nos infinitivos verbais “tomar”, “levar” e “preparar”, numa mesma redação, em diferentes contextos. Atentemo-nos primeiramente para as possíveis reestruturações silábicas desses verbos a partir do apagamento do /R/ final:

Figura 16 - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “tomar”



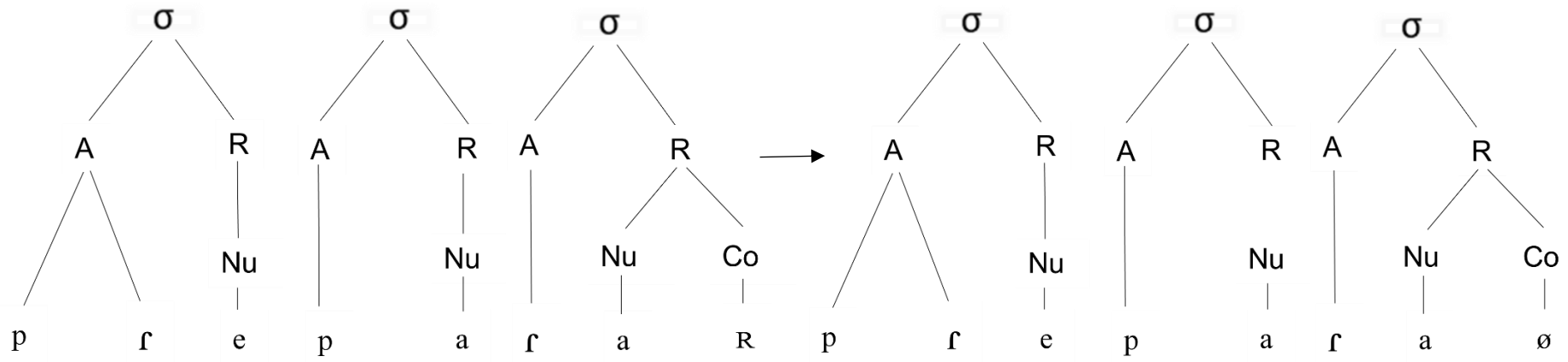
Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 17 - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “levar”



Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 18 - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “preparar”



Fonte: elaboração própria (2023).

Como vemos nas figuras 16, 17 e 18, temos em comum, nas três palavras, a última sílaba formada por ataque e rima, que está com apenas um núcleo, a vogal “a”, já que o “r”, que deveria compor a coda final, desapareceu. Pedrosa (2014, p. 70) também considera que essa posição em coda final favorece o apagamento do /R/ em detrimento de sua aspiração.

Monaretto, Quednau e Hora (2001, p. 211) mostram que a preferência para o uso de determinados sons em relação à posição na sílaba nas línguas em geral tem sido notada, há muito tempo, por gramáticos que trataram desse assunto em termos de valores de sonoridade diferenciados para a posição dos segmentos na sílaba.

No caso da distribuição da vibrante, especificamente, Bonet e Mascaró (1996) propõem explicá-la, nas línguas ibéricas, por meio de uma escala de sonoridade alternativa, em que o r-forte se coloca na mesma posição que as fricativas e o r-fraco se anexa aos glides (p. 211-212).

Valem-se ainda do Ciclo de Sonoridade de Clements (1990), o qual indica que a sílaba preferida tem um crescimento máximo de soância do início para o núcleo e decresce minimamente do núcleo para a coda. Assim, o “r” em início de sílaba (rato, honra) será forte, pois esse segmento está em posição de ataque, onde deve haver um crescimento abrupto de soância. Na coda (mar, porta), a queda de sonoridade tem que ser gradual, priorizando-se o r-fraco como o segmento mais adequado para ocupar tal posição.

#### **4.2 Tendência de simplificar a estrutura da sílaba CVC para CV**

Ainda se relacionando à estrutura silábica, podemos elencar a tendência do PB a simplificar sua estrutura básica ao padrão CV. Serra e Callou (2013, p. 585) apontam para o estágio final do fenômeno de apagamento do /R/ final, na fala, como um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no Português do Brasil: **R** > **h** > **∅** e, conseqüentemente, CVC > CV. Sene e Barbosa (2018, p. 22), ao discutirem as formas não-convencionais encontradas em textos de alunos do Ensino Fundamental II, mostram que o apagamento da coda silábica ocorre com frequência em palavras com padrão silábico CVC devido à grande variação fonética que o segmento, em posição de coda, costuma sofrer (2018, p. 21).

Podem ocupar a posição pós-vocálica, no PB, apenas algumas consoantes: “[...] as únicas consoantes pós-vocálicas possíveis são as líquidas (mar, mal) e as fricativas não labiais (pasta, rasgo, folhas, etc.)” (Câmara Jr., 2015 [1970], p. 51). No PB, assim como em outras línguas, a tendência à simplificação da estrutura silábica pode fazer com que haja com maior frequência ocorrências de apagamento em coda.

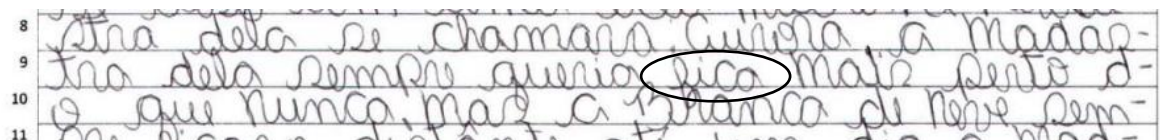
Barreto e Massini-Cagliari (2019, p. 42), em estudo diacrônico que compara o português arcaico com o português atual centrado no apagamento das consoantes róticas finais, destacam que a tendência do português brasileiro é a de eliminar o -R em final de palavra e simplificar a estrutura silábica, voltando-se, então ao padrão CV, estrutura canônica do PB.

Barbosa (2019, p. 38) aponta que, por vogais e consoantes fazerem parte de todas as línguas do mundo, ao constituírem sílabas, é natural cogitar a existência de uma sílaba modelo, típica, a qual pode ser denominada como sílaba canônica. Essa sílaba canônica é a sílaba CV (consoante-vogal), como a sílaba /pa/.

De acordo com Miranda e Matzenauer (2010, p. 367), em se tratando das estruturas silábicas complexas, pode-se dizer que todas as sequências maiores que a estrutura canônica CV, em algum momento da aquisição da escrita, podem dar margem a hesitações cujo efeito incide sobre as escolhas gráficas da criança, as quais resultam em formas distintas daquelas convencionadas pelo sistema.

Bisol (1996), ao explicar sobre o processo de ressilabação – consoantes em final de palavra são silabadas como ataque da sílaba seguinte – aponta para a tendência universal de uma sequência C V ser ligada como CV, chamada tautossilábica: “Mesmo que C e V estejam ligadas originalmente a sílabas diferentes, elas acabam formando uma nova sílaba para satisfazer esta tendência universal” (p. 118). Vejamos outros exemplos de infinitivos verbais que sofreram apagamento do -R nos exemplos 2 e 3:

Figura 19 - Trecho da redação (Informante nº 09, Escola A)

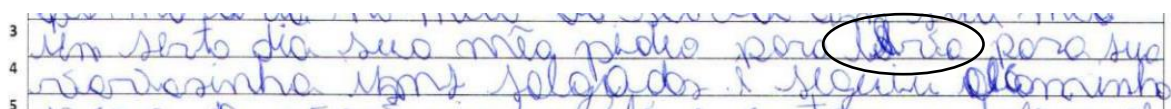


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 2:

“a madastra dela sempre queria *fica* mais perto do que nunca” (Informante nº 09, Escola A)

Figura 20 - Trecho da redação (Informante nº 29, Escola A)



Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 3:

“um certo dia sua mãe pedio para *leva* para sua vovosinha” (Informante nº 29, Escola A)

Nos exemplos 2 e 3, temos dois infinitivos verbais da 1ª conjugação, cujas sílabas que

os compõem, após o apagamento do -R, seguem o padrão CV: fi.ca e le.va. De acordo com Barbosa (2019, p. 38), há evidências experimentais para a canonicidade da sílaba CV, isto é, a preferência das línguas por essa estrutura, dentre as quais as mais importantes são: i) não há língua que não tenha sílabas CV e, para algumas, esta é a estrutura silábica mais frequente, como nas línguas românicas, com cerca de 50% de sílabas CV; ii) sílabas CV são adquiridas em primeiro lugar durante a aquisição da linguagem – “papá”, “dadá”; iii) sílabas CV são preservadas mesmo nas mais severas formas de afasia motora; iv) processos diacrônicos de reestruturação silábica no curso de evolução de uma língua tendem a criar sílabas CV.

Barbosa traz ainda as ideias de Dogil e Braun (1988), os quais apresentam as seguintes evidências empíricas:

- quando sujeitos são solicitados a sincronizar cliques com sílabas, o que ocorre é o sincronismo dos primeiros com um ponto chamado *p-center*, situado na vizinhança da transição CV;
- os parâmetros acústicos em torno das transições inicial (CV) e final (VC) da vogal em sílabas simétricas (/pap/, /bab/, etc) não são simétricos no seu uso. Os parâmetros da primeira transição (CV) podem ser usados com sucesso como traços do ponto de articulação da consoante inicial, mas os parâmetros da segunda transição (VC) assinalam propriedades linguísticas relevantes para a comunicação apenas em casos muito particulares;
- os falantes estabelecem articulações para consoante e vogal mais precisas e coordenadas temporalmente de maneira mais separada na transição CV por oposição à transição VC (Barbosa, 2019, p. 9).

O autor discute também os resultados da pesquisa de Tuller e Kelso (1990; 1991 apud Barbosa, 2019, p. 9), na qual foi realizado um experimento que mostrou haver mudança da coordenação entre os gestos laríngeo e supralaríngeo da consoante /p/ à medida em que as sílabas /ip/ e /pi/ são produzidas com taxa de elocução cada vez mais rápida. De fato, na situação de aceleração da fala, a coordenação relativa entre os gestos da sílaba VC (/ip/) muda para aquela da sílaba CV (/pi/), enquanto a coordenação da sílaba CV se mantém estável quando da aceleração da fala. Assim, a preferência de sílabas CV na língua, em especial na língua portuguesa, também pode ser um fator relevante e influente para a ocorrência desse fenômeno.

### 4.3 Influência do contexto fonológico seguinte

Conforme Callou, Serra e Cunha (2015, p. 201), “a presença de uma consoante de articulação aproximada à do rótico favorece processos assimilatórios que podem levar ao cancelamento de um dos segmentos”, de forma que tal cancelamento e a dimensão do vocábulo têm gerado importantes análises.

Ao tratarmos de contexto, neste caso, o que vem a seguir do infinitivo verbal, Oliveira (1983 apud Hora, 2009, p. 38) afirma que os relatos sobre o apagamento do rótico estão mais relacionados a sua posição de coda final em palavra, e constata que, dos fatores linguísticos, o

mais influente é o contexto fonológico seguinte, que pode ser consoante – favorecendo o apagamento –, pausa ou vogal – favorecendo a ocorrência do tepe e, por sua vez, a manutenção do -R.

Hora (2009, p. 40) afirma que, em posição final, quando o rótico é seguido por uma vogal, em geral, há um processo de ressilabação, no qual o /R/ deixa de ser coda para ser ataque da sílaba resultante, favorecendo a ocorrência do tepe. Ainda sobre esse processo, Tenani (2002) constata que o *tapping* ocasiona uma reestruturação silábica de modo que o elemento da coda passa ao *onset* da sílaba seguinte, o que novamente revela uma tendência à otimização da sequência de sílabas CV. Cagliari (1999 apud Barreto, 2023, p. 113) também pontua que o som rótico desaparece quando ocupa o contexto final do vocábulo, reaparecendo como um tepe em processos de sândi. Lopez (1979, p. 115 apud BISOL, 2001 [1996], p. 199) afirma que as consoantes finais, bem como as vogais finais, estão, opcionalmente, sujeitas a sândi. Antes de uma palavra que comece por uma vogal, /R/ é realizado como um tap apical, como por exemplo [mara'zu].

Como visto na seção de fundamentos teóricos, o processo de *tapping* (Tenani, 2002) caracteriza-se por envolver fronteiras prosódicas, que, dependendo do contexto, podem ser também uma fronteira de domínios prosódicos.

Conforme Tenani (2002, p. 128), uma vez que o *tapping* se aplica entre as fronteiras de todos os domínios prosódicos, conclui-se que esses processos não têm um domínio de aplicação. Portanto, não foram encontradas evidências de que haja uma fronteira prosódica relevante para bloquear esses processos no PB. No entanto, o fenômeno acarreta a reestruturação silábica que otimiza a sequência de sílabas em CV, uma vez que as sílabas envolvidas nos processos (uma sílaba com coda e outra sem *onset*) passam a ter somente *onset* e núcleo. A relevância dessa otimização da estrutura silábica é atestada pelo fato de ela não ser bloqueada por nenhum tipo de fronteira prosódica.

Callou, Serra e Cunha (2015) atentam para a importância de levar em conta o encaixamento do fenômeno segmental na estrutura prosódica, quando mencionam a atuação da pausa como um inibidor ao processo de cancelamento, visto que pode ser considerada uma pista acústica associada à fronteira de sintagma entoacional. Para as autoras, a presença de um vocábulo subsequente iniciado por vogal nem sempre garante a possibilidade de ressilabificação. Ao retomar trabalhos anteriores feitos por Callou e Serra (2012) e Serra e Callou (2013/2015), as autoras (p. 200) pressupõem que o domínio do apagamento vai além da sílaba e “que seu *locus* tem relação, na verdade, com o tipo de fronteira prosódica (palavra

prosódica > sintagma fonológico > sintagma entoacional) em que se encontra o segmento”. Ainda sobre esse assunto, discorrem que

O processo de cancelamento do R se aplica, variavelmente, na fronteira direita de todos os constituintes prosódicos, inclusive na fronteira de sílaba, em coda medial, como visto na seção antecedente. A fronteira direita de sintagma entoacional (IP), entretanto, tem se mostrado menos propícia ao cancelamento. É a essa fronteira prosódica que está relacionada à pausa silenciosa (Callou; Serra; Cunha, 2015, p. 205).

Sabe-se que, ao tratar do fenômeno ora estudado, os estudos mencionados trazem resultados de investigações em contexto de fala, proposto em suas pesquisas. Apresentamos aqui essas análises a título de comparação, para buscarmos investigar se o que acontece em ambiente de fala também acontece – ou não – na escrita, observando como essa relação entre a oralidade e a escrita se dá nos resultados descritos nesta pesquisa, a partir dos dados coletados.

Nas tabelas a seguir, elencamos a quantidade de infinitivos verbais, classificando-os quanto ao contexto subsequente e dividindo-os por suas conjugações. A tabela 7 refere-se aos infinitivos verbais que sofreram apagamento do -R; a tabela 8, aos que tiveram o -R mantido:

Tabela 7 - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte

Contexto seguinte	Quantidade de infinitivos verbais que sofreram apagamento			Total
	1ª conjugação (-ar)	2ª conjugação (-er)	3ª conjugação (-ir)	
Consoante	51	13	4	68
Vogal	43	6	5	54
Pausa <sup>15</sup>	5	0	0	5
Total	99	19	9	127

Fonte: elaboração própria (2023).

Tabela 8 - Quantidade de infinitivos verbais sem apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte

Contexto seguinte	Quantidade de infinitivos verbais que não sofreram apagamento			Total
	1ª conjugação (-ar)	2ª conjugação (-er)	3ª conjugação (-ir)	
Consoante	131	73	35	239
Vogal	127	75	33	235
Pausa	15	1	1	17
Total	273	149	69	491

Fonte: elaboração própria (2023).

A tabela 9 apresenta a quantidade geral dos infinitivos verbais, sem e com apagamento do -R. No gráfico 3, essas quantificações são representadas em porcentagem, para melhor visualização dos dados.

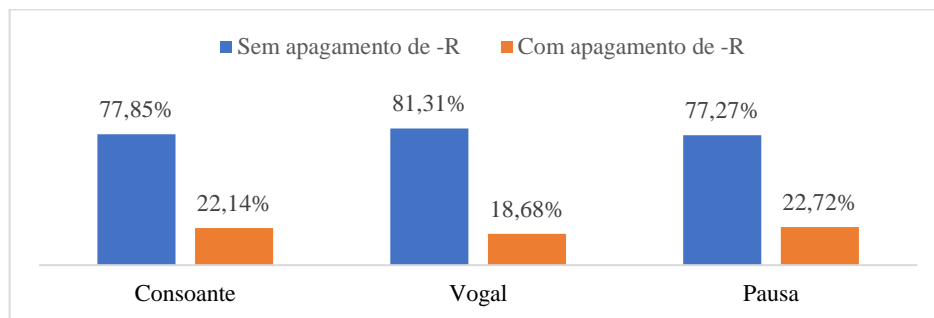
<sup>15</sup> Como pausa, consideramos a presença de sinais gráficos de pontuação que indicam a fronteira de um enunciado.

Tabela 9 - Quantidade de infinitivos verbais com e sem apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte

Contexto seguinte	Sem apagamento de -R	Com apagamento de -R	Total
Consoante	239	68	307
Vogal	235	54	289
Pausa	17	5	22
Total	491	127	618

Fonte: elaboração própria (2023).

Gráfico 3 - Comparativo de infinitivos verbais sem e com apagamento do -R classificados quanto ao contexto seguinte

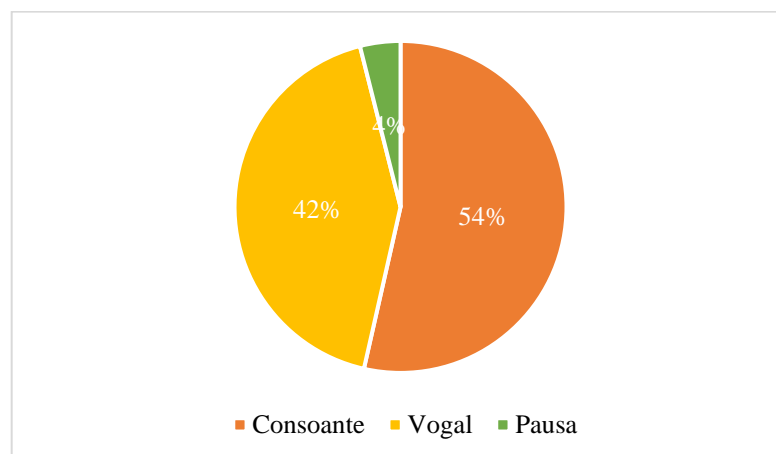


Fonte: elaboração própria (2023).

Como ilustrado no gráfico 3, percebemos que, quando comparamos com a totalidade de infinitivos verbais escritos – sejam eles com apagamento ou não –, as diferenças de porcentagem entre cada contexto não são muito significativas. A maior porcentagem se deu em contexto de pausa (22,72% dos infinitivos verbais que tinham como contexto seguinte pausa sofreram apagamento do -R), seguida pelo contexto de consoante (22,14%) e, por fim, de vogal (18,68%).

No entanto, ao trabalharmos apenas com o número de infinitivos verbais que sofreram apagamento do -R, temos como disposto no gráfico 4:

Gráfico 4 - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento de -R classificados quanto ao contexto seguinte



Fonte: elaboração própria (2023).

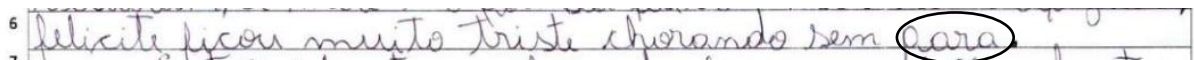


Assim, podemos perceber que, dentre os 127 casos de apagamento do -R no final de infinitivos verbais encontrados nas redações coletadas, 54% ocorreram em verbos cujo contexto seguinte era composto por palavra iniciada por consoante. Já por vogal, 42% e, por pausa, apenas 4%.

Essa diferença entre os dois gráficos se dá pelo total de infinitivos escritos em cada contexto. Apesar de o contexto de pausa ter maior número de apagamento no gráfico 3, quando relacionado à quantidade em cada situação, no gráfico 4, esse contexto ficou em último lugar, justamente pela quantidade menor de infinitivos verbais que foram escritos com esse contexto seguinte. Como, nesta análise, interessa-nos investigar o contexto dos casos que sofreram apagamento do -R, as porcentagens do gráfico 4 serão mais produtivas para as discussões que traremos aqui.

No exemplo 4, apresentamos uma das ocorrências de apagamento do rótico na escrita de infinitivo verbal cujo contexto seguinte é de pausa (neste caso, a presença de um sinal gráfico de ponto, que delimita o fim do período em questão):

Figura 21 - Trecho da redação (Informante nº 29, Escola A)



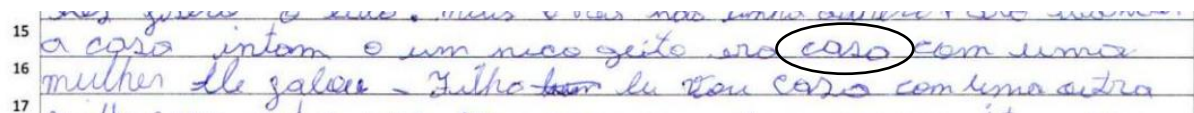
Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 4:

“ficou muito triste chorando sem *para*. [...]”

Já para abordarmos os casos de apagamento cujos contextos seguintes são de consoante e de vogal, trazemos primeiramente quatro exemplos que podem auxiliar na comparação entre esses contextos. Os exemplos 4 e 6 foram escritos por um informante, e os exemplos 5 e 7, por outro. Vejamos a seguir:

Figura 22 - Trecho da redação com apagamento (Informante nº 38, Escola A)

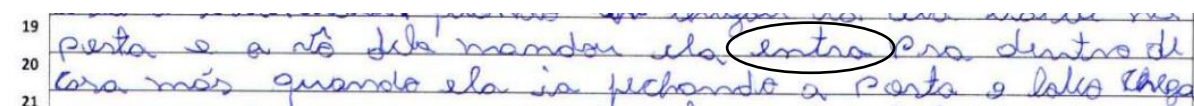


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 5:

“o unico geito era *casa* com uma mulher” (Informante nº 38, Escola A)

Figura 23 - Trecho da redação com apagamento (Informante nº 43, Escola A)

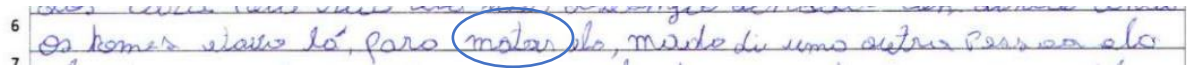


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 6:

“o vô dela mandou ela *entra* pra dentro de casa” (Informante nº 43, Escola A)

Figura 24 - Trecho da redação sem apagamento (Informante nº 38, Escola A)

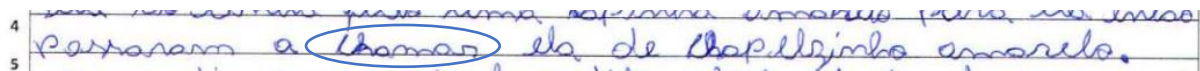


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 7:

“os homes estava lá, para *matar* ela” (Informante nº 38, Escola A)

Figura 25 - Trecho da redação sem apagamento (Informante nº 43, Escola A)



Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

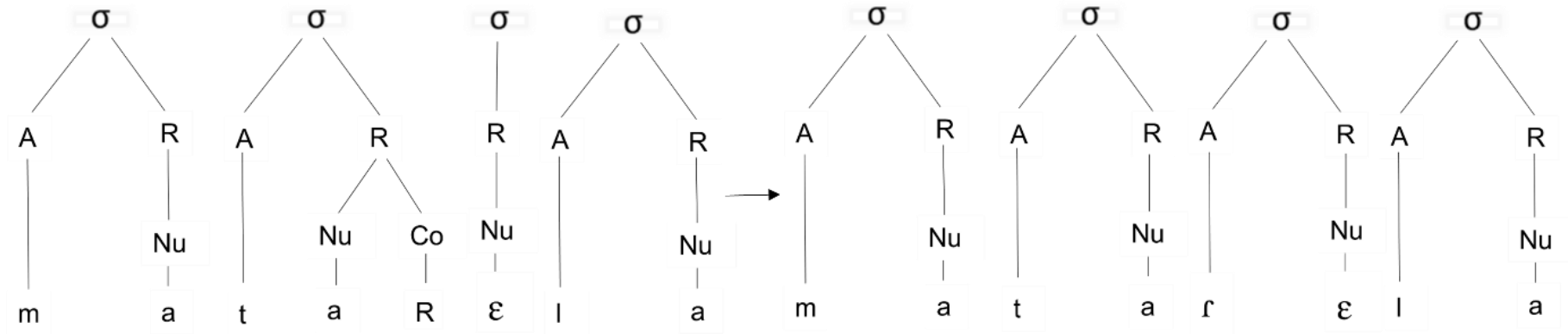
Exemplo 8:

“passaram a *chamar* ela de chapelzinho amarelo” (Informante nº 43, Escola A)

Nos exemplos 5 e 6, os verbos “casar” e “entrar” sofrem apagamento do -R e são seguidos pelas consoantes “c” e “p”, respectivamente, que podem ter favorecido a ocorrência do apagamento. Nas frases dos exemplos 7 e 8, temos os verbos “matar” e “chamar” escritos da maneira como rege a ortografia, mantendo o -R final, no entanto, a vogal seguinte, em ambos os casos, é “é” [ɛ], vogal oral anterior média baixa não arredondada, o que se sugere que as pronúncias fiquem “ma-ta-ré-la” [mata'ɾɛla] e “cha-ma-ré-la” [ʃɛma'ɾɛla], assim, ao se criar o contexto intervocálico, e transformá-lo em consoante pré-vocálica da sílaba seguinte, pode-se configurar a ocorrência do tepe.

Esse fenômeno de ligação, seguindo o que Câmara Jr. apresenta (2015 [1970], p. 61), acontece entre a sílaba final travada “tar” do vocábulo “matar” e a vogal inicial “é” do vocábulo “ela”, que se seguem sem pausa na fala. Nesse caso, a consoante pós-vocálica se liga à vogal imediatamente seguinte e a sílaba final, que era travada por uma consoante “r”, torna-se uma sílaba livre – “ta” [ta] –, ao mesmo tempo em que a sílaba seguinte “é” [ɛ] ganha uma consoante pré-vocálica – “ré” [ɾɛ].

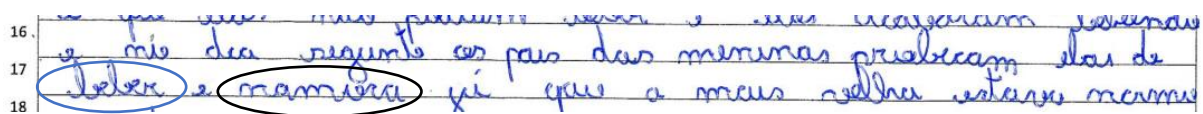
Figura 26 - Ilustração do processo de *tapping* em “matar ela”



Fonte: elaboração própria (2023).

Outra situação interessante ocorre nesta frase do exemplo 9, em que o verbo “namorar” sofre apagamento, já o verbo “beber” tem o “r” mantido, apesar da proximidade dos dois verbos. Uma hipótese a ser considerada nesse caso é de que o contexto morfossintático em que há a presença da vogal “e”, como um conectivo de adição, pode ter influenciado a manutenção do -R, pois pode provocar um processo de ressilabação. Assim, o /R/ que estava na coda no fim do verbo no nível da palavra, passa a integrar o *onset* de uma nova sílaba no nível da frase (algo como [beberinamo<sup>1</sup>ra]).

Figura 27 - Trecho da redação (Informante nº 01, Escola B)

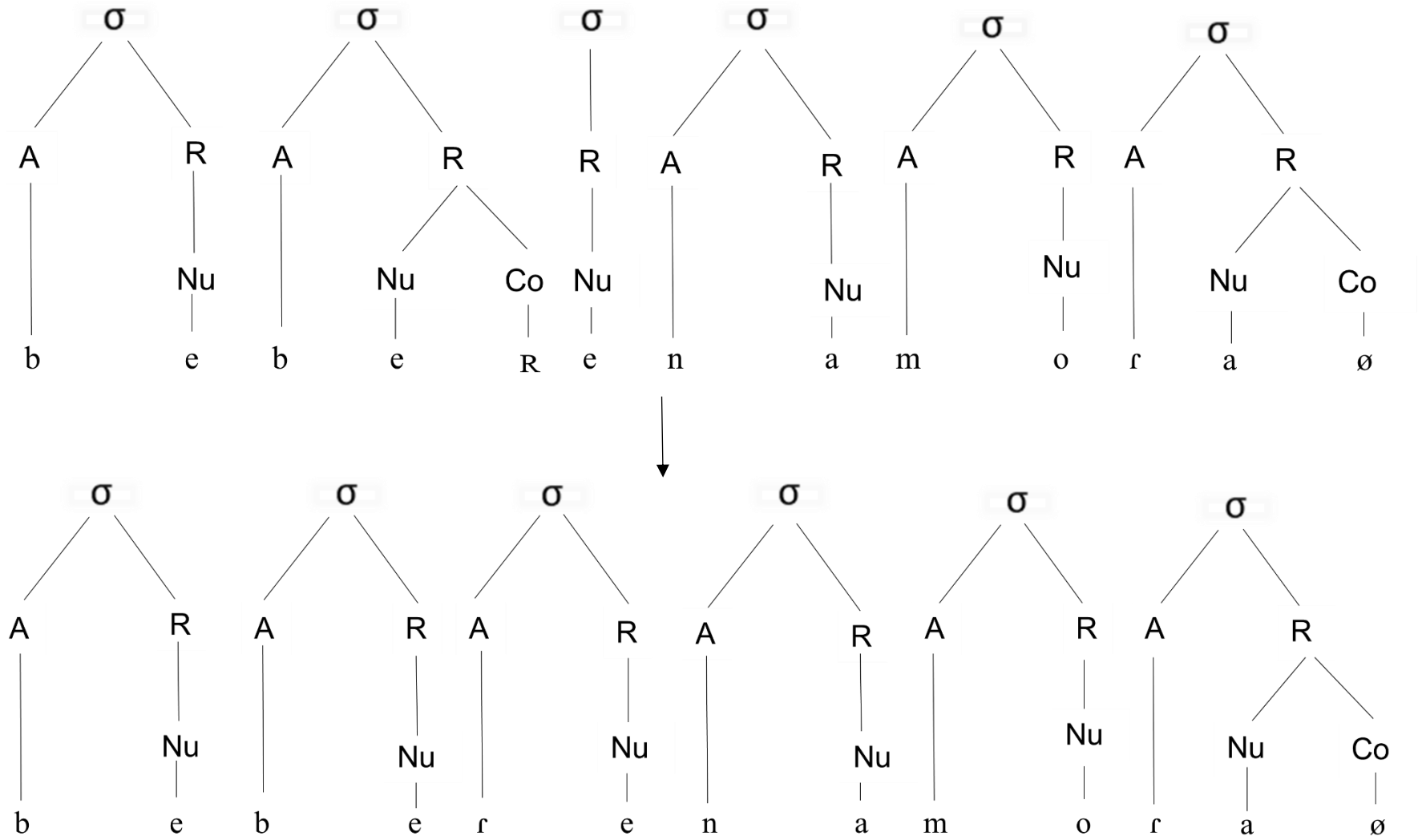


Fonte: elaboração própria (2023).

Exemplo 9:

“[...] proibiram elas de *beber* e *namora* já que a mais velha estava namorando o príncipe.”  
(Informante nº 01, Escola B)

Figura 28 - Ilustração do processo de *tapping* em “beber e namora”



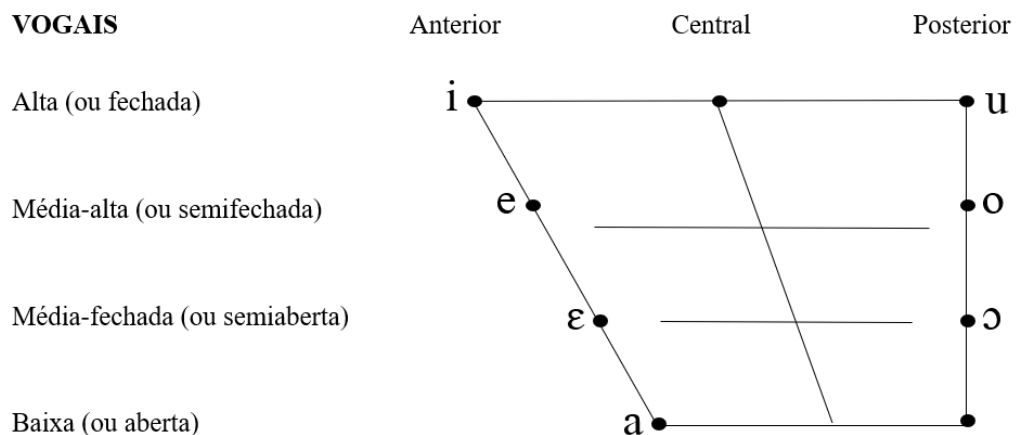
Fonte: elaboração própria (2023).

Essas ocorrências evidenciam a relação entre o conhecimento fonético e fonológico que os alunos já têm e as suas escolhas, que não acontecem de forma aleatória, mas podem ser motivadas principalmente pela oralidade, ao fazerem o uso da escrita. Entretanto, observamos que não se trata de uma regra categórica, já que houve casos de apagamento ainda nesse contexto (54 ocorrências).

#### 4.4 Influência do contexto fonológico precedente quanto ao traço de altura

Mendes e Oushiro (2014, p. 257-258) abordam que o contexto fônico precedente quanto ao traço de altura revela correlação, uma vez que o apagamento do rótico final é favorecido quando precedido de vogais com traço [-alto] (a, ɔ, ε) e desfavorecido por vogais com traço [+alto] (i, e, o, u). Ou seja, a precedência da vogal baixa /a/ pode facilitar a ocorrência do apagamento em razão do seu traço de altura. Na figura 29, são representadas as vogais tônicas do PB, conforme o quadro fonético do Alfabeto Fonético Internacional (IPA):

Figura 29 - Diagrama das vogais do PB



Fonte: elaboração própria com base em Cristóforo Silva (2019).

Para o modelo da Geometria de Traços, em que as distinções de abertura são representadas através de traços, as vogais tônicas do português recebem a seguinte definição:

Figura 30 - Traços de abertura das vogais do PB

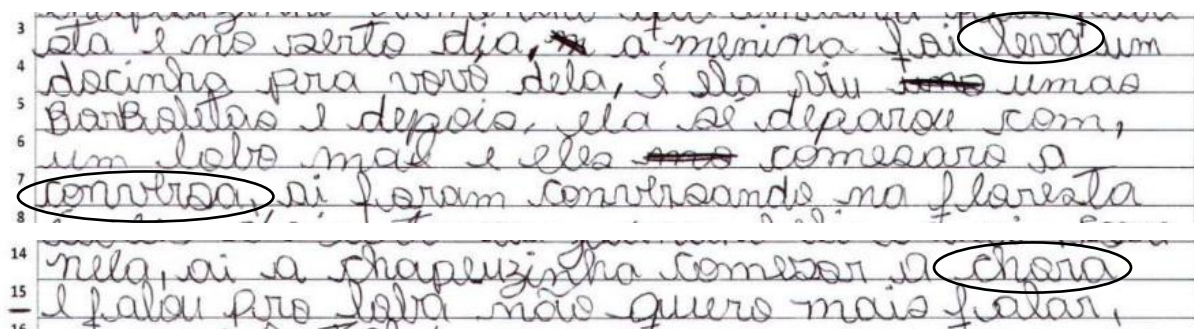
abertura	i/u	e/o	ε/ɔ	a
aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto 3	-	-	+	+

Fonte: elaboração própria com base em Wetzels (1992 apud Battisti; Vieira, 2001, p.169).

A distinção entre médias altas e baixas deve-se a [aberto 3]. São médias baixas: /ɔ/ e /ɛ/ médias altas: /e/ e /o/. Já /i/ e /u/ são altas, enquanto a /a/ cabe a presença dos três traços de abertura, sendo uma vogal baixa e a mais aberta de todas.

A vogal /a/ é classificada como vogal baixa central<sup>16</sup> neutra, cujo traço [-alto], como apontam Mendes e Oushiro (2014), que influencia o apagamento do /R/ na fala, pode ter influenciado a grande ocorrência de casos de apagamento nos dados coletados. Vejamos mais exemplos:

Figura 31 - Trecho da redação (Informante nº 17, Escola A)

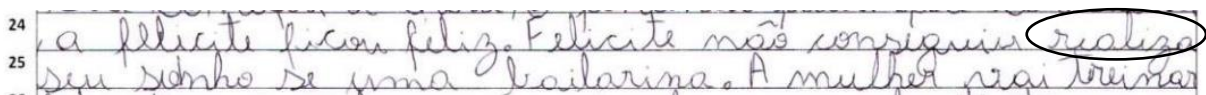


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 10:

“a menina foi *leva* um docinho pra vovo dela [...] e eles comessaro a *conversa*, ai foram conversando na floresta [...] ai a chapeuzinha comessar a *chora* e falou pro lobo” (Informante nº 17, Escola A)

Figura 32 - Trecho da redação (Informante nº 26, Escola A)

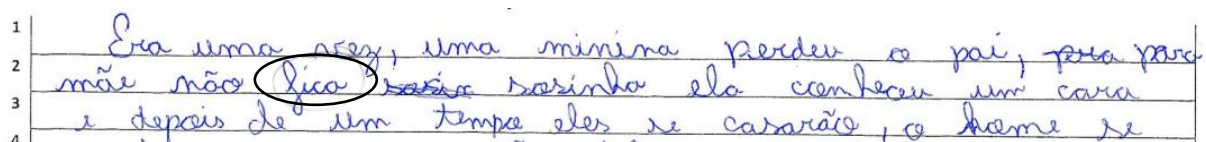


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 11:

“Felicite não conseguiu *realiza* seu sonho” (Informante nº 26, Escola A)

Figura 33 - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola B)



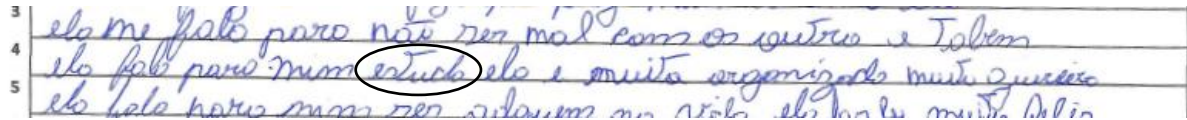
Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

<sup>16</sup> Alguns autores, como Cagliari e Massini-Cagliari (2001, p. 129), classificam-na como anterior.

Exemplo 12:

“para mãe não *fica* sosinha ela conheceu um cara [...]” (Informante nº 05, Escola B)

Figura 34 - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola C)

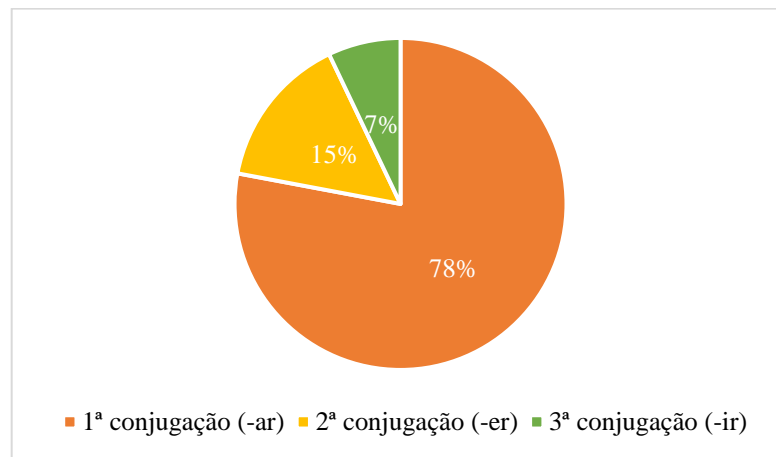


Fonte: banco de dados NEFONO (2019).

Exemplo 13:

“ela fala para mim *estuda* ela é muito organizada [...]” (Informante nº 05, Escola C)

Gráfico 5 - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto a sua conjugação



Fonte: elaboração própria (2023).

Dessa maneira, nos dados coletados nesta pesquisa, a maior ocorrência de apagamento do -R deu-se em infinitivos verbais da 1ª conjugação (-ar), o que vai ao encontro do mencionado anteriormente por Mendes e Oushiro (2014). No entanto, é preciso considerar, sobre os dados apresentados neste estudo, fatores como probabilidade – se houve mais verbos escritos terminados em -ar, é provável que haja mais ocorrências nestes. Ainda assim, pode-se constatar que, dos 112 infinitivos verbais que sofreram apagamento, aproximadamente 78% eram de primeira conjugação, o que denota uma grande diferença em termos de quantidade das ocorrências desse fenômeno nas outras conjugações verbais.

#### 4.5 Correlação entre a extensão do vocábulo e a ocorrência ou não de apagamento do -R final

Segundo Costa (2015, p. 93), na oralidade, é mais comum o falante suprimir o /R/ em final dos infinitivos e em palavras com mais de uma sílaba. Callou, Serra e Cunha (2015, p. 201) abordam que “[...] a partir da hipótese da saliência fônica, espera-se que, em vocábulos



com maior número de sílabas haja maior probabilidade de apagamento do /R/, pois o segmento seria, aí, menos saliente”<sup>17</sup>.

Callou, Moraes e Leite (1998, p. 66) constataram que a perda do /R/ é mais frequente nos verbos: o infinitivo e a primeira e terceira pessoas do futuro do subjuntivo. Já nos não verbos, em que o “r” não carrega informação gramatical, o peso relativo é baixo. Além disso, essa regra de supressão é variável de acordo com o tamanho da palavra, as palavras com apenas uma sílaba sofrem menos variação. Na tabela 10, apresentamos a quantificação dos casos de verbos que sofreram apagamento de acordo com a quantidade de sílabas e suas conjugações:

Tabela 10 - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas e suas conjugações

Número de sílabas	Infinitivos verbais que sofreram apagamento do -R			Total
	1ª conjugação (-ar)	2ª conjugação (-er)	3ª conjugação (-ir)	
Monossílaba	2	1	0	3
Dissílaba	66	16	8	90
Trissílaba	27	2	1	30
Polissílaba	4	0	0	4
Total	99	19	9	127

Fonte: elaboração própria (2023).

Por sua vez, na tabela 11, é apresentada a quantificação dos infinitivos verbais que não sofreram apagamento, classificados quanto ao número de sílabas e suas conjugações.

Tabela 11 - Quantidade de infinitivos verbais sem apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas e suas conjugações

Número de sílabas	Infinitivos verbais que não sofreram apagamento do -R			Total
	1ª conjugação (-ar)	2ª conjugação (-er)	3ª conjugação (-ir)	
Monossílaba	6	55	18	79
Dissílaba	198	79	30	307
Trissílaba	57	12	21	90
Polissílaba	12	3	0	15
Total	273	149	69	491

Fonte: elaboração própria (2023).

Na tabela 12, temos um resumo das duas tabelas anteriores, em que se apresentam as quantidades de infinitivos verbais com e sem apagamento do -R, de acordo com o número de sílabas. No gráfico 6, essas quantificações são representadas por porcentagem, de maneira que se facilite a visualização desses dados.

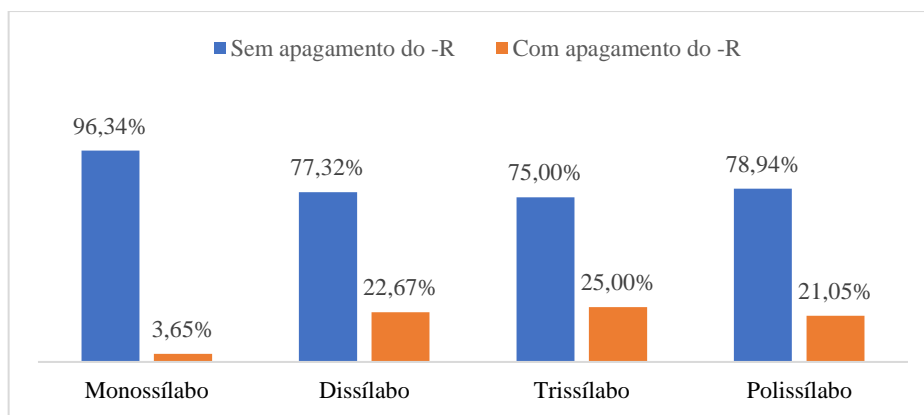
<sup>17</sup> O princípio da saliência fônica mostra que as formas mais salientes – e mais perceptíveis – são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes (Scherre, 1989, p. 301).

Tabela 12 - Quantidade de infinitivos verbais com e sem apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas

Número de sílabas	Infinitivos verbais que não sofreram apagamento de -R	Infinitivos verbais que sofreram apagamento de -R	Total
Monossílaba	79	3	82
Dissílaba	307	90	397
Trissílaba	90	30	120
Polissílaba	15	4	19
Total	491	127	618

Fonte: elaboração própria (2023).

Gráfico 6 - Comparativo entre infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas

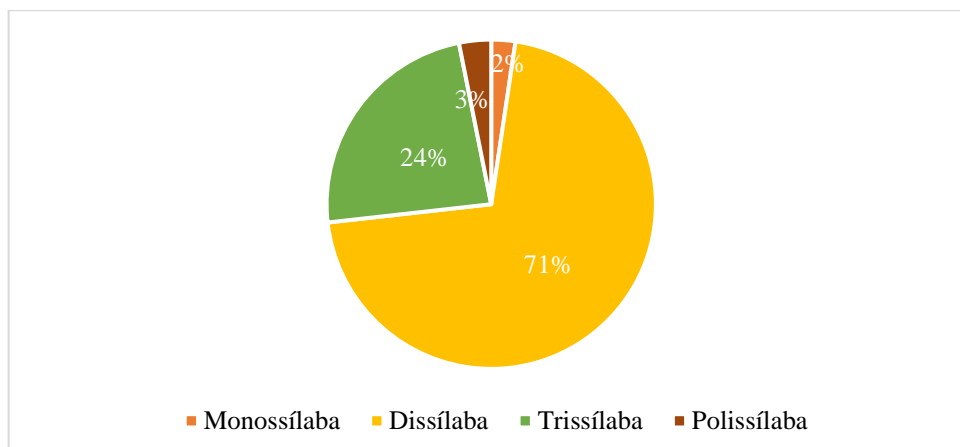


Fonte: elaboração própria (2023).

Nos dados de escrita analisados nesta pesquisa, a maior porcentagem de apagamento do -R, quando comparada com os verbos de mesma classificação quanto ao número de sílabas, ocorreu em infinitivos verbais trissílabos: 25% dos verbos trissílabos escritos tiveram o -R apagado na escrita desses alunos.

Ao comparar entre apenas os verbos que sofreram apagamento, conforme o gráfico 3 apresenta, percebemos que a maior quantidade dessas ocorrências se deu em verbos dissílabos.

Gráfico 7 - Quantidade de infinitivos verbais com apagamento do -R classificados quanto ao número de sílabas

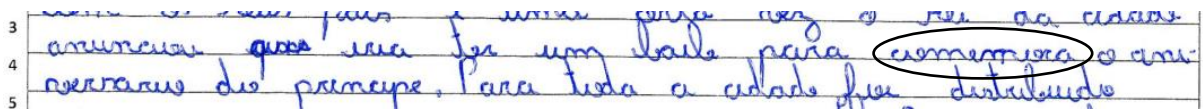


Fonte: elaboração própria (2023).

Estudos demonstram, como apresenta Mollica (2016, p. 29), que enunciados longos tendem a perder substância fônica em função do princípio de economia ou lei do menor esforço: não é raro encontrar-se o cancelamento da vibrante em palavras de grande extensão como agradecer > agradece.

Vejam alguns exemplos de infinitivos verbais trissílabos e polissílabos que sofreram apagamento do -R final:

Figura 35 - Trecho da redação (Informante nº 01, Escola B)

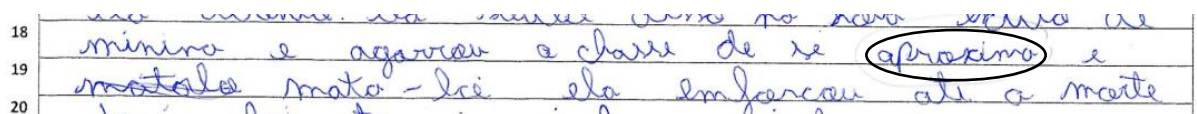


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 14:

“anunciou que iria ter um baile para *comemora* o aniversário do príncipe” (Informante nº 01, Escola B)

Figura 36 - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola B)

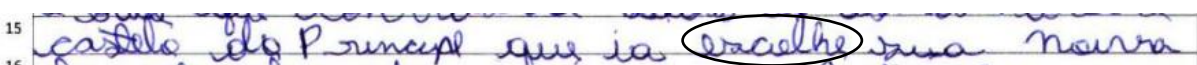


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 15:

“e agarrou a chasse de se *aproxima* e mata-la” (Informante nº 05, Escola B)

Figura 37 - Trecho da redação (Informante nº 21, Escola A)

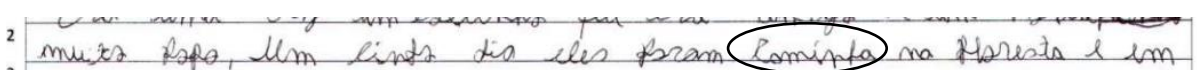


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 16:

“[...] do Príncipe que ia *escolhe* sua noiva” (Informante nº 21, Escola A)

Figura 38 - Trecho da redação (Informante nº 29, Escola A)



Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 17:

“um lindo dia eles foram *caminha* na floresta” (Informante nº 29, Escola A)

Figura 39 - Trecho da redação (Informante nº 02, Escola B)

4 ~~em um momento encontrei uma menina chamada~~  
5 ~~seja adelia e a menina foi direto se~~ **esconde**  
6 ~~atrás do árvore e quando a menina se~~ ~~escondeu~~

Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 18:

“e a menina foi direto se *esconde* atrás da árvore” (Informante nº 02, Escola B)

Figura 40 - Trecho da redação (Informante nº 09, Escola C)

9 ~~que eu acho ela é também um responsável, se depender da gente, nunca~~  
10 ~~vamos nos~~ **separa**, nós até ~~fica planejando~~ ~~de quando se formar~~  
11

Fonte: banco de dados NEFONO (2019).

Exemplo 19:

“se depender da gente, nunca vamos nos *separa*, nós até *fica* planejando [...]” (Informante nº 09, Escola C)

Por sua vez, os verbos monossílabos apresentaram menor ocorrência de apagamento, apenas 3,65%. Isso pode evidenciar que, a partir dos resultados desta pesquisa, os infinitivos verbais monossilábicos são menos suscetíveis a apagamento do -R final na escrita. Nos exemplos 20, 21 e 22, estão descritos três casos que foram identificados nas redações coletadas:

Figura 41 - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola A)

17 ~~Para~~ **da** ~~de come~~ ~~você~~ ~~melhor~~  
18

Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 20:

“– Para *da* de *come* você melhor” (Informante nº 05, Escola A)

Figura 42 - Trecho da redação (Informante nº 23, Escola A)

9 ~~acho melhor~~ **da** ~~o nome de~~ ~~bicicleidom~~  
10

Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 21:

“– acho melhor *da* o nome de bicicleidom” (Informante nº 23, Escola A)

Figura 43 - Trecho da redação (Informante nº 26, Escola A)

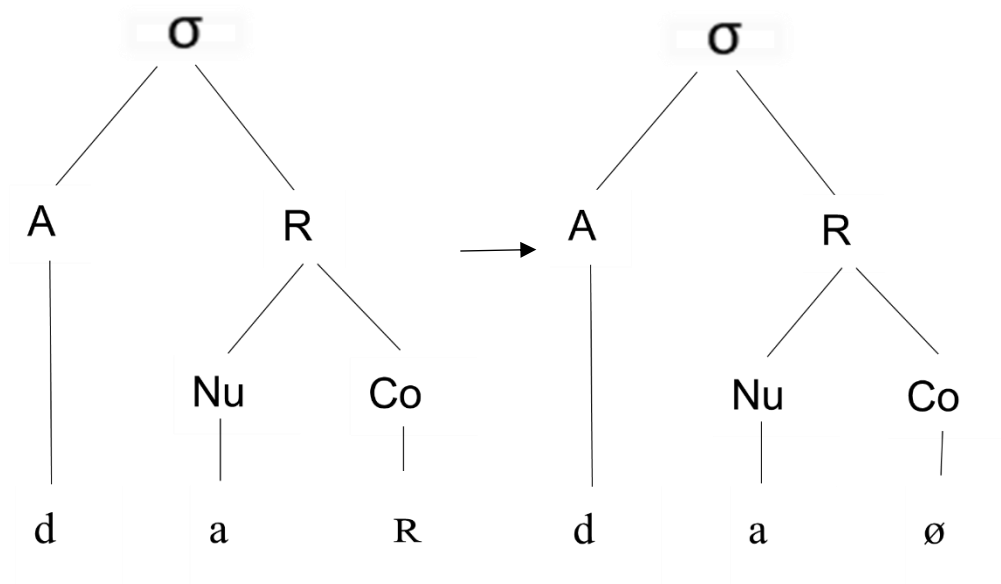
25 ~~seu sonho~~ **de** ~~uma~~ ~~bailearina~~. A mulher ~~vai~~ ~~treinar~~  
26 ~~felicitate~~ ~~para~~ ~~ela~~ ~~se~~ ~~uma~~ ~~bailearina~~, ~~felicitate~~ ~~treinar~~

Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

Exemplo 22:

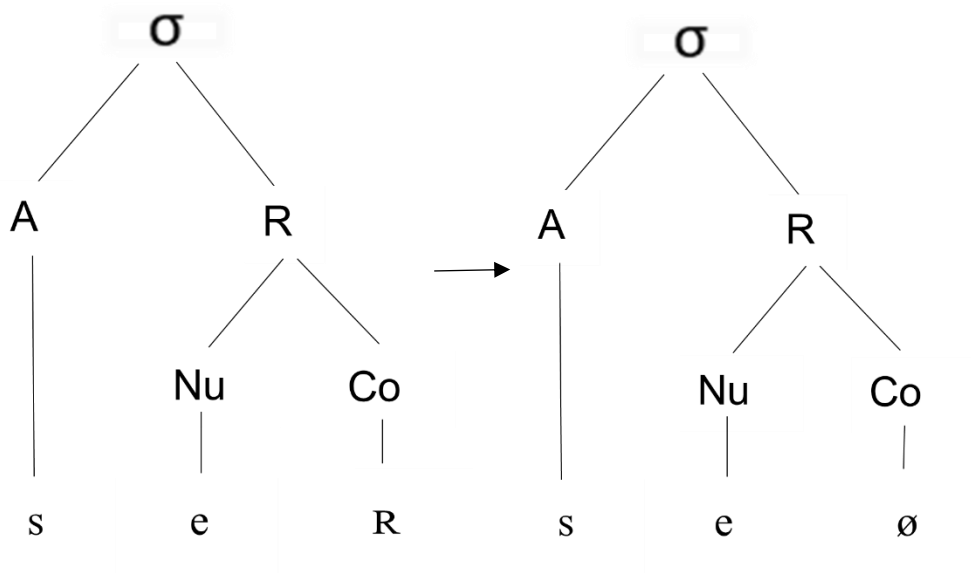
“A mulher vai treinar felicidade para ela *se* uma bailarina” (Informante nº 26, Escola A)

Figura 44 - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “dar”



Fonte: elaboração própria (2023).

Figura 45 - Ilustração do processo de apagamento do /R/ no verbo “ser”



Fonte: elaboração própria (2023).

Vemos, nesses exemplos, a simplificação da estrutura silábica para o padrão CV. Embora palavras como “da” e “se” possam ser confundidas com outras palavras de outras classes gramaticais, a partir do contexto da frase, percebemos que se trata dos verbos “dar” e

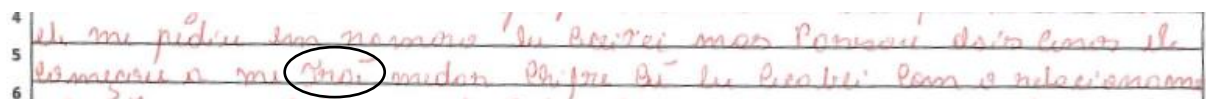
“ser”. O escrevente, apesar de não ter marcado a tonicidade com o -R final ou com um acento gráfico, pretendia escrever os infinitivos verbais, o que é percebido por meio da semântica da frase.

Acerca da tonicidade dos infinitivos verbais e do apagamento do -R final, é importante mencionar o que Bortoni-Ricardo nos aponta:

em todas as regiões do Brasil, o /r/ pós-vocálico, independentemente da forma como é pronunciado, tende a ser suprimido, especialmente nos infinitivos verbais: “correr > corrê; almoçar > almoçá; desenvolver > desenvolvê > sorrir > sorri. Quando suprimimos, alongamos a vogal final e damos mais intensidade a ela. [...] O falante da língua, quando suprime um /r/ em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /r/ (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 85).

A autora aborda o conseqüente alongamento da vogal final dos infinitivos verbais na fala, representado pela acentuação gráfica que faz para ilustrar a tonicidade dessas vogais. Esse possível alongamento na fala pode ser representado pelo aluno, também, na escrita, pelo acento gráfico, o que evidencia o conhecimento do estudante sobre a sílaba tônica da palavra em questão. Houve ocorrências de acentuação gráfica para representar esse alongamento do infinitivo verbal dentre as redações coletadas, como exemplificado em 23:

Figura 46 - Trecho da redação (Informante nº 04, Escola C)



Fonte: banco de dados NEFONO (2019).

Exemplo 23:

“ele começou a me *traí* medar chifre” (Informante nº 04, Escola C)

Casos como o do exemplo 23 foram mais raros dentre os dados coletados para esta pesquisa, mas, de fato, evidenciam que o aluno tem conhecimento da tonicidade da sílaba: [tra'i] em vez de ['traí]. E, a partir do contexto frasal, percebemos que se trata de um verbo no infinitivo, não na primeira pessoa do singular, como a forma escrita, isoladamente, seria considerada.

Esse ponto pode nos atentar ao fato de que, nos infinitivos verbais, a sílaba tônica será sempre a última, já que está no grupo das palavras oxítonas. Collischonn (2001, p. 135), ao analisar o acento no português, conclui que a posição do acento sobre a última sílaba é a preferida quando a palavra for terminada em consoante – que é o caso dos infinitivos verbais. Essa relação entre apagamento, tonicidade, acento e alongamento da vogal parece-nos uma questão muito interessante a ser investigada e que demanda futuras análises que possam

aprofundar essa observação.

#### 4.6 Influência da variante frequente na região de Porto Velho

Santos, Tavares e Prado (2021, p. 13) resgatam que, para Oliveira (2009) e Mendes e Oushiro (2014), o apagamento da consoante rótica na fala, no português brasileiro atual, ocorre também devido a variações dialetais. Assim, a região na qual está inserido o estudante pode ser um elemento importante para se estabelecer uma reflexão sobre esse fenômeno.

Dessa maneira, é possível que haja, ainda, tendência ao apagamento do /R/ por influência da variante frequente da região de Porto Velho, em contexto de coda silábica, tratando-se predominantemente do alofone [h] – *fricativa glotal*, como aponta Capilé (2004, p. 64), ao concluir, a partir dos dados de fala de porto-velhenses, que os róticos de seus informantes, excetuando-se o tepe, são fricativos e apresentam faixas de frequência próprias de fricativas posteriores, sendo surdo ou sonoro dependendo do contexto.

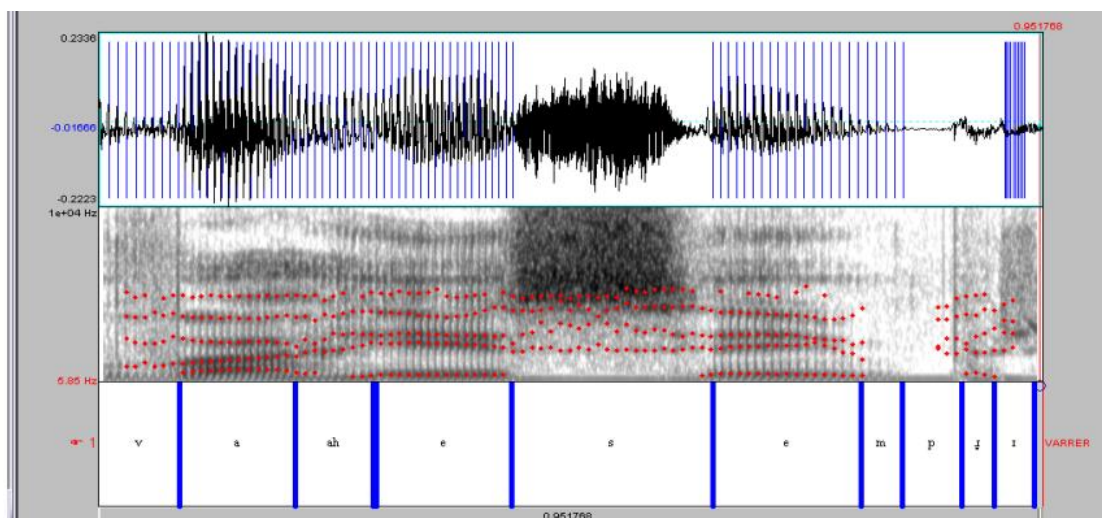
Um dos raros trabalhos sobre a fala rondoniense é o que se apresenta a partir de Teles (2006), o qual propõe a elaboração de um Atlas Linguístico para o Estado. Para Teles (2006), Rondônia é considerado um Estado cosmopolita, já que possui uma cultura marcada por diferentes regiões, as quais são origens de seus imigrantes, cujas marcas linguísticas influenciam a identidade linguística rondoniense.

Nesse artigo, Teles (2006) dá foco à realização do /R/ a partir da descrição acústica da produção do /R/ no falar de Guajará-Mirim, cidade do interior de Rondônia e um dos primeiros povoados do Estado, junto a Porto Velho. A hipótese que Teles (2006) levanta, perceptualmente, é que o /R/ falado em Guajará-Mirim tem uma realização glotal. Capilé (2004, p. 53), por sua vez, concluiu que o /R/ falado por seus informantes de Porto Velho tem uma realização posterior:

[...] que os róticos de nossos informantes, excetuando-se, obviamente o tepe, são fricativos e apresentaram faixas de frequência (sic) próprias de fricativas posteriores, variando entre 2.517 Hz e 9.138 Hz, com início baixo (exceção feita, em algumas realizações, ao quarto informante), sendo surdo ou sonoro dependendo do contexto.



Figura 47 - Forma de onda e espectrograma da sequência “varrer sempre”



Fonte: Teles (2006).

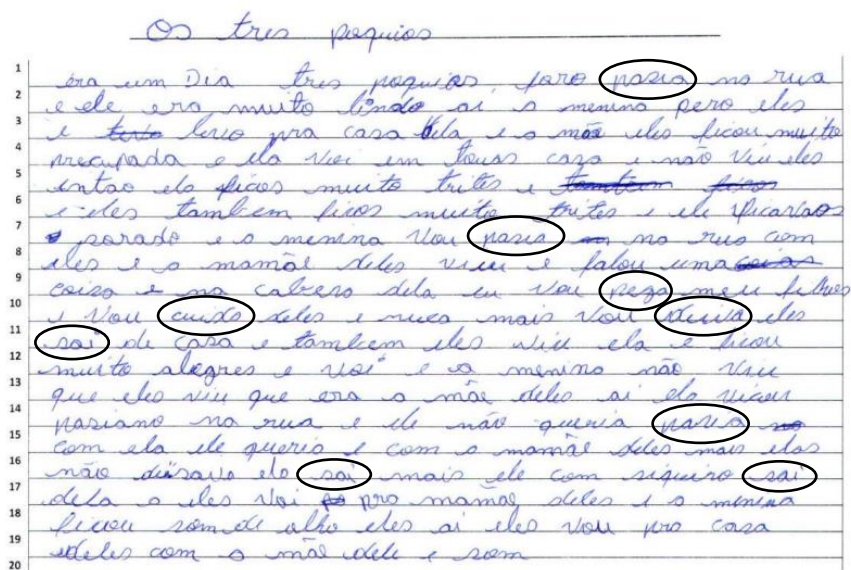
A Figura 47 exibe um espectrograma da sequência “varrer sempre”, em que ocorre o apagamento do /R/ final de “varrer”, além da realização do r-forte em contexto intervocálico como a fricativa [h], informações que vão ao encontro do que fora abordado anteriormente.

Em relação a esse ponto, acreditamos que seriam necessários mais estudos sobre a o rótico falado em Porto Velho, além de estudos específicos sobre a variante rótica dos alunos analisados nesta pesquisa.

#### 4.7 Outros casos relevantes

Entre as redações coletadas, houve um caso em que todos os infinitivos verbais escritos no texto sofreram apagamento do -R:

Figura 48 - Redação Informante nº 42, Escola A



Fonte: banco de dados NEFONO (2019).



## Exemplo 24:

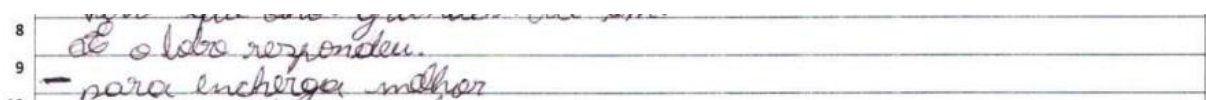
1 era um dia tres poquios foro *pasia* na rua  
 2 e ele era muito lindo aí a menina pero eles  
 3 e levo pra casa dela e a mãe ele ficou muito  
 4 preocupada e ela voi em touas casa e não viu eles  
 5 entao ela ficou muito tristes e  
 6 e eles tambem ficou muito tristes e eles ficavao  
 7 sarado e a menina vou *pasia* na rua com  
 8 eles e a mamãe deles viu e falou uma  
 9 coisa e na cabeça dela eu vou *pega* meus filhos  
 10 e vo *cuida* deles e nuca mais vou *deixa* eles  
 11 *sai* de casa e tambem eles viu ela e ficou  
 12 muito alegres e vai e a menina não viu  
 13 que eles viu que era a mãe deles ai ela vicou  
 14 pasiando na rua e ele não queria *pasia*  
 15 com ela ele queria e com a mamãe deles mais elas  
 16 não deixava elamais ele com siquiro *sai*  
 17 dela a eles voi pra mamãe deles e a menina  
 18 divou som de olho eles ai eles vou pra casa  
 19 deles com a mãe dele e som

(Informante nº 42, Escola A)

Nessa redação, o informante utilizou todos os infinitivos verbais sem o -R final, independente do contexto em que se inseria. A maioria dos verbos são de primeira conjugação (terminados em -ar) e os outros de terceira conjugação (terminados em -ir). Não houve caso de apagamento de infinitivo verbal da segunda conjugação. Esse exemplo nos leva a refletir se o escrevente aplica uma regra geral à grafia desses infinitivos verbais com base na sua oralidade.

Há ainda casos, como no exemplo 21 (p. 79 desta dissertação), de palavras de proximidade de palavras terminadas em “r” que pertencem a classes gramaticais diferentes. No exemplo 25, houve uma ocorrência semelhante:

Figura 49 - Trecho da redação (Informante nº 05, Escola A)



Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

## Exemplo 25:

“E o lobo respondeu.

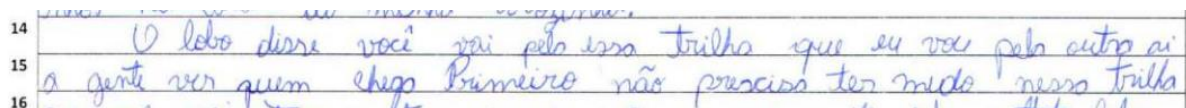
– Para *encher* melhor” (Informante nº 05, Escola nº A)

Ao redigir a frase do exemplo 25, apenas o verbo “enxergar” sofreu o apagamento do /R/, mesmo estando logo ao lado de uma palavra também terminada em “r” – “melhor” –, mas que pertence a outra classe de palavras, nesse caso, ao advérbio. Como já citado, pesquisas demonstram que, na fala, a probabilidade de se apagar o /R/ fim em verbos é maior de que em outras classes gramaticais. O que se vê aqui é que o apagamento do /R/ incide também sobre material com conteúdo morfológico e sintático.

Callou, Moraes e Leite (1998) explicam que o apagamento do /R/ é mais frequente nos verbos: o infinitivo é marcado em português tanto pela presença do -R final quanto pela tonicidade da sílaba. Na pesquisa feita pelos autores, nos não verbos, em que o R não carrega informação morfológica, o peso relativo foi baixo.

Pode ocorrer, ainda, o que conhecemos por hipercorreção, fenômeno em que um falante utiliza uma pronúncia que transcende a norma, quando de fato tal falante pretendia utilizar a linguagem de padrão e de prestígio (Cristóvão Silva, 2017, p. 133). Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 85), a regra de supressão do /R/ nos infinitivos dá origem a uma hipercorreção que resulta em construções como:

Figura 50 - Trecho da redação (Informante nº 22, Escola A)

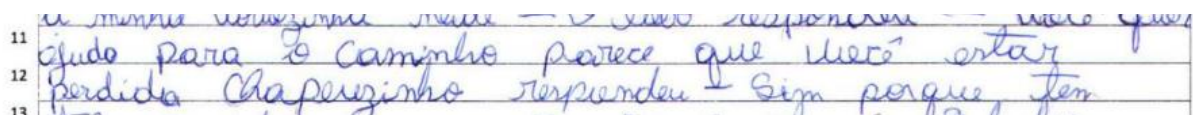


Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

## Exemplo 26:

“O lobo disse que você vai pela essa trilha que eu vou pela outra ai a gente *ver* quem chega primeiro” (Informante nº 22, Escola nº A)

Figura 51 - Trecho da redação (Informante nº 25, Escola A)



Fonte: banco de dados NEFONO (2018).

## Exemplo 27:

“Você quer ajuda para o caminho parece que você estar perdida” (Informante nº 25, Escola nº A)

Estas, como qualquer outra hipercorreção, decorrem de uma hipótese malsucedida. O falante da língua, quando suprime um -R em infinitivo verbal ao escrever, faz isso porque na língua oral ele já não usa mais esse /R/. Então, ao produzir formas como “vê” e “está”, no presente do indicativo da terceira pessoa do singular, imagina que nela também haveria um -R que foi igualmente suprimido, e acrescenta esse suposto -R, incorrendo numa hipercorreção (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 85). Bagno (2007, p. 56) aponta que a hipercorreção está relacionada ao monitoramento do escrevente que, pelo excesso de zelo pela correção, acaba infringindo regras de gramática normativa.

Por fim, é importante destacar ainda que, embora haja uma quantidade considerável de ocorrências de infinitivos verbais escritos sem o -R final, podemos perceber, a partir dos dados analisados, que 79,44% dos infinitivos verbais foram escritos da maneira como rege a ortografia. Isso indica que, embora ainda haja ocorrências dessas formas não-convencionais no 6º ano, a proposta de ensino escolar funciona, em parte, já que boa parte dos casos de escrita de infinitivos verbais foram escritos da maneira como determina as regras ortográficas. Os alunos, por estarem em fase de amadurecimento linguístico, formulam e reformulam hipóteses ao escreverem e, por vezes, podem escolher uma forma diferente da convencional ortograficamente. Nos dados coletados, portanto, 79,44% dos casos foram escolhidos de maneira adequada à norma, fator considerável para ser mencionado em nossa análise, embora não tenha se apresentado como foco deste estudo.

Assim, a partir das 127 ocorrências de apagamento do -R em final de verbos dispostos nas 104 redações analisadas, os fenômenos apresentados pelos resultados desta pesquisa demonstram a relevância de se investigar os fatores linguísticos condicionantes desse fenômeno.

Como considerações gerais a partir dos resultados desta pesquisa, constatamos: i) os alunos informantes estão em fase de aprendizagem das convenções da escrita; ii) a posição de coda final influencia o apagamento de /R/ na fala e, por conseguinte, pode influenciar a forma não-convencional de apagamento do -R na escrita de infinitivos verbais; iii) o contexto fonológico – tanto precedente como seguinte – pode influenciar o (não) apagamento do rótico, que, a partir dos dados analisados, se mostra mais frequente em verbos de 1ª conjugação e seguidos de consoante.

Desse modo, como os fatores condicionantes do apagamento do /R/ na fala também se apresentam quando se observa o apagamento do -R ortográfico da escrita de infinitivos verbais, consideramos que há uma relação entre o fato de escrita analisado e a oralidade, confirmando a hipótese inicial ora apresentada. Entretanto, é importante observar que o apagamento do -R na

escrita ocorre em uma porcentagem baixa de verbos, o que nos leva a refletir que os alunos analisados se encaminham para o aprendizado das convenções ortográficas, possivelmente, adquirindo consciência de que, ainda que apaguem os sons correspondentes ao /R/ na fala, a escrita dessas palavras apresenta o grafema -R.

Reconhecemos que ainda há muito para se analisar e refletir acerca desse assunto e esperamos que possa ser sequenciado em pesquisas futuras, além de, com este estudo, contribuir para o estímulo a outras análises que relacionem a fonética, a fonologia e a ortografia. Como alguns tópicos que merecem maior aprofundamento, destacamos: as características da variante rótica porto-velhense e seus traços; o acento e o alongamento da vogal nos infinitivos verbais como fatores a serem analisados nas ocorrências ou não de apagamento; e, a nível prosódico, a investigação sobre a relação entre domínios e fronteiras com os processos de apagamento ou manutenção do -R final de infinitivos verbais; entre outros desdobramentos que podem ter surgido ao longo da leitura deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da observação do fenômeno do apagamento de -R em fim de verbos no infinitivo em redações escolares, mais especificamente, em 104 textos narrativos produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental, pudemos observar que, do total de 618 ocorrências de verbos no infinitivo da 1ª, 2ª e 3ª conjugações, 127 sofreram o apagamento do -R final, o que corresponde a, aproximadamente, 20,55%.

Apresentamos, por meio de quadros, tabelas, gráficos e exemplos retirados das redações coletadas, a partir de análise quantitativa e qualitativa, o que condizia com os pressupostos teóricos aos quais nos amparamos para esta pesquisa, e outros estudos de mesmo objeto, seja em âmbito de fala ou de escrita, a fim de relacionarmos os fatores condicionantes da fala com as ocorrências desse fenômeno na escrita.

Ao elencarmos os principais fatores linguísticos condicionantes trabalhados na literatura sobre esse fenômeno tão marcado na oralidade, sendo eles: i) a posição do /R/ em coda final de palavra; ii) tendência à simplificação da estrutura da sílaba para o padrão CV; iii) influência do contexto fonológico seguinte; iv) influência do contexto fonológico precedente quanto ao traço de altura; v) correlação entre a extensão do vocábulo e a ocorrência ou não de apagamento; traçamos uma linha que caminha para a comparação entre os resultados desta pesquisa e os já obtidos em pesquisas anteriores, considerando a produtividade deste fenômeno sobre o qual há muitas discussões, fundamentando-nos nos pressupostos teóricos referenciados neste estudo.

Para Cagliari (1992, p. 41), o conhecimento das teorias linguísticas deve fazer parte indispensável da bagagem intelectual de um professor competente, conhecedor profundo do trabalho que realiza. Compreender as variantes fonológicas da língua facilita o trabalho da relação entre a oralidade e a escrita, sendo, portanto, extremamente relevante dar sequência aos estudos sobre fenômenos fonético-fonológicos que possam influenciar as formas não-convencionais na escrita de alunos.

Compreender o fenômeno de apagamento do -R em final de infinitivos verbais em produções textuais de alunos e seus fatores condicionantes auxilia na compreensão da relação mais ampla entre a oralidade e escrita e constitui um importante exercício de reflexão e análise linguística. Quando são conhecidas as características internas à língua que podem estar relacionadas a este equívoco de escrita, esse conhecimento contribui para a elaboração de estratégias pedagógicas que poderão ajudar a superar dificuldades de escrita específicas, em direção a uma melhor compreensão sobre como determinados aspectos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa podem impactar/favorecer casos de escrita não-convencional.

Ao entender melhor as formas não-convencionais de ortografia presentes em diferentes tipos de textos, a contribuição desta investigação se estende à área da educação. Ressalta-se ainda a importância de que se considere a “relevância de estudos de cunho fonético-fonológico para a descrição e interpretação de registros escritos que não seguem as convenções ortográficas, notadamente aqueles produzidos em ambiente escolar, nos vários ciclos da educação básica no Brasil” (Tenani, 2017, p. 582). A partir disso, além de considerarmos as interferências da fala na escrita como previsíveis, entendemos ainda que são produtos das relações entre os enunciados falados e escritos que são construídos por meio das práticas sociais e letradas.

Sabemos que é fundamental que a fonética e a fonologia dialoguem com a sala de aula a fim de gerar importantes contribuições teóricas para os estudos da fonologia e do ensino. Esperamos, com esta pesquisa, incentivar outros estudos que reflitam a relação entre a fonética, a fonologia e a escrita e que a descrição e a discussão trazidas neste trabalho possam servir de suporte para pesquisas futuras, que possibilitem traçar estratégias a fim de auxiliar o professor e o aluno em sala de aula. Esse movimento cíclico é importante para que estudos como este sejam cada vez mais valorizados e incentivados: é preciso retornar à comunidade os resultados de pesquisas que, a partir dela, deu-se início.

Ressaltamos ainda a relevância de se trabalhar com dados de informantes locais, visto que, na literatura sobre o tema, observa-se uma carência de pesquisas dessa área com base em dados de Rondônia, mais precisamente, Porto Velho. Finalizamos esta dissertação com a esperança de que esta pesquisa possa vir representar, então, um passo importante para futuras investigações e reflexões acerca desse fenômeno, que se mostra tão produtivo como objeto de numerosos estudos em diferentes regiões país, e de outros que permitam a reflexão entre oralidade, escrita e ensino, considerando, dessa vez, a realidade linguística porto-velhense.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, D.; OLIVEIRA, M. A. Canonicidade e aprendizagem da escrita. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, ano 6, n.5, v.1, p127-158, 1997.
- ALVES, U. K. Teoria da Sílabas. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. M. (org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 125-140.
- BALDOW, V. S.; SANTOS, A. J.; PACHECO, V. Os erros de pontuação de redações nota mil no ENEM à luz da Hipótese da Prosódia Implícita e da Fonologia Prosódica. *Revista Prolíngua*, 15(2), p. 242–256, 2020.
- BALDUINO, A. M.; GOUVEIA, A. A. M. *Processos fonológicos na produção escrita de alunos brasileiros e com ascendência boliviana: a relevância da sílaba e do acento*. Revista da Abralín, v. 22, n. 1, p. 1-34, 2023.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, M. *Não é errado falar assim!* em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BARBOSA, P. A. *Prosódia*. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.
- BARRETO, D. A. R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. *Análise do comportamento fonológico das consoantes líquidas do português dos trovadores*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – FCL/UNESP, Araraquara, 2023.
- BARRETO, D. A. dos R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. O apagamento das consoantes róticas finais: um estudo comparativo entre o português arcaico e o português brasileiro. *Revista do GEL*, v. 16, n. 1, p. 37-52, 2019. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/1873>. Acesso em: 14 jul. 2023.
- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 159-194.
- BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- BISOL, L. Os constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRANCO, A. A. T. C. *O apagamento do rótico em coda final em produções escritas no ensino fundamental II*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2020.

CAGLIARI, L. C. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (Livre-docência em Linguística) – UNICAMP. Campinas, 1982.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 1992.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1999.

CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CAGLIARI, L. C.; MASSINI-CAGLIARI, G. Quantidade e Duração Silábicas em Português do Brasil. In: *D.E.L.T.A.*, v.14, n. especial, 1998, p.47-59. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/download/43391/28851/0>. Acesso em: 14 jul. 2023.

CALLOU, D. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara. (Orgs.). *Mapeamento Sociolinguístico do Português brasileiro*. – São Paulo: Contexto, 2015.

CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CALLOU, D.; SERRA, C. Variação do rótico e estrutura prosódica. *Revista do GELNE*, vol. 14, nº Especial, 2012, p. 41-58.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do R Final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real. *D.E.L.T.A.* 14, n. especial, p. 61-72, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43392>. Acesso em: 24 abr 2023.

CALLOU, D.; SERRA, C.; CUNHA, C. Mudança em curso no português brasileiro: o apagamento do R no dialeto nordestino. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1238>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CÂMARA JR. J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CAPILÉ, A. M. P. *Análise Fonética de Róticos falados por habitantes nativos da Região urbana de Porto Velho*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Rondônia, Guajará Mirim, 2004.

CARDOSO, S. A. M. da S. et al. Atlas Linguístico do Brasil. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014.



CARMO, M. C. TABORDA, I. R. Apagamento de /r/ em coda silábica na variedade do interior paulista. *Letras Escreve*. Macapá, v. 9, n. 3, 2º sem., 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/5213/pdf>. Acesso em: 13 jul. 2023.

CHOSMKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Ma: Mit Press, 1965.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, 1985. The Geometry of Phonological Features. In: *Phonology Yearbook*, vol. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, p. 255-52.

CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. E. (eds.). *Papers in laboratory phonology I*. Between the grammar and physics of speech. Cambridge: Cambridge University Press, p. 283-333, 1990.

CLEMENTS, G. N. Place of Articulation in Consonants and Vowels: a Unified Theory. In: *Working Papers of Cornell Phonetics Laboratory*, vol. 5. 1991, p. 77-123.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In.: GOLDSMITH, J. (ed.). *The Handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 91-123.

COLLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001, p. 125-158.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

COSTA, G. B. Reflexões sobre o apagamento do rótico na escrita das séries iniciais. *Revista Philologus*, Ano 15, Nº 45. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.

COSTA, I. D. Q. *Da oralidade à escrita: uma abordagem fonológica sobre o apagamento do “r” na escrita de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2015.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Fonética e fonologia do português*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

CRISTÓFARO SILVA, T. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2017.

CRISTÓFARO SILVA, T. O alfabeto fonético internacional (revisado até 2019). *Fonologia.org*, 2019. Disponível em: <https://fonologia.org/fonetica-articulatoria-quadro-fonetico/>. Acesso em: 29 set 2023.

CRUZ OLIVEIRA, S.; PRADO, N. O apagamento do /R/ em final de infinitivos verbais em redações de alunos do Ensino Fundamental II. *Revista De Estudos Da Linguagem - Falange Miúda*, 5(2), 68-86. Disponível em: <http://www.falangemiuda.com.br/index.php/refami/article/view/334>. Acesso em: 27 dez. 2022.

FREIRE, J. B.; OLIVERIA, D. H. Apagamento do /r/ em final de palavras: o que dizem os textos escolares. *Revista Iniciação & Formação Docente*, Uberaba, MG, 2019.

GREGIO, F. N. Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. *Revista Intercâmbio*, v.XXVI: 80-94. São Paulo, 2012.

GOLDSMITH, J. *Autosegmental Phonology*. Tese (Doutorado). Cambridge, Ma: Mit, 1976.

GUILHERME, R. F. O. Apagamento do rótico em verbos no infinitivo, em dados escritos, do 8º e 9º anos. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, 2022.

HERNANDORENA, C. L M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

HORA, D. *Fonética e Fonologia*. Curso de Letras. Fascículo II. UFPB, 2009. Disponível em: [http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica\\_e\\_fonologia\\_1360068796.pdf](http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf). Acesso em: 29 ago 2020.

HORA, D.; VOGLEY, A. Fonologia autosegmental. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. M. (org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 63-80.

LEE, S. H. Fonologia Gerativa. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. L. (Orgs.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017, p.31-45.

LEE, S. H. Contraste das Vogais no PB. *Portuguese-Brazilian Studies*, v.5, p.201-221, 2008.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: desvendando a prosódia medieval*. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2015.

MASSINI-CAGLIARI, G. Brincando com os sons da língua: explorando os níveis fonético e fonológico. In: ABREU, A. S.; SPERANÇA-CRISCUOLO, A. C. (org.). *Português e Linguística: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2016.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado das Letras, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. Fonética. In.: MUSSALIM, F. BENTES, A. C (org.) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

MATZENAUER, C. L.; MIRANDA, A. R. M. Teoria dos Traços. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. M. (org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 125-140.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. O apagamento de (-r) em codas nos limites de variação. *Veredas on-line – atemática*. Juiz de Fora, v. 18, n. 2, p. 251-266, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/24963>. Acesso em: 27 dez. 2022.

MENDONÇA, C. S. I. A sílaba em fonologia. *Working Papers em Lingüística*, UFSC, n.7, p. 21-40, 2003.

MIRANDA, A. R. M.; MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da Fala e da Escrita: relações com a Fonologia. *Cadernos da Educação*. FaE/PPGE/UFPEL, Pelotas (35), p. 359-405, 2010.

MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2016.

MONARETTO, V. N. O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 253-268, 2002.

MONARETTO, V. N. O. O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*, vol. 35, n. 1, p. 275-284, 2000. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14768/9834>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MONARETTO, V. N. O. Realizações de R. In: BISOL, L.; BATTISTI, E. *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. p. 121- 132.

MONARETTO, V. N. O. *Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, V. N. O; QUEDNAU, L. R; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, Leda (org.) (1996) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.

OLIVEIRA, M. A. *Phonological variation and change in Brazilian Portuguese: the case of the liquids*. 1983. Tese de doutorado. University of Pennsylvania.

OLIVEIRA, M. A. *Conhecimento lingüístico e apropriação do sistema de escrita: caderno do formador*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

OLIVEIRA, M. A. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.6, n.2, p.31-58, 1997.

OLIVEIRA, M. B. Manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo na fala de Itaituba. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

PACHECO, V. *O efeito dos estímulos auditivo e visual na percepção dos marcadores prosódicos lexicais e gráficos usados na escrita do português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2006.

PEDROSA, J. Variação fonético-fonológica e ensino de Português. L. In: MARTINS, M. A. *Ensino de português e sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.

PINHEIRO, M. B. *O apagamento do –r em formas verbais infinitivas: diferenças e semelhanças entre a escrita em meio virtual e a impressa*. XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa - Paraíba, Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1097-1.pdf>. Acesso em: 07 abr 2021.

PRADO, N. C. CANGEMI, A. C. (org) *Estudos fonéticos e fonológicos: observando fatos linguísticos*. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, 2021.

SANTOS, H. H. R. Apagamento de rótico, epêntese e paragoge nas redações de alunos do ensino médio da EJA em escolas públicas de Porto Velho (RO). Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2021

SANTOS, H. H. R.; TAVARES, J. H. S.; PRADO, N. C. O apagamento do rótico em coda silábica na produção escrita de alunos do ensino médio/EJA em escolas públicas de Porto Velho-RO. In: PRADO, N. C. CANGEMI, A. C. (org) *Estudos fonéticos e fonológicos: observando fatos linguísticos*. Porto Velho, RO: Coleção Pós-Graduação da UNIR - EDUFRO, 2021.

SCIESZKA, J. *A verdadeira história dos Três Porquinhos*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a saliência fônica na concordância nominal em português. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias Sociolinguísticas*. São Paulo: Pontes, p. 301-32, 1989.

SEARA, I. C. *Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.

SELKIRK, E. The syllable. In: H. V. d. Hulst, & N. Smith (org.). *The structure of phonological representations: Part 2*. Dordrecht: Foris, 1982. p. 337-384.

SELKIRK, E. On the major class features and syllable theory. In: ARONOFF; OEHRLE (org). *Language Sound Structurn*. Cambridge, Ma: Mit Press, 1984, p. 107-136.

SENE, M. G. *Os desvios ortográficos em redações do Ensino Fundamental II: descrição, análise e atitudes linguísticas dos professores*. Dissertação (Mestrado em Linguística) –

FCL/UNESP. Araraquara, 2018.

SENE, M. G.; BARBOSA, J. B. Quando a oralidade chega à escrita: discutindo os desvios ortográficos em textos do Ensino Fundamental II de Uberaba/MG. *Revista A cor das Letras*, v. 19, n. 3, p. 7-26, 2018. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4340>. Acesso em: 20 nov 2022.

SENE, M. G.; ORANGES, C. S. Fala [ø] e escreve [ø]: variação do rótico em posição de coda na escrita escolar de Uberaba/MG. *Entrepalavras*, Fortaleza, ano 7, v. 7, n. 4 esp., p. 165-181, 2017.

SERRA, C.; CALLOU, D.; A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades. *Textos Seleccionados do XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra, APL, 2013, p. 585-594.

SILVA, A. P.; DIAS, L. A. L. Um estudo variável do rótico na escrita escolar. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 2, e1924, p. 1-24, 2020.

SIMÕES, D. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TELES, I. M. Falares e aspectos culturais de Rondônia: a importância dos estudos sociolinguísticos, fonéticos e dialetológicos. *SIGNUM: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 385-402, 2009. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4201>. Acesso em: 13 jul. 2023.

TELES, I. M. *Rondônia: um Estado cosmopolita: qual o porquê da elaboração de seu ALiRO*. In: Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, 2006.

TENANI, L. E. Domínios Prosódicos do Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. *Estudos Linguísticos XXXV*, p. 118-131, 2006.

TENANI, L. E. Fonologia e escrita: possíveis relações e desafios teórico-metodológicos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Nº. 59, vol.3. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2017.

TENANI, L. E. Fonologia Prosódica. In: HORA, D.; MATZENAUER, C. M. (org.). *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. p. 109-123

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.

VEGINI, V. As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonoestilístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 5, n. 9, 2007.

## ANEXO A – EXEMPLO DE REDAÇÃO COLETADA (TEXTO NARRATIVO)

## Rapunzel

1 Era uma vez, há muito tempo atrás... Um castelo bem  
 2 distante, vivia ali uma família real, porém, o rei, e a rainha  
 3 não eram totalmente uma família, porque não tinham  
 4 filhos.  
 5 A rainha, sabendo que não poderia ter filhos, já foi logo  
 6 ficando triste.  
 7 Mas o rei teve uma grande ideia. A ideia era para  
 8 adotar uma criança, para ser sua filha. A rainha rapi-  
 9 damente levantou e falou:  
 10  
 11 - O que estamos esperando, então? Vamos adotar uma criança!  
 12  
 13 Quando chegaram no alfamafe, viraram logo uma  
 14 linda menina, no conto, na dela, nem brincando estava. A  
 15 rainha se encantou com os cabelos longos da menina, e logo  
 16 adotou ela. Ela se chamaria Rute escolhido pelo rei, mas a rainha  
 17 queria Rapunzel.  
 18 O tempo vai passando e Rapunzel cresceu, aos 16 anos, a  
 19 menina adotiva não queria só ficar dentro do castelo, mas sim  
 20 explorar.  
 21 Em umas de suas "explorações", ela encontrou um homem que  
 22 chegou nela dizendo:  
 23 - Olá, você pode me dizer onde fica o castelo do rei e da rainha?  
 24  
 25 Ela respondeu: Não sim, sou a filha deles;  
 26 O homem já sabia, porque na verdade ele era um ladrão,  
 27 que o rei e a rainha não pagaram o que deveriam.  
 28 Então ele veio se vingar. Ele pegou a faca e quando ia matar  
 29 ela, um príncipe se apaixonou e matou o homem. O príncipe se apaio-  
 30 xou por ela e se casaram e todos juntos formaram uma família.

Informante nº: 24	Escola nº: A
Gênero textual: Narrativo	



## ANEXO B – EXEMPLO DE REDAÇÃO COLETADA (TEXTO DESCRITIVO)

## Tudo Sobre mim

1 Bom a pessoa que eu vou falar e sobre mim  
 2 eu sou uma pessoa alegre e não gosto que as pessoas  
 3 briguem comigo eu gosto de cantar eu gosto de passear  
 4 eu não gosto muito do meu tipo de cores, eu  
 5 sou um tipo de pessoa legal só que se a  
 6 pessoa tira-onda com a minha cara, se não  
 7 mas se mesma, minha cor de pele é morena e os  
 8 olhos meus olhos é preto e os do meu cabelo  
 9 é preto e meu cabelo é cacheado gosto das  
 10 cor do meu cabelo é o preto que ele é.  
 11  
 12  
 13  
 14  
 15  
 16  
 17  
 18  
 19  
 20  
 21  
 22  
 23  
 24  
 25  
 26  
 27  
 28  
 29  
 30

Escola nº: E	Ano: 6º	Informante nº: 19
Gênero textual: Texto descritivo		

## ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – ESTUDANTES

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1

Eu, \_\_\_\_\_ de nacionalidade \_\_\_\_\_, neste dia tenho a idade de \_\_\_\_\_ anos, com endereço \_\_\_\_\_, cidade de \_\_\_\_\_, Estado de Rondônia, estou sendo convidado (a) a participar do estudo denominado **ESTUDOS DE FONOLOGIA: ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA**, cujo objetivo é “investigar, a partir de diferentes gêneros de textos – especialmente registros escritos que, em muitos momentos, não seguem as convenções ortográficas – a relação entre oralidade e escrita, mais especificamente, a relação entre fonética/fonologia e escrita.”, seguindo o Presente Termo as determinações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

Sendo aluno de ensino fundamental, minha participação no referido estudo será produzir redações escolares que irão compor um banco de textos e fornecerão dados linguísticos para esta e futuras pesquisa.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meus dados pessoais, sobrenome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificar-me ou identificar minha origem familiar, será mantido em sigilo.

Também fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer tempo até que o estudo seja concluído (julho de 2021), sem que eu precise apresentar qualquer justificativa, e, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei prejuízo de quaisquer espécies.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a **Doutora em Linguística e Língua Portuguesa NATÁLIA CRISTINE PRADO**, atual Professora da **Graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas e do Mestrado Acadêmico em Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia** e com ela poderei manter contato pelo telefone 69-981072680 ou pelo e-mail natalia.prado@unir.br.

Faz parte da equipe de pesquisa a **aluna da Graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas SABRINA EVELYN CRUZ OLIVEIRA**, que desenvolve um estudo de Iniciação Científica vinculado à pesquisa ora



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

2

apresentada e ajudará na coleta dos textos.

É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, EXCETUANDO-SE as informações concernentes aos demais participantes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar da referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia, cujos telefones são (69) 2182 2111 ou 98434 4761 ou mandar um e-mail para cepunir@yahoo.com.br.

Isso posto, aponho a minha assinatura nesta última página e rubrico as demais que compõem o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que me é apresentado em 2 (duas) vias, sendo que o mesmo o faz a Pesquisadora do referido estudo, sendo que tomo posse de 1 (uma) via e a 2ª (segunda) via é entregue a Pesquisadora que deverá guardá-la em local seguro e juntamente com o questionário devidamente respondido por um período mínimo de 5 (cinco) anos.

---

Local e data.

---

Assinatura da Pesquisadora

---

Assinatura do (a) Participante

## ANEXO D - TCLE - RESPONSÁVEIS

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1

Eu, \_\_\_\_\_ de nacionalidade \_\_\_\_\_, neste dia tenho a idade de \_\_\_\_\_ anos, com endereço \_\_\_\_\_, cidade de \_\_\_\_\_, Estado de Rondônia, estou sendo convidado (a) a participar do estudo denominado **ESTUDOS DE FONOLOGIA: ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA**, cujo objetivo é “investigar, a partir de diferentes gêneros de textos – especialmente registros escritos que, em muitos momentos, não seguem as convenções ortográficas – a relação entre oralidade e escrita, mais especificamente, a relação entre fonética/fonologia e escrita.”, seguindo o Presente Termo as determinações da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS.

Sendo \_\_\_\_\_ responsável legal por \_\_\_\_\_, aluno de ensino fundamental, minha participação no referido estudo será a de conceder autorização para que ele participe da pesquisa produzindo redações escolares que irão compor um banco de textos que fornecerão dados linguísticos para esta e futuras pesquisas.

Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização.

Estou ciente de que a privacidade de todos os alunos de ensino fundamental envolvidos na pesquisa, bem como de seus responsáveis, será respeitada, ou seja, nossos dados pessoais, sobrenome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, nos identificar ou identificar nossa origem familiar, será mantido em sigilo.

Também fui informado (a) de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer tempo até que o estudo seja concluído (julho de 2021), sem que eu precise apresentar qualquer justificativa e, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei prejuízo de quaisquer espécies.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a **Doutora em Linguística e Língua Portuguesa NATÁLIA CRISTINE PRADO**, atual Professora da **Graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas e do Mestrado Acadêmico em Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia** e com ela poderei manter contato pelo telefone 69-981072680 ou pelo e-mail

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

2

natalia.prado@unir.br.

Faz parte da equipe de pesquisa a **aluna da Graduação em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e suas Literaturas SABRINA EVELYN CRUZ OLIVEIRA**, que desenvolve um estudo de Iniciação Científica vinculado à pesquisa ora apresentada e ajudará na coleta dos textos.

É assegurada a assistência durante toda a pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, EXCETUANDO-SE as informações concernentes aos demais participantes, durante e depois da minha participação.

Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar da referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para o Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Rondônia, cujos telefones são (69) 2182 2111 ou 98434 4761 ou mandar um e-mail para cepunir@yahoo.com.br.

Isso posto, aponho a minha assinatura nesta última página e rubrico as demais que compõem o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que me é apresentado em 2 (duas) vias, sendo que o mesmo o faz a Pesquisadora do referido estudo, sendo que tomo posse de 1 (uma) via e a 2ª (segunda) via é entregue a Pesquisadora que deverá guardá-la em local seguro e juntamente com o questionário devidamente respondido por um período mínimo de 5 (cinco) anos.

---

Local e data.

---

Assinatura da Pesquisadora

---

Assinatura do (a) Participante